

EVELIN LOUISE PAVAN RIBEIRO

UM ESTUDO DE MARCADORES CULTURAIS
NA OBRA *AN INVINCIBLE MEMORY*
PELO AUTOTRADUTOR JOÃO UBALDO RIBEIRO

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de Concentração: Lingüística Aplicada).

Orientadora: Profa. Dra. Diva Cardoso de Camargo

São José do Rio Preto
2006

Ribeiro, Evelin Louise Pavan.

Um Estudo de Marcadores Culturais na Obra *An Invincible Memory* pelo Autotradutor João Ubaldo Ribeiro. Evelin Louise Pavan Ribeiro. São José do Rio Preto: [s.n.], 2006.

162; 30 cm.

Orientadora: Diva Cardoso de Camargo

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Tradução e interpretação. 2. Tradução literária. 3. Lingüística de corpus. 4. Ribeiro, João Ubaldo, 1940- - *An Invincible Memory*. - Crítica e interpretação. 5. Marcadores culturais. 6. Normalização (Tradução). I. Camargo, Diva Cardoso de. II. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU - 81'25

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Prof^a. Dr^a. Diva Cardoso de Camargo – Orientadora
Prof. Dr. Antônio Manoel dos Santos Silva
Prof. Dr. Antônio Paulo Berber Sardinha

Suplentes

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Caltabiano
Prof. Dr. Eli Nazareth Bechara

*Aos meus pais,
por tudo que me proporcionaram
para que eu chegasse até aqui,
e ao meu namorado Adriano,
pelo incentivo e paciência.*

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Diva Cardoso de Camargo, pela competência e dedicação com que me orientou.

À Profa. Dra. Cláudia Maria Xatara e à Profa. Dra. Célia Magalhães, pelas sugestões que muito contribuíram para o aperfeiçoamento da nossa pesquisa.

Ao Prof. Dr. Antônio Manoel dos Santos Silva e ao Prof. Dr. Eli Nazareth Bechara, pelas valiosas observações sobre a dissertação no exame de qualificação.

Ao Prof. Dr. Antônio Manoel dos Santos Silva e ao Prof. Dr. Antônio Paulo Berber Sadinha, pelas valiosas observações e sugestões na defesa da dissertação.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-graduação e da Biblioteca do IBILCE, pela presteza em ajudar sempre que requisitados.

Às companheiras de equipe, pela presença e pelas horas de estudo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. LITERATURA E TRADUÇÃO	16
1.1. Literatura traduzida: propagação de cultura	23
1.2. João Ubaldo Ribeiro: <i>tradutor de si mesmo</i>	28
1.2.1. <i>Viva o Povo Brasileiro</i> : memória coletiva de um povo	31
1.2.2. O autotradutor e a obra traduzida.....	38
2. TRADUÇÃO E LINGÜÍSTICA DE CORPUS	41
2.1. Conceituação dos termos “corpus” e “marcador cultural” no âmbito da pesquisa	41
2.2. Percurso teórico dos estudos da tradução baseados em corpus.....	46
2.2.1. Interface dos estudos da tradução baseados em corpus e os estudos descritivos da tradução	47
2.2.2. Interface dos estudos da tradução baseados em corpus e a lingüística de corpus	50
2.4. Os marcadores culturais e as modalidades tradutórias	66
2.5. Os marcadores culturais e a classificação por domínios culturais	69
3. MATERIAL E MÉTODO.....	71
4. ANÁLISE DA TRADUÇÃO DE MARCADORES CULTURAIS.....	78
4.1. Marcadores Culturais, considerados palavras-chave, na obra <i>Viva o Povo Brasileiro</i>	78
4.2. Marcadores por domínios culturais	107
5. ANÁLISE DE TRAÇOS DE NORMALIZAÇÃO.....	113
5.1. Análise de traços de normalização referentes a diferenças no emprego de pontuação	114

5.2. Análise de traços de normalização referentes a omissões	116
5.3. Análise de traços de normalização referentes à alteração de registro: linguagem coloquial para formal e vice-versa	118
5.4. Análise de traços de normalização referentes a diferenças no emprego de metáforas.....	120
5.5. Análise de traços de normalização referentes à explicitação no texto de chegada	122
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 125
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 131
 APÊNDICE A - Lista das cem palavras mais freqüentes	 137
APÊNDICE B - Lista de palavras-chave consideradas marcadores culturais em <i>Viva o Povo Brasileiro</i>	139
APÊNDICE C - Glossário de marcadores culturais em <i>Viva o Povo Brasileiro</i>	141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Marcadores culturais selecionados para análise, por valor decrescente de chavidade	79
Tabela 2 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural CABOCO	80
Tabela 3 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural BAIACU.....	82
Tabela 4 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural GENTE	84
Tabela 5 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural NEGRO	87
Tabela 6 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural CACHAÇA.....	91
Tabela 7 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural MESTRE	93
Tabela 8 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural SAVEIRO.....	96
Tabela 9 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural ENGENHO.....	98
Tabela 10 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural IANSÃ.....	101
Tabela 11 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural IAIÁ.....	103
Tabela 12 - Classificação dos marcadores culturais selecionados para análise por modalidades tradutórias	104
Tabela 13 - Distribuição dos marcadores por domínios culturais	107
Tabela 14 - Palavras-chave no domínio material	108
Tabela 15 - Palavras-chave no domínio social	108
Tabela 16 - Palavras-chave no domínio ideológico	110
Tabela 17 - Palavras-chave no domínio ecológico.....	110
Tabela 18 - Palavras-chave em mais de um domínio	112

RIBEIRO, Evelin Louise Pavan. UM ESTUDO DE MARCADORES CULTURAIS DA OBRA *AN INVINCIBLE MEMORY* PELO AUTOTRADUTOR JOÃO UBALDO RIBEIRO. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos (Estudos da Tradução) da Universidade Estadual Paulista – UNESP, câmpus de São José do Rio Preto, 2005.

RESUMO

A presente pesquisa buscou examinar a obra *An Invincible Memory*, que contém acentuada quantidade de marcadores culturais de determinada realidade extralingüística, com o objetivo de analisar as escolhas do autotradutor, João Ubaldo Ribeiro, ao transpor e transformar esses marcadores para o contexto da cultura de chegada, bem como identificar possíveis aspectos de normalização. Para a análise de marcadores culturais, a pesquisa apóia-se na abordagem interdisciplinar proposta por Camargo (2004, 2005) envolvendo os estudos de tradução baseados em corpus de Baker (1993, 1995, 1996, 2004), os estudos de lingüística de corpus de Berber Sardinha (2000, 2004), mais a inserção dos trabalhos sobre domínios culturais de Nida (1945) e de Aubert (1981), sobre modalidades tradutórias de Aubert (1984,1998), e sobre traços de normalização de Baker (1996) e de Scott (1998). Os resultados obtidos revelam que a maioria dos marcadores culturais podem ser classificados dentro do domínio da cultura material, com 43%, seguido pelo domínio da cultura social, com 29%, pelo domínio da cultura ideológica, com 15%, e pelo domínio da cultura ecológica, com 13%, o que espelha o contexto da obra. Também foi possível observar traços de normalização que indicam o uso de estratégias, de modo consciente ou inconsciente, por parte do tradutor, para conferir fluência ao texto traduzido e facilitar a leitura para o público de língua inglesa.

Palavras-chave: Estudos da tradução baseados em corpus. Tradução literária. Marcadores culturais. Normalização. João Ubaldo Ribeiro.

RIBEIRO, Evelin Louise Pavan. A STUDY OF CULTURAL MARKS IN THE TRANSLATED TEXT *AN INVINCIBLE MEMORY* BY THE SELF-TRANSLATOR JOÃO UBALDO RIBEIRO. Master's dissertation presented to Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus of São José do Rio Preto, State of São Paulo, Brazil, 2005.

ABSTRACT

The present study aimed at investigating the work *An Invincible Memory*, which contains a great amount of cultural markers, in order to analyse the choices of the *self-translator*, João Ubaldo Ribeiro, who transfers and transforms these cultural markers to the context of the translated text. This study also intends to identify possible normalization features. Our investigation is based on Camargo's interdisciplinary proposal (2004, 2005), which involves Baker's corpus-based translation studies (1993, 1995, 1996, 2004), and Berber Sardinha's corpus linguistics studies. Our work also includes Nida's (1945) and Aubert's (1981) works on cultural domains, Aubert's proposal (1984, 1998) for translation modalities, and Baker's (1996) and Scott's (1998) works on normalization features. The obtained results showed that great part of cultural markers can be classified as the material cultural domain, with 43%, followed by the social cultural domain, with 29%, the ideological cultural domain, with 15%, the ecological cultural domain, with 13%. The cultural domains point out the context of the source text. It was also possible to observe that normalization features tend to reveal, conscious or unconscious, the use of fluency strategies by the self-translator, trying to make the translated text easier to read.

Keywords: Corpus-based translation studies. Literary Translation. Cultural Markers. Normalization. João Ubaldo Ribeiro.

INTRODUÇÃO

Atualmente a tradução vem ganhando um espaço maior no âmbito das pesquisas, devido a freqüentes mudanças ocorridas, tanto em termos sócio-políticos e econômicos como comunicativos. A globalização, o desenvolvimento tecnológico, a criação da Internet e a tendência à quebra de fronteiras para o livre comércio entre as comunidades têm exigido profissionais qualificados, trazendo a necessidade de intensificar estudos na área, assim como questionar teorias sobre a “impossibilidade” da tradução.

A “impossibilidade” da tradução está ligada a concepções de “fidelidade” às intenções do autor, às suas expectativas em relação ao texto de partida e ao texto de chegada. No entanto, essa noção mostra-se relativa e questionável. De acordo com Arrojo:

O leitor de um texto não pode proteger os significados originais de um autor porque, a rigor, nem o próprio autor poderia estar plenamente consciente de todas as intenções e de todas as variáveis que permitem a produção e a divulgação de seu texto. Da mesma forma, no momento de leitura, o leitor não poderá deixar de lado aquilo que o constitui como sujeito e como leitor, suas circunstâncias, seu momento histórico, sua visão de mundo, seu próprio inconsciente (ARROJO, 1986, p.136).

Esse ponto de vista sugere que as traduções dão margem a interpretações diferentes, influenciadas por regras sociais da comunidade interpretativa a que os leitores, tradutores e críticos pertencem. Essas comunidades interpretativas têm conceitos diferentes e relativos sobre linguagem, língua, literatura, tradução, etc. Ler é fazer interpretações, o mesmo ocorrendo com o ato de traduzir. Enquanto uma comunidade de falantes focaliza o texto de partida e o autor, outras enfatizam o receptor, o público de língua alvo. No entanto, como Aubert (1993) destaca: além da divergência, tem de haver um mínimo de convergência para que possa ocorrer a tradução. Para o autor (*ibidem*), a fidelidade está ligada a vários fatores

como a natureza do texto de partida (no caso da obra literária), o estilo do autor e os objetivos e expectativas dos leitores.

Sabe-se que grande parte das dificuldades do ato tradutório são, em certa medida, devido a diferenças estruturais entre a língua de partida e a língua de chegada, e sobretudo devido a diferenças decorrentes de realidades específicas distintas expressas nas respectivas línguas. Sendo assim, cada língua tem significados próprios e distintivos para determinadas situações e determinados contextos, ou seja:

cada língua é o resultado do trabalho de dezenas e centenas de gerações, é o repertório de uma tradição – ou conjunto de tradições – em que determinadas correspondências forma/sentido constituem configurações consolidadas, imediatamente apreensíveis marcadas e entremeadas pela história coletiva da comunidade de falantes e pela história individual de cada um desses falantes (AUBERT, 1995, p.34).

Problematizando a questão, quando se traduz um texto literário, espera-se recuperar não somente o conteúdo, mas todo um contexto situacional, temporal, estilístico e cultural, que ultrapassa as barreiras da simples transmissão de informações. Por essa razão, torna-se cada vez mais necessário o aperfeiçoamento de profissionais e a realização de pesquisas, sob diferentes perspectivas, que possam contribuir para minimizar os problemas e desafios que envolvem a tradução cultural. Embora estudos já tenham sido feitos sobre a tradução cultural, muitas, ainda, são as questões a serem resolvidas. Sendo assim, tornam-se importantes estudos descritivos de traduções de obras que tenham predominância de aspectos culturais como em *Viva o Povo Brasileiro (VPB)*, de João Ubaldo Ribeiro.

O critério de escolha desta obra para análise deve-se a dois fatores. Primeiro, ser uma obra da nossa literatura contemporânea que mostra a formação da identidade do povo brasileiro; portanto, com marcas lingüístico-culturais presentes em seu léxico. Segundo, por ela ter sido traduzida pelo próprio autor, o que nos despertou o interesse para investigar qual seria o seu posicionamento como autotradutor.

Desse modo, a nossa pesquisa tem como objeto de estudo o produto final de um texto traduzido contendo substancial quantidade de marcadores culturais de determinada realidade extralingüística, no caso, da Bahia e do Brasil, com vista a analisar as escolhas do *tradutor de si mesmo*, João Ubaldo Ribeiro, ao transpor e transformar esses marcadores para o contexto de *An Invincible Memory* (AIM). Também esta investigação tenciona identificar e analisar possíveis traços de normalização presentes no texto de chegada, os quais, de acordo com Baker, apresentam “a tendência em exagerar características da língua alvo para adequá-las a seus padrões típicos”(BAKER, 1996, p. 183).¹

Como perguntas de pesquisa, indagamos: (a) quais marcadores culturais apresentam-se como estatisticamente significantes no texto de partida; (b) como o autotradutor recuperou o significado desses marcadores no texto de chegada; (c) como esses marcadores distribuem-se por domínios culturais²; e (d) como e se João Ubaldo Ribeiro, sendo *tradutor de si mesmo*, valeu-se de recursos lingüístico-tradutórios na língua de chegada, os quais poderiam ser identificados como traços de normalização.

Sendo assim, nossos objetivos gerais para a presente pesquisa são:

- 1- Observar o grau de similaridade e diferenciação na tradução de marcadores culturais estatisticamente significantes na obra *Viva o Povo Brasileiro* em relação à respectiva tradução *An Invincible Memory*.
- 2- Identificar características de textos traduzidos nas obras em questão: *Viva o Povo Brasileiro* → *An Invincible Memory*.
- 3 - Observar quais as tendências apresentadas pelo autotradutor diante do próprio texto literário.

Como objetivos específicos propomos:

- 1- Examinar a tradução de marcadores culturais no texto de chegada *An Invincible Memory* em relação aos marcadores culturais no texto de partida *Viva o Povo Brasileiro*
- 2- Classificar e analisar os marcadores culturais por domínios culturais.

¹ Normalization is a tendency to exaggerate features of the target language and to conform to its typical patterns.

² De acordo com Aubert (1981, p.37), os domínios culturais fazem parte de “um sistema classificatório” proposto por Nida (1945), “que reparte as unidades lingüísticas referentes a realidades específicas”.

- 3- Classificar e analisar os marcadores culturais por modalidades tradutórias.
- 4- Identificar traços característicos de normalização, no texto de chegada *An Invincible Memory* com relação ao texto de partida *Viva o Povo Brasileiro*, para textos traduzidos.

Com a intenção de responder às perguntas e aos objetivos propostos, adotamos, como fundamentação teórica, a abordagem interdisciplinar proposta por Camargo (2004, 2005) envolvendo os estudos de tradução baseados em corpus de Baker (1993, 1995, 1996, 2004) e os estudos de Berber Sardinha (2000, 2004) sobre lingüística de corpus.

Quanto à forma de análise dos dados, a descrição dos marcadores culturais também passou a requerer a proposta das modalidades tradutórias, reformulada por Aubert (1984, 1998) e a proposta de domínios culturais de Nida (1945), também reformulada por Aubert (1981). Já para a identificação e a análise dos traços de normalização, apoiamo-nos na proposta de Baker (1996) e de Scott (1998).

João Ubaldo Ribeiro é considerado um escritor com forte presença da tradição humanista e, embora seja visto como um autor heterogêneo, suas obras mostram preocupações básicas, comuns ao sincretismo religioso, à justiça dos homens e à discriminação. Em *Viva o Povo Brasileiro*, a ênfase nos temas sobre identidade e miscigenação dão lugar a outros temas, em especial o da constituição do país que, por sua vez, envolve também a escravatura negra e indígena. O autor critica, na obra, a situação de dependência econômica e cultural no transcorrer da história, o que, a seu ver, criou uma valorização excessiva de tudo que venha de fora e, ao mesmo tempo, levou a uma desvalorização do nacional.

Apesar de João Ubaldo Ribeiro, enquanto autor, ter recebido constantes elogios da crítica literária, tanto no Brasil como no exterior com relação à *Viva o Povo Brasileiro*, pouco se fala a seu respeito como *tradutor de si mesmo*. Exemplo disso é o crítico John Gledson que, embora elogie a obra original e tenha conhecimento do desempenho do autor como

tradutor, em um artigo para *The Times Literary Supplement* quase não menciona João Ubaldo Ribeiro como tradutor. Apenas faz um comentário no último parágrafo: “Ribeiro traduz seus próprios romances para o inglês, quase que de forma perfeita, o que não é uma façanha pequena, dada a riqueza lingüística das obras” (GLEDSON, 1989, p.1088)³.

A dificuldade de tradução da obra é reconhecida por Luiz Angélico da Costa, que estudou João Ubaldo Ribeiro como *tradutor de si mesmo* e comenta que:

[...] Ubaldo Ribeiro (que segundo ele próprio levou mais tempo para traduzir do que escrever *Viva o Povo Brasileiro*) não fazendo segredo de que não tem gosto especial pela tradução, nem deseja voltar a traduzir suas próprias obras. [...] Pode-se imaginar a sensação de perda do autor, em sua condição de tradutor de seu próprio texto, ao sentir-se impossibilitado de expressar na língua 2 a pujança, o frescor e a vitalidade da concepção original (COSTA, 1994, p.183-184).

Em decorrência da qualidade da obra e do número elevado de marcadores culturais nela presentes, o corpus selecionado constitui um material rico para análise, tanto no original como na tradução.

A apresentação desta dissertação, além desta *Introdução*, está dividida em cinco seções, mais as *Considerações Finais*, as *Referências Bibliográficas* e *Bibliografia Consultada* e três *Apêndices*. Na *Introdução*, encontram-se as considerações iniciais que motivaram o nosso estudo, o objeto a que nos propomos investigar, as perguntas de pesquisa e os objetivos.

Na seção 1. *Literatura e Tradução*, apresentamos, de modo sucinto, o percurso da teoria da tradução, do ponto de vista da literatura, algumas características da tradução literária e o papel da tradução como propagadora de cultura. Fazemos, também, um breve relato da vida e obra do autotradutor, com base em alguns críticos literários.

³ “Ribeiro translates his own novels into English, almost wholly successfully – no small feat, given their linguistic weath”.

Na seção 2. *Tradução e Lingüística de Corpus*, abordamos a fundamentação teórica que deu base e sustentação à pesquisa, no que diz respeito aos estudos da tradução baseados em corpus, aos marcadores culturais, às modalidades tradutórias, aos domínios culturais e à normalização.

Na seção 3. *Material e Método* estão detalhados o material utilizado para a compilação do corpus, os passos metodológicos adotados e a forma e a análise dos resultados.

Na seção 4. *Análise de Marcadores Culturais* constam os exames desenvolvidos para os dez marcadores culturais, selecionados pelo critério de chavicidade por meio da ferramenta KeyWords do programa WordSmith Tools, bem como a classificação e análise dos marcadores por domínios culturais.

Na seção 5. *Análise dos Traços de Normalização*, abordamos cinco aspectos de normalização encontrados na obra de João Ubaldo Ribeiro, os quais permitem apontar algumas tendências lingüístico-tradutórias do autor enquanto *tradutor de si mesmo*.

Nas *Considerações Finais*, apresentamos algumas respostas para os objetivos e questões levantadas na *Introdução*, e algumas conclusões a que chegamos com o desenvolvimento da pesquisa.

Nas *Referências Bibliográficas e Bibliografia Consultada* encontram-se elencados os textos utilizados na pesquisa. O *Apêndice A* contém a lista das cem primeiras palavras por ordem de frequência da obra *Viva o Povo Brasileiro*; o *Apêndice B*, a lista dos marcadores culturais considerados palavras-chave num âmbito de 600 termos; e o *Apêndice C*, um glossário com 118 marcadores culturais extraídos de *Viva o Povo Brasileiro* e seus correspondentes em *An Invincible Memory*, os quais estão classificados por domínios culturais.

1. LITERATURA E TRADUÇÃO

A atividade de tradução é um processo e um produto histórico que se constituiu ao longo do tempo e ao lado de outras atividades importantes para o homem, como a linguagem e a literatura. Os primeiros estudos registrados são as reflexões de Cícero e Horácio (CAMPOS, 1986), e, desde então, a história da tradução vem marcada por uma série de tentativas por parte de diversos pesquisadores para estabelecer princípios e parâmetros para a estruturação de uma teoria da tradução.

Nesse sentido, muito esforço foi empenhado para que chegássemos às diversas concepções atuais sobre o que seja uma teoria da tradução. No entanto, há, ainda, pouco consenso e muita contradição sobre os principais aspectos discutidos, e isso se deve aos vários pontos de vista pelos quais o ato tradutório é observado.

Por muito tempo, a tradução foi considerada uma atividade inferior da linguagem, e, mesmo atualmente, é considerada, por muitos, uma atividade secundária, “um processo mecânico e não criativo” (BASSNETT, 1980, p. 2), por isso, de menor valor. Essas concepções ocorrem, provavelmente, devido ao fato de os estudos literários terem sido os primeiros a adotarem a tradução como objeto de estudo, o que a colocava em segundo plano em relação à obra literária, provavelmente devido à sacralização que geralmente ocorre do autor e sua obra em relação ao tradutor e ao original. Como consequência, a literatura de partida goza de grande prestígio e a forma e o conteúdo do texto de partida são privilegiados na tradução. Esse fato acontece em parte como consequência da grande valorização à singularidade da obra literária, que considera cada obra única e inviolável, por tanto, intraduzível.

Entretanto, a tradução está presente em grande parte da história da literatura e sob variadas formas, possibilitando a pessoas de comunidades lingüísticas diferentes

comunicarem-se e interagirem, trocaram conhecimentos e divulgarem sua cultura, de forma eficaz. De uma maneira ou de outra, as traduções estão presentes no mundo, reproduzindo-se cada vez mais. A esse respeito, Omena comenta:

Ao que parece, a tradução literária é o “calcanhar de Aquiles” dos estudos em tradutologia. Tal situação se dá devido ao fato de não haver um consenso sobre a própria essência do literário e, por sua vez, da tradução literária. A discussão da possibilidade ou não da tradução literária dependerá, de acordo com o que sugere Fish (1980), da decisão, consciente ou não, do que uma determinada comunidade cultural considera como literário. (OMENA, 2002, p. 21)

Entendemos, então, que a concepção do que seja literário e a noção de singularidade de uma obra são marcadas pela comunidade interpretativa de cada época. Cada comunidade interpreta, a seu modo, o que deve ser canonizado como arte literária e o que deve ser excluído. Também são as obras canonizadas as mais divulgadas, normalmente, devido ao seu estilo único. Para definir comunidade interpretativa, Arrojo cita Fish:

o conceito de ‘comunidade interpretativa’ (interpretative community) se refere ao conjunto de elementos responsáveis, numa determinada época e numa determinada sociedade, pela emergência de significados aceitáveis. O significado não se encontra, portanto, para sempre depositado na palavra ou no texto. Forma-se, sim, a partir da ideologia, dos padrões estéticos que constituem a comunidade sociocultural em que se interpreta esse texto ou essa palavra. (ARROJO, 1986, p. 79)

Essa idéia leva-nos a observar que a singularidade de uma obra também está ligada à temporalidade. Uma obra escrita e lida no passado não tem o mesmo efeito sobre um leitor atual, já que os contextos temporal, histórico e cultural são diferentes, embora, possa se eternizar como um clássico. Arrojo (1986, p. 23-24) argumenta que a leitura de uma mesma obra terá um efeito diferente no leitor ao ser relida, pois as concepções, as experiências de vida, e as expectativas com relação a ela mudam e fazem com que se consiga fazer novas descobertas, novas releituras. Pensando nisso, Antunes esclarece que “é por isso que a cada época fazem-se necessárias novas traduções das obras clássicas. Pois em cada época há uma

“comunidade interpretativa” diferente” (ANTUNES, 1991, p. 8), ou seja, mudam-se a linguagem e os leitores.

Cada comunidade cultural tem conceitos diferentes e relativos sobre linguagem, língua, literatura e tradução. Enquanto uma comunidade de falantes focaliza, sobretudo, o texto de partida e o autor, outras enfatizam mais o texto de chegada e o receptor, e assim por diante. As polêmicas relacionadas à fidelidade da tradução fazem parte do repertório de problemas e discussões teóricas relacionadas à tradução. Ainda hoje, percebe-se que quanto mais próxima a versão do texto de chegada estiver do texto de partida com relação aos aspectos formais, culturais e de conteúdos, mais ela será considerada e privilegiada, principalmente em se tratando de texto literário. Contudo, em algumas ocasiões pode-se notar que a tradução literária passa a ser mais considerada do que a obra original, podendo ser comparada a uma “criação de arte”. A esse respeito Brunel (1990) comenta que:

Uma tradução é tão pouco feita para ser comparada ao original que seu autor pouco se preocupa em fornecer seu texto, se não para defender-se, se for o caso. Como num concerto, o leitor tem mais a fazer do que verificar a música na partitura, com a condição de que ele sinta prazer, tanto mais que o original, em certas línguas antigas ou orientais, não nos é acessível. [...] Afastemos a tentação fácil de ofuscar o prestígio dessas geniais reproduções e perguntemos antes o como e o porquê de tão curiosos fenômenos. (BRUNEL, 1990, p. 135)

Para abordar as diferentes estratégias utilizadas nas traduções, Berman (1991) esclarece que, geralmente, os tradutores optam entre textos literários ou especializados [técnicos]. Outras vezes, são indiferentes. No entanto, Berman (*ibidem*) comenta que é raro encontrarmos um grande tradutor técnico que também seja um grande tradutor literário.

O autor (*ibidem*) define textos especializados como aqueles que se agrupam sob a categoria de transmissão de determinadas informações, ou seja, na comunicação ou transmissão de uma mensagem que tem conteúdos e formas discursivas determinadas. Enquanto isso, os textos literários se reagrupam sob a categoria de transmissão de experiências do ser dentro do mundo humano, as quais se reorganizam dentro das obras que

são ao mesmo tempo únicas, mas também pertencentes a determinados tipos textuais. É uma maneira de mediar cultura, valores, interação, etc. Embora o autor admita que tanto o texto literário quanto o técnico tenham elementos comuns e pertençam à natureza da linguagem, também admite que possuem características próprias.

Berman (1991) ainda sugere que, enquanto a tradução especializada deve ser confiável e adaptar-se às regras da língua de chegada, a tradução de obras literárias deve ser fiel ao seu original, o que significa ser fiel à letra, à textura do original, envolvendo tanto o conteúdo, a forma, o estilo, etc. No entanto, esta fidelidade não implica em nenhum literalismo primário e admite acima de tudo formas sutis de transformação.

Nota-se, também nas idéias do autor uma preocupação com a noção de fidelidade da obra literária traduzida. Esse fato se dá, conforme já mencionado, em razão das concepções que se têm sobre o que seja literatura e tradução para o tradutor e para os leitores. Embora as traduções literárias sejam necessárias para a divulgação das culturas, como ocorreu com a literatura brasileira, que só passou a ter maior visibilidade a partir do momento em que passou a ser traduzida, também é preciso considerar que as literaturas são uma marca nacional e reafirmam o caráter cultural de uma comunidade, o que mostra certa resistência à tradução como um processo legítimo, e a coloca num papel secundário.

Contudo, não podemos esquecer que o processo de difusão da cultura e literatura, seja para fins de divulgação de conhecimento ou de um processo estratégico de dominação de culturas, entre outros, também se dá pela leitura; portanto, a tradução passa a desempenhar um papel indispensável. E como os conhecimentos são assimilados de diferentes maneiras, e o tradutor e o leitor do texto traduzido constituem um público com diferentes formações e concepções, a tradução torna-se uma atividade passível de variações interpretativas.

Segundo Aubert, o trabalho de um tradutor pode variar:

conforme a intencionalidade do ato tradutório – um compromisso de fidelidade com as expectativas, necessidades e possibilidades dos receptores finais. Ou, mais apropriadamente, com a imagem que tal tradutor faz de tais expectativas, necessidades e possibilidades. (AUBERT, 1993, p. 75)

Com essa observação, Aubert destaca fatores que interferem no processo tradutório e nas diretrizes que o tradutor seguirá ao traduzir determinado texto. Não se pode deixar de levar em conta fatores como a intencionalidade do texto original e do texto traduzido, a expectativa do público alvo, a língua e cultura de chegada, temporalidade, etc., ou seja, fatores lingüísticos e extralingüísticos que influenciam a concepção e a interpretação do tradutor do que seja a tradução de determinado texto em determinado momento e contexto. Sob esse aspecto, Arrojo explica que o tradutor faz leituras do texto original, e que “a tradução, como leitura, deixa de ser, portanto, uma atividade que protege os significados ‘originais’ de um autor, e assume sua condição de produtora de significados” (ARROJO, 1986, p. 23-24).

Ao encararmos a tradução como “produtora de significados” decorrentes de uma série de fatores que levam as interpretações individuais por parte dos vários leitores, incluindo o leitor-tradutor, a visão da tradução como “um transporte de significados” de uma língua para outra, algo estável e controlável, modifica-se. Como Arrojo comenta, “nenhuma tradução pode ser fiel ao 'original' porque o 'original' não pode existir como objeto estável, testemunho imutável das intenções originais de seu autor” (ARROJO, 1986, p. 136).

Desse modo, Arrojo mostra que entendermos a tradução como uma sistematização lingüística estável é uma ilusão, pois a leitura que cada um faz de um texto é única e muito particular. Determinada palavra ou frase pode remeter a vários significados conforme as vivências de cada leitor. Por mais que se queira proteger a forma e o conteúdo do texto de partida, este estará sempre à mercê de uma interpretação individual; em outras palavras, o tradutor constrói seu texto de acordo não só com seus conhecimentos lingüísticos, mas também extralingüísticos; ele não é simplesmente um transportador passivo de significados,

que consegue abster-se de toda e qualquer escolha, mas um ser ativo, construtor, passível de tomar decisões e impô-las à comunidade leitora de sua obra traduzida. Em razão disso, é preciso considerar que quanto mais consciente sobre seus atos o tradutor estiver, mais responsável será com sua maneira de traduzir e mais respaldo terá quanto a possíveis queixas, ou não, sobre a fidelidade de seu trabalho.

Paralela à questão da fidelidade ao texto de origem está a questão da “invisibilidade” do tradutor. Como o tradutor pode abster-se em deixar de mostrar suas escolhas em uma tradução para determinado termo ou significado? Já sabemos que um mesmo texto traduzido por várias pessoas nunca sairá igual, que um significante de um signo sempre remete a outro e dá margens a várias interpretações. É utopia pensar que o tradutor não faz escolhas entre signos e que não apresente sua impressão pessoal no texto.

Em vista disso, é incoerente exigir do tradutor seu apagamento no texto traduzido, mesmo porque ele próprio não conseguiria fazê-lo, pois sua escolha de tornar-se invisível já será por si só uma marca estilístico-tradutória e ideológica sobre suas concepções do que seja uma tradução adequada.

Contrário às teorias que advogam em favor da invisibilidade do tradutor, Venuti (1993) propõe uma tradução que privilegie o texto e a cultura de partida, e que possibilite a visibilidade do tradutor. O teórico critica a tradição anglo-americana por ter dado prioridade à tradução que é a favor de estratégias de fluência no texto de chegada, tornando o tradutor anônimo sob o efeito de técnicas de transparência. O teórico defende uma tradução “estrangeirizadora”, que valorize o tradutor, tornando-o explícito por meio de estratégias lingüísticas.

A tradução “domesticadora”, contrária aos objetivos da tradução “estrangeirizadora”, é definida por Venuti como uma prática político-cultural, que manipula valores para a cultura da língua de chegada, por meio do que o autor considera violência e terrorismo lingüístico.

Para o autor, esse processo é parcialmente inevitável e potencialmente ligado à cultura e *status* da língua de chegada. “O tradutor exerce sempre uma escolha relacionada ao grau e direção da violência que pode ocorrer na sua prática” (VENUTI, 1993, p. 209)⁴.

Discutindo esses dois tipos de tradução, Venuti propõe que a tradução “estrangeirizadora” “tenta restringir a violência etnocêntrica da tradução”, procurando principalmente atacar a hegemonia dos países dominantes, atualmente de língua inglesa, que, de forma desigual, governam e exportam suas culturas, ganhando força em detrimento de outras que são fortemente marginalizadas. Segundo o autor, a tradução “domesticadora” tende a ser mais forte em nações na qual o nacionalismo é muito presente.

Um dos grandes pontos discutido por Venuti é a fluência. O autor comenta que Frere (FRERE, 1820, apud VENUTI, 1993, p. 212) advoga em favor de uma “estratégia de fluência”, na qual o texto seria transparente, sem “peculiaridades lexicais e sintáticas”, o que passaria a impressão de não estar lendo uma tradução, principalmente em favor da fácil legibilidade, mas um original. Venuti esclarece que a fluência é uma estratégia de tradução em razão de culturas que valorizam leituras fáceis, discursos transparentes, e a ilusão da presença da autoria. Venuti argumenta que Frere (FRERE, 1820, apud VENUTI, 1993, p.213) nomeia fluência como “homogeneização lingüística”, evitando tanto a linguagem exclusivamente moderna como arcaica, removendo “as marcas históricas específicas” para tornar o texto o mais geral e simples possível.

A tradução “domesticadora” continua dominando as práticas de tradução de língua inglesa. Em contra-partida, a tradução “estrangeirizadora” “desenvolve uma teoria e prática de tradução que resiste aos valores culturais de uma língua alvo dominante. A noção de

⁴ [...] the translator always exercises a choice concerning the degree and direction of the violence at work in his practise.

“estrangeirizadora” pode alterar a maneira como as traduções são lidas e produzidas.” (VENUTI, 1993, p. 217)⁵.

Venuti esclarece que não advoga em favor de uma “valorização indiscriminada da cultura estrangeira, [...] mas a uma resistência ao etnocentrismo e racismo, narcisismo cultural e imperialismo, e nas relações democráticas geopolíticas” (VENUTI, 1993, p. 221)⁶. Seu interesse é a “elaboração de uma teoria, crítica e textual” focada nas diferenças culturais, para que tradutores possam estudar.

1.1. Literatura traduzida: propagação de cultura

As literaturas nacionais têm sofrido influências diversas ao longo da história. Em muitas ocasiões foram as traduções que alimentaram as literaturas nacionais sob diferentes pontos, às vezes pela influência do estilo de alguns autores, de um paradigma literário, ou mesmo de uma “única” obra, ainda hoje influenciando escritores e artistas. Assim, a recepção das obras literárias traduzidas pode ser de fundamental importância para a literatura de determinada comunidade leitora, e essa recepção pode estar muito ligada a concepções desses leitores do que seja literatura, do prestígio da língua e da cultura para a qual a obra foi traduzida, ou da repercussão “especial” de algum autor ou obra.

De acordo com Faria:

A tradução tem grande interesse para a Literatura Comparada nos estudos de recepção, que aferem o acolhimento obtido pela obra traduzida. A análise da recepção estética abrange o levantamento da fortuna crítica, isto é, o grau de aceitabilidade junto ao público leitor e a avaliação dos processos utilizados na tradução. (FARIA, 1996, p. 124)

⁵ [...] to develop a theory and practice of translation that resists dominant target-language cultural values [...]. The notion of foreignization can alter the way translations are read as well as produced.

⁶ [...] indiscriminate valorization of every foreign culture, [...] but resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the democratic geopolitical relations.

Faria comenta a influência da atividade de tradução sobre a literatura, a qual pode ocorrer não só em termos de enriquecimento da obra, mas mesmo como direcionamento e uma homogeneização nos caminhos pelos quais as literaturas percorrem, formando um polissistema.

Como polissistema, Shuttleworth e Cowie consideram: “um conglomerado heterogêneo e hierarquizado (ou sistema) de sistemas que interagem para trazer progresso, num processo dinâmico de evolução dentro do polissistema como um todo” (SHUTTLEWORTH e COWIE, 1997, p.176 apud MUNDAY, 2001, p. 109)⁷.

Observando a sua influência, Even-Zohar advoga que a literatura traduzida faz parte de um polissistema literário, e que está diretamente relacionada à idéia do que seja a tradução e a literatura para as diferentes culturas com a qual mantém contato. O autor vê a tradução não só como um sistema completo em si, mas com função ativa dentro de um polissistema maior. Para ele, a tradução também deve levar em conta “como textos originais são selecionados pela literatura de língua de chegada, [...] e a maneira como essa literatura adota normas, comportamentos e políticas específicas” (EVEN-ZOHAR, 2000, p. 192-193)⁸.

Segundo Even-Zohar, a posição da literatura traduzida pode variar dentro do polissistema literário. Tanto pode ser uma posição central, onde sua importância é vital para a renovação de modelos literários emergentes, introduzindo novos elementos lingüísticos, técnicos e estilísticos para sua modernização, como uma posição periférica, quando a literatura de língua de chegada desfruta de grande *status*. Geralmente, a posição periférica é a mais comum para a tradução literária; no entanto, pode variar de acordo com alguns fatores: *status* da literatura de língua alvo, *status* da literatura de língua fonte, os propósitos pelos

⁷ [...] a heterogeneous, hierarchized conglomerate (or system) of systems which interact to bring about an ongoing, dynamic process of evolution within the polysystem as a whole.

⁸ In the way their source texts are selected by the target literature, [...] in the way they adopt specific norms, behaviors, and policies.

quais *tal* obra foi selecionada pela literatura de língua de chegada, necessidade de suprir um vazio criativo, etc.

John Milton (1999, p. 148), destaca três tipos de conjuntura na qual a tradução ocupa posição central dentro de um sistema:

- O primeiro diz respeito a uma nova literatura que, por estar ainda imatura, precisa adaptar modelos “para que funcione como linguagem literária e útil para o público leitor”.
- O segundo tipo [engloba] “literaturas relativamente estabelecidas cujos recursos são limitados e cuja posição dentro de uma hierarquia literária maior é geralmente periférica”. Tais literaturas “menores” não podem produzir todos os gêneros e deixam que alguns sejam preenchidos pela literatura traduzida. Assim, as literaturas menores têm mais dificuldades para produzir inovações, e às vezes, dependem de inovações advindas de traduções.
- O terceiro caso de literatura traduzida exercendo um papel importante em uma literatura nacional dá-se quando, em um dado momento, o modelo convencional não é mais aceitável para uma geração nova e nenhum outro modelo satisfatório é encontrado para a literatura nativa. Em tal caso a literatura traduzida passa a ter um papel central.

Dentro dessa teoria, podemos perceber o papel do tradutor como um mediador entre culturas e conhecimentos, portanto agente “produtor de significados” e a literatura alvo como seletora de conhecimentos e modelos que a tornem mais forte e produtiva. Faria afirma que:

É um truísmo afirmar que a questão da tradução literária não se esgota apenas nos conhecimentos lingüísticos. O tradutor, ele próprio, também é um interprete crítico dos conteúdos culturais, onde podem ser encontrados fatores extralingüísticos, pois a língua é apenas um dos elementos utilizados na criação literária. Questões como gênero, tema, época, às vezes mais relevantes, podem influir no processo tradutório. (FARIA, 1996, p. 124)

Os traços culturais expressos nas obras literárias, mencionados por Faria, são o que influenciam, muitas vezes, a leitura de uma obra e, conseqüentemente, o interesse de leitores, tradutores e editoras. Segundo Heloísa Gonçalves Barbosa, “[...] lemos traduções primordialmente com a finalidade de conhecer outras culturas (tomando-se cultura em seu sentido mais amplo)” (BARBOSA, 1990, p. 98). A busca por novos conhecimentos e a

curiosidade por experiências diferentes relativas a outras culturas são um bom motivo para ler, portanto, também para se traduzir.

Sobre as diferenças lingüístico-culturais, Aubert comenta que “[...] a diversidade é a própria justificativa, a razão de ser da tradução. Não fossem os diversos códigos, as culturas, os momentos históricos, os homens, não haveria motivo para se traduzir [...]” (AUBERT, 1993, p. 76-77), e é justamente nessas diferenças culturalmente marcadas que residem as grandes dificuldades dos tradutores. Contudo, não podemos nos esquecer de que também nos apoiamos nas convergências para traduzir. Continuando seu pensamento, Aubert acrescenta que se:

não houvesse a tentativa da fidelidade, a busca sistemática e obstinada de atinar – ainda que em vão com que o autor original “quis dizer”, e de encontrar meios de expressão para essa intenção comunicativa suposta, também não haveria tradução, diálogo, intertextualidade, intersubjetividade, mas, tão somente, discursos diversos, cruzados, desconexos, mutuamente incompatíveis. A fidelidade na tradução caracteriza-se, pois, pela conjunção de um certo grau de diversidade com um certo grau de identidade, [...] (AUBERT, 1993, p. 77).

Por essa, entre outras razões, as divergências e convergências culturais são consideradas como um desafio para o tradutor. Para Aubert, “[...] a operação tradutória propriamente dita envolve não apenas o léxico e gramática, mas a totalidade do texto, texto esse que incorpora em si a língua enquanto estrutura, a língua enquanto fato histórico e social (portanto, cultural) [...]” (AUBERT, 1995, p. 32).

Sendo assim, é necessário atentarmos para a importância de estudos de tradução que contenham substancial quantidade de conteúdo lingüístico-cultural, assim como quais os recursos utilizados pelo tradutor nesses casos.

Giovanni Pontiero (1977), tradutor e pesquisador, em seus estudos sobre tradução de literatura brasileira, deparou-se com várias das dificuldades de traduzir línguas e culturas diferentes. Exemplificando, Pontiero cita a manipulação cuidadosa que um tradutor deve ter para tentar conservar o estilo característico do texto de partida na cultura de chegada, não

somente em relação à estrutura da língua, mas em relação ao discurso e suas nuances. Para o pesquisador, a maneira particular de um autor usar o léxico torna-se, além de interessante para o leitor um problema para o tradutor. Muitos dos adjetivos, verbos e outros tipos de palavras adquirem significados dentro do contexto e fora do alcance dos dicionários. Muitos dos jogos lingüísticos são perdidos nas traduções e, com isso, muito do estilo pessoal do autor. E é aqui que reside um dos problemas do tradutor: como transpor cada detalhe que compõe a obra e o estilo do autor para a outra língua?

Esses estudiosos levam a crer que a tradução literária é uma atividade, acima de tudo, de interação cultural, e, como Berman (1991) comenta, de trocas de experiências de vida. De acordo com Bassnett e Lefevere “traduções nunca são produzidas em um vazio, e também nunca são recebidas em um vazio” (BASSNETT & LEFEVERE, 1998, p. 3)⁹, ou seja, sem um contexto determinado.

Toda língua tem marcas próprias, particulares que geram determinados efeitos em seus leitores. Essas marcas podem ser somente lingüísticas, em alguns casos, em outros, lingüístico-semânticas, ou ainda lingüístico-culturais. Segundo Antunes:

quanto mais se trate de uma linguagem estereotipada mais facilmente se poderá traduzir. [...] Pois, enquanto a estereotipia facilita a tradução, a literatura procura justamente fugir da linguagem gasta e estereotipada, na direção de uma linguagem nova, metafórica. Isto é, cabe à função poética subverter a estereotipia da linguagem. (ANTUNES, 1991, p. 4)

Ainda que textos que contenham marcas particulares à sua língua e estilos próprios sejam os mais interessantes do ponto de vista de divulgação da cultura, estes também apresentam dificuldades de tradução, justamente por terem um conteúdo diferente e, muitas vezes, ainda pouco familiar para novos leitores. Verificar a postura de um tradutor ou leitor perante esse tipo de texto pode ajudar a compreender e melhorar o processo de tradução de textos literários, assim como a divulgação das culturas e obras literárias.

⁹ [...] translations are never produced in a vacuum, and that they are also never received in a vacuum.

1.2. João Ubaldo Ribeiro: tradutor de si mesmo

João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro, natural da Ilha de Itaparica, Bahia, nasceu em 23 de janeiro de 1941. Embora baiano por nascimento, considera-se, também, como um leblonense, que, como ele mesmo costuma dizer, filho da terra que o acolheu de braços abertos.

Desde pequeno, João Ubaldo Ribeiro foi ávido “devorador” de livros, característica herdada de seu pai Manoel Ribeiro, professor e político; e, pelo que consta, exigia que os filhos estudassem com afinco para que dominassem com presteza os conhecimentos eruditos necessários para se tornarem pessoas letradas, sendo um desses conhecimentos a aquisição de línguas, dentre elas o inglês.

Seu livro *Viva o Povo Brasileiro* pode ter sido escrito sob forte influência das concepções de Seu Manoel sobre o que poderia ser considerado um bom livro. Com mais de setecentas páginas, a obra foi publicada em 1984 e dedicada a seu pai, que alegava que “livro que não fica em pé sozinho, não presta”. Contudo, deve-se considerar o humor do escritor, muitas vezes irônico, ao falar sobre sua própria obra, bem como uma tendência para brincar com a linguagem. Consoante a crítica literária, *Viva o Povo Brasileiro* é uma das grandes obras contemporâneas brasileiras e assim deve ser lida.

João Ubaldo Ribeiro é considerado um exímio falante da língua inglesa. Conforme Coutinho, “aos 12 anos, o domínio do inglês era quase completo [...] O teatrólogo Luis Carlos Maciel confirma as habilidades do escritor nessa difícil arte: ‘— Ele é capaz de imitar um milionário texano, um jeca do Arkansas, o sotaque cockney de Londres, qualquer um’ (COUTINHO, 1998, p. 20)”.

Sua trajetória como escritor começou logo na juventude, também por influência do pai. Em 1957, iniciou sua carreira como repórter no Jornal da Bahia e, logo depois, no Tribuna da Bahia, no qual foi editor-chefe. Embora tenha cursado Direito e Pós-graduação em

Administração Pública na Universidade Federal da Bahia e tenha mestrado em Ciências Políticas nos Estados Unidos, nunca exerceu a profissão de advogado. Além de escritor, optou pela carreira acadêmica como professor de Ciências Políticas, na Universidade em que se formou, logo desistindo de lecionar para dedicar-se ao jornalismo, carreira que ainda exerce como cronista em dois grandes jornais brasileiros: *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, além de colaborador de diversos jornais e revistas no Brasil e no exterior.

Como o próprio João Ubaldo Ribeiro gosta de dizer, sua profissão é escritor, profissão sim e não só dom, e profissão da qual depende para sobreviver. O autor comenta em uma entrevista para a revista *Istoé Gente*:

Faço parte da classe média. E vivo das minhas crônicas, livros e encomendas. [...] Como muitos escritores eu escrevo por dinheiro. Eu sempre admirei quem vive do prazer de escrever, mas o fato de escrever por dinheiro não quer dizer que eu não tenha talento ou que a obra seja ruim. (RIBEIRO, 1999)

João Ubaldo Ribeiro não esconde seu grande apreço pela arte das Letras e que a profissão também é uma realização pessoal. O autor argumenta que: “escrever é para mim uma compulsão tão grande que, se não ceder a ela, não preservarei a minha sanidade” (RIBEIRO apud COUTINHO, 1998, p.116).

A respeito do seu estilo, muitos críticos o consideram como eclético, um autor que consegue desenvolver vários temas diferentes em sua obra e com grande profundidade. No entanto, o próprio autor esclarece que: “Muitos analistas consideram que os meus livros são muito díspares entre si, mas eu não acho. Geralmente estão relacionados com ilhas, com a minha região que é o Nordeste brasileiro, a Bahia, e são livros que têm de alguma forma um fundo político e social [...]” (RIBEIRO, 2003). Segundo o autor, a literatura que produz tem:

engajamento, sim, porque eu tenho uma consciência política aguda. Eu não quero escrever comícios, mas não posso evitar essa consciência política, eu não consigo. Não há meio de que eu evite que o meu livro reflita uma posição qualquer em relação à realidade em que vivo, mesmo que isso não transpareça numa posição política qualquer. (RIBEIRO, 1978, p. 5)

Por esse posicionamento, podemos perceber como o escritor está ligado a suas raízes culturais e, em razão disso, observar o motivo pelo qual sua obra ser tão profundamente marcada pela história, cultura, política, identidade do povo, e, conseqüentemente, como a sua linguagem é marcada por características lingüístico-culturais.

Quanto a suas qualidades de escritor, Pasta Jr. comenta que:

Em um escritor culto e cheio de recursos como João Ubaldo Ribeiro, que estofa uma vasta cultura literária com um conhecimento até sistemático de economia, política e história, o caráter inverossímil dessa forma de constituição da identidade nacional-popular não tem como ser inocente nem como passar despercebido. (PASTA JR., 2002, p. 68)

Desse modo, a sua escrita não é simples literatura, também é uma literatura política e engajada, envolvida e preocupada em discorrer sobre problemas de interesse dos brasileiros. Sendo assim, o autor traz à tona questionamentos sobre a justiça dos homens e coloca em discussão questões de censo comum. João Ubaldo Ribeiro escreve basicamente sobre o povo brasileiro, baiano, nordestino, carioca; rural e urbano; pobres e ricos; brancos e negros; escreve a história de homens e mulheres. Sobre isso o autor comenta:

Procuro, basicamente, fazer uma literatura vinculada às minhas raízes, independente, não colonizada, comprometida com a afirmação da identidade brasileira. Procuró explorar a língua brasileira, o verbo brasileiro e, através dele, contribuir para o aguçamento da consciência de nós mesmos, brasileiros. Sou contra as belas letras, a contratação, o elitismo. Acho que o principal problema do escritor brasileiro é a busca da nossa linguagem, do nosso fabulário, dos nossos valores próprios. (RIBEIRO, contra-capá de Vila Real, 1979)

Como reconhecimento notório pela cúpula intelectual brasileira, João Ubaldo Ribeiro foi eleito para a 34ª cadeira da Academia Brasileira de Letras, em 1993, na sucessão de Carlos Castello Branco, tomando posse em 08/06/1994. Sobre a Academia, o autor comenta que considera “uma atividade normal”, “mitificada”, “um local de convívio muito agradável” (RIBEIRO, 2003).

Seu primeiro livro foi publicado em 1965, *Setembro não tem sentido*, romance, sendo seguido por *Sargento Getúlio*, romance (1971); *Vencecavalo e o outro povo*, contos (1974); *Vila Real*, romance (1979); *Política*, manual (1981); *Livro de histórias*, contos (1981), atualmente *Já podeis da pátria filho*; *Viva o povo brasileiro*, romance (1984); *Vida e paixão de Pandora, o cruel*, juvenil (1984); *Sempre aos domingos*, crônicas (1988); *O sorriso do lagarto*, romance (1989); *Nunca aos domingos*, artigos publicados no jornal O Globo; *A vingança de Charles Tiburone*, juvenil (1990); *Um brasileiro em Berlim*, crônicas (1995); *O feitiço da Ilha do Pavão*, romance (1997); *Arte e ciência de roubar galinhas*, crônicas (1998); *A casa dos budas ditosos*, romance (1999).

Sargento Getúlio e *Viva o Povo Brasileiro* são consideradas suas obras mais importantes e ambas foram traduzidas por João Ubaldo Ribeiro para o inglês, mas várias de suas obras têm tradução para outras línguas, além do inglês, com boa receptividade pela crítica estrangeira. *Sargento Getúlio* recebeu o Prêmio Jabuti, em 1972, na categoria “Revelação de autor”. *Viva o Povo Brasileiro* recebeu o Prêmio Jabuti, em 1984, na categoria “Melhor romance”, e o Prêmio Golfinho de Ouro, do Rio de Janeiro e foi tomado como samba enredo da Escola Império da Tijuca do Rio de Janeiro, em 1987, representando a cultura brasileira. João Ubaldo Ribeiro começou a traduzi-lo a partir de 1984 e levou dois anos para concluir.

1.2.1. *Viva o Povo Brasileiro*: memória coletiva de um povo

Viva o Povo Brasileiro é uma obra que narra a trajetória histórica do Recôncavo Baiano, desde os tempos da colonização até meados do século XX. O enredo perpassa o século XVII, abordando a colonização; pelo século XIX, no qual se situam as lutas pela Independência, o Império, a abolição da escravatura, a República, a guerra do Paraguai, dos

Farrapos, a campanha contra Canudos; e, por último, pelo século XX, no qual explora as questões acerca da última ditadura brasileira.

Os fatos históricos abordados são os mesmos que estão documentados nos registros históricos da Ilha de Itaparica, às vezes mais próximos, às vezes mais distantes da realidade. João Ubaldo Ribeiro esclarece que “em relação ao *Viva o Povo Brasileiro*, eu apenas incorporei os elementos que são comuns à cultura baiana, uma cultura que é mesclada com elementos africanos e por aí fora” (RIBEIRO, 2003).

Desde o título, o autor é claro quanto ao tema ao qual pretende desenvolver: a constituição da identidade nacional com base na cultura popular que se originou da miscigenação entre os diversos povos que formaram a nação brasileira. Com relação a esse fato, Pasta Jr. comenta que: “Já desde o título, ele toma frontalmente, para não mais abandoná-lo, o tema que de certa forma estruturou a literatura brasileira, servindo-lhe de fio condutor, afirmativo ou negativo, desde os primeiros projetos emancipatórios: a decantada procura de uma identidade” (PASTA JR., 2002, p. 64).

Viva o Povo Brasileiro narra, acima de tudo, a história da formação da mentalidade brasileira desde a colonização jesuítica; é um livro que leva em conta a memória coletiva da população e, como Olivieri-Godet esclarece, “problematiza as relações entre história, memória e ficção” (OLIVIERI-GODET, 2004, p. 1). Para compor a obra, João Ubaldo Ribeiro utiliza não só os registros da história oficial do Recôncavo Baiano e do Brasil, mas também muitas das histórias e lendas contadas de “boca em boca” pelo povo, passadas de geração para geração, que podem ou não ser verdadeiras, mas que ajudam a constituir o país tanto quanto a história oficial, pois representam a memória coletiva do povo. O autor ainda acrescenta à obra o seu *dom literário ficcional*, juntando os fatos e as lendas, ao que imagina que poderia ter sido.

Conforme Olivieri-Godet, a intenção do autor, ao desconstruir a história, não é criticá-la em si, mas criticar:

o uso da história, ao uso privativo que dela se faz, em função de interesse de grupos, colocando a nu a maneira como o Estado e as classes dominantes apropriam-se dos fatos para legitimarem-se no poder. Esta história comprometida com o processo de legitimação de uma nação fundamentada nos interesses da classe mais abastada – a história oficial – é que vai ser alvo da desconstrução do escritor. (OLIVIERI-GODET, 2004, p. 2)

Na obra, não há uma, mas várias histórias que se juntam para esclarecer fatos não explicados, duvidosos, e para pôr em xeque fatos documentados pelas partes interessadas em que esses fatos fossem contados da forma com que constam nos registros. Como o próprio João Ubaldo Ribeiro diz: “não existem fatos, só existem histórias” (RIBEIRO, 1984, p.7), muitas destas sufocadas pela história registrada oficialmente, que é considerada unânime.

Viva o Povo Brasileiro apresenta uma versão diferente, imaginada pelo autor, sobre como pode ter sido feita a constituição da nação. Apresenta versões para as histórias oficiais, e que propositalmente poderiam ter sido ofuscadas nos registros nacionais. Enfatiza que, a bem da verdade, a história registrada foi gerada por interesse da elite e não constitui uma versão do povo.

A esse respeito, João Ubaldo Ribeiro escreve uma passagem em *Viva o Povo Brasileiro*:

Além disso, continuou o cego, a História feita por papéis deixa passar tudo aquilo que não se botou no papel e só se bota no papel o que interessa. Alguém que tenha o conhecimento da escrita pega de pena e tinteiro para botar no papel o que não lhe interessa? Alguém que roubou escreve que roubou, quem matou escreve que matou, quem deu falso testemunho confessa que foi mentiroso? Não confessa. Alguém escreve bem do inimigo? Não escreve. Então toda a História dos papéis é pelo interesse de alguém. (RIBEIRO, 1984, p. 515)

O autor narra como poderia ter sido a história do Brasil, se tivesse sido contada pelo verdadeiro povo brasileiro, aquele que ajudou a formar o país desde as suas bases e que se formou em razão das diversas etnias e culturas que foram introduzidas desde os primórdios da

nossa história até os dias de hoje, não só a elite, mas também a camada social média e mais pobre. Personagens como Maria da Fé, descendente de índio mestiço, soldado holandês, escrava alforriada e um barão tirano, são o tipo de mistura que ajudam a formar a identidade da nossa nação.

Viva o Povo Brasileiro mostra e marca, em suas entrelinhas, uma visão coerente das várias perspectivas da história da constituição de uma cultura. Em razão disso, o texto é marcado pela polifonia, pelos vários discursos dos diferentes personagens que enredam essa trama e que formam as várias camadas da sociedade brasileira. Há o discurso do português, do estrangeiro, do nativo, do senhor de terras, do escravo, do pobre que enriquece ilicitamente e vem a compor a nova elite do explorador, do explorado, da justiceira, etc.

Quanto a isso, Helena comenta que:

o que se vê, portanto, em *Viva o Povo Brasileiro*, é que a imagem de nação surge como resultante do equilíbrio instável de diferentes versões e facções da História [...] Todas versões e facções que apontam para a concepção da História, da nação e da identidade cultural como representações narrativas de diferentes repercussões representacionais. (HELENA, 1996, p.530)

Por meio dos discursos inseridos na obra, o autor questiona também a origem dos problemas atuais, fazendo uma revisão histórica. Conta a trajetória da formação da sociedade fortemente estratificada existente até os dias de hoje: da elite às camadas pobres e exploradas. O pobre de ontem continua sendo o pobre de hoje, e os herdeiros da elite continuam formando a classe mais abastada. Sobre esse ponto de vista, Machado comenta que:

o eixo do assunto, nessa obra, centra-se na relação entre opressor e oprimido, isto é, na luta de classes, enquanto o eixo temático central que desvela o sentimento de brasilidade fundamenta-se na compreensão de que o escravo, ou melhor, o operário, passa por um processo gradual de desenvolvimento da consciência de que o eu coletivo se constrói, historicamente, na formação da cultura e da historicidade do povo brasileiro, simbolizado pelos povos que iniciaram a civilização no recôncavo baiano, particularmente a Ilha de Itaparica, para derramar-se sobre os estados [...] (MACHADO, 2005, p. 51)

João Ubaldo explora esse problema na figura do personagem Amleto, mestiço de negra forra e branco inglês. Amleto enriquece ilicitamente e torna-se parte da elite, por meio de um processo de *branqueamento* e reconstrução de seu próprio nascimento e história de vida, forjando documentos. Conseqüentemente, seus herdeiros vão formar a futura classe alta brasileira. O inverso ocorre com o personagem João Popó e seus herdeiros, parte da classe média e que enfrentam dificuldades para sobreviver em todas as gerações, sem perder o idealismo de que um dia as coisas vão mudar.

Por meio de uma teia de encarnações dos personagens e sucessões de herdeiros, o autor critica tanto a mentalidade de que os descendentes do branco colonizador, europeu, civilizado sejam parte da cultura superior e mais forte, como critica o desprezo pela mistura de raças e etnias, principalmente com relação à raça negra e sua cultura.

O papel da mulher na obra também se mostra relevante para o enredo. Geralmente marginalizadas e colocadas à sombra dos homens, João Ubaldo soube dar-lhes destaque. Em *Viva o Povo Brasileiro*, as mulheres são apresentadas de diversas maneiras. Às vezes, como detentoras de grande sabedoria, habilidosas para acalmarem seus homens, e guerreiras quando necessário. As mulheres da elite, no período da colonização, são submissas e cordatas, sem deixarem de ser matriarcas. Já na cultura afro-brasileira, são principalmente as escravas que detêm o conhecimento sobre os orixás e seus feitiços por meio da figura da mãe de santo, e são responsáveis pela manutenção e transmissão das crenças religiosas, como a personagem Rita Popó.

Com relação à religiosidade expressa na obra, a mistura de diversas crenças gerou vertentes religiosas distintas. A tentativa de imposição da religião dos brancos primeiramente aos índios e, depois, aos negros, gerou frutos que influenciam atualmente a vida religiosa brasileira. Essa aculturação, durante a colonização, nem sempre se deu de maneira pacífica e

sem conflitos, como foi mostrada na obra por meio da personagem do *Caboco Capiroba*.

Germano esclarece que:

O método para inculcar nos nativos esse mundo maniqueísta ocidental cristão foi o do terror, com base no temor do índio aos espíritos malignos, através do qual se evitavam principalmente as cerimônias de cultos aos mortos e suas praticas de possessão. O cruzamento de sistemas simbólicos tão díspares não se deu sem agravos. O horror a entidades maléficas sempre mascaradas, de aparência incerta e sobre as quais se é impotente, bem como o embaralhamento de códigos culturais resultavam, como seria de esperar, em resistência e inadaptabilidade para alguns nativos e tribos. Do ponto de vista psicológico, havia todas as condições favoráveis ao surgimento de desequilíbrio emocional e, eventualmente, psicose. Essa idéia é aproveitada por Ubaldo, que, no papel de narrador, responsabiliza os padres pela alta incidência de loucura nas aldeias, incluindo a do Caboco Capiroba, ao promoverem a cizânia, a marginalidade de membros mais resistentes à aculturação e, finalmente, a doença mental. (GERMANO, 2000, p. 69)

Muitas vezes, na tentativa de não contrariar o colonizador e, ao mesmo tempo, de adaptar e de não esquecer os próprios cultos, índios e negros mesclavam a religião branco-cristã com a de seus ancestrais, dando origem a novas crenças. Como exemplo, podemos citar o candomblé e a umbanda.

O candomblé, segundo Silva, foi gerado “devido à conversão dos negros ao catolicismo e ao contato cultural com os índios, [sendo que] o culto aos deuses africanos somou-se ao dos santos católicos e ao das divindades indígenas” (V. G. SILVA, 1994, p. 62). Já Ribeiro Silva entende candomblé como: “a formação dos orixás, que são uma concepção mítica de reis e heróis africanos ou das forças da natureza, relacionados, ainda, aos santos católicos” (RIBEIRO SILVA, 2004, p. 179).

A umbanda seria a combinação do espiritismo com os cultos africanos e, conforme Ribeiro Silva, mais especificamente, das “sessões espíritas kardecistas com as entidades dos cultos afros”(RIBEIRO SILVA, 2004, p. 181). Tanto o candomblé como a umbanda e seus ritos estão presentes na obra *Viva o Povo Brasileiro*.

A religiosidade permeia *Viva o Povo Brasileiro* desde a primeira sentença do livro: “Contudo, nunca foi bem estabelecida a primeira **encarnação** do Alferes José Francisco

Brandão Galvão” (RIBEIRO, *VPB*, p. 1, grifo nosso), até a última sentença, “Ninguém olhou para cima e assim ninguém viu, no meio do temporal, **o Espírito** do Homem, erradio mas cheio de esperança, vagando sobre as águas sem luz da grande baía” (RIBEIRO, *VPB*, p.673). A própria narrativa segue uma ordem linear de encarnação das “almas” dos principais personagens que, ao longo da história do Brasil, vão dando corpo à formação do povo e da identidade nacional.

Outro fator importante, que contribui para nosso interesse ao estudar a obra, é a linguagem desenvolvida pelo autor para ajudar a caracterizar os diferentes personagens. O autor brinca com dialetos sociais, regionais, e introduz elementos lingüísticos próprios a cada contexto, dependendo da situação, condição social do personagem e época em que ocorrem.

Com relação à linguagem utilizada na obra por João Ubaldo Ribeiro, Olivieri-Godet comenta que:

Para dar conta desse conflito o narrador assume uma multiplicidade de vozes, e de pontos de vista, joga com os diferentes dialetos sociais, registros diversos de nível de linguagem, de maneira que cada personagem, a partir da sua fala, está perfeitamente definida no que diz respeito aos referentes culturais do seu grupo social. O antagonismo de classes expressa-se através da linguagem, nos diferentes dialetos representados, fazendo reviver o sistema de noções e valores do grupo. [...] O modelo recria a fissura social que se deixa ler na adoção de um modelo de linguagem que reproduz a língua do colonizador, na eleição do alfabetismo como critério de superioridade e na marginalização de uma forma de expressão vinculada ao imaginário popular. (OLIVIERI-GODET, 2004, p. 3)

A linguagem oral mostra-se relevante para a caracterização do enredo. De acordo com Pasta Jr.: “É também grande no romance a presença da vida cultural e popular: cultura oral, religiões afro-brasileiras, fragmentos de “língua de preto” virtuosisticamente realizados, festas populares, costumes, transmissão iniciática de conhecimentos, expressões populares de toda extração, lendas variadas, “causos” etc.” (PASTA JR., 2002, p. 64).

Para exemplificar, temos os marcadores culturais referentes à época da escravidão relativos a formas de tratamento entre senhores e escravos: *ioiô* e *ioiozinho*, marcadores referentes à cultura religiosa afro-brasileira, como os termos do candomblé *mãe de santo* e

orixás, ou os marcadores culturais relativos às gírias da década de 70, período da ditadura, como *baseadozinho* e *careta*.

Por meio da leitura da obra e dos ensaios que compõem a fortuna crítica de João Ubaldo Ribeiro, pudemos perceber como a cultura faz parte integrante de toda a construção da obra, desde a linguagem até o conteúdo, espelhando a realidade baiana e as vivências do autor, assumindo que o povo brasileiro é formado de uma multiplicidade de culturas e vozes, e que a nossa identidade se constitui dessa mistura.

1.2.2. O autotradutor e a obra traduzida

Sabemos que um texto com substancial quantidade de conteúdo cultural não é tarefa fácil ainda que para um *tradutor de si mesmo*. Em muitas ocasiões, surgem impasses entre deixar transparecer a cultura original e usar técnicas para uma facilitação da leitura. Ao ser um autotradutor, João Ubaldo Ribeiro tem a possibilidade de tentar reescrever seu próprio texto, já que está em um outro momento, fazendo uma nova releitura e, portanto, passível de revisão.

Milton esclarece que, segundo o ponto de vista de Berman, espera-se que um autotradutor, estrangeirize sua tradução, introduzindo elementos da sua cultura e língua para a cultura e língua de chegada. No entanto, conforme Milton, suas obras *Viva o Povo Brasileiro* e *Sargento Getúlio* são “traduzidas fluentemente para o inglês americano coloquial. *An Invincible Memory* contém muitas referências sobre os costumes afro-americanos. Essas referências estão geralmente em itálico, mas nunca são explicadas em notas de rodapé ou em um glossário” (MILTON, 1999, p. 171). O próprio João Ubaldo Ribeiro comenta que, quando traduziu sua obra original, decidiu “não sufocar o livro com centenas de notas de rodapé” (RIBEIRO, 1990, p. 3). Milton ainda esclarece que Ubaldo tem a intenção de ser lido e por

isso tende a preferir um texto mais fluente. “Um texto fluente tem mais chance de ser lido do que um texto estrangeirizador e excessivamente elaborado” (MILTON, 1999, p.172).

Os comentários de Milton sugerem que o autotradutor tenha tido como público-alvo, o leitor do inglês norte-americano. Tal inferência tem por base os costumes afro-americanos encontrados por Milton, em *An Invincible Memory*, como também às experiências vividas pelo autotradutor com a variante do inglês americano, já que viveu muitos anos nos Estados Unidos. A tradução da obra para o inglês norte-americano também pode ter sido favorecido devido às possibilidades de ocorrência de equivalências culturais entre a história da escravidão brasileira e norte-americana.

Outro fator que provavelmente exerceu grande influência sobre o autotradutor é a possível exigência e interesse das editoras do livro. Milton explica que as edições inglesas de *Sargento Getúlio* não esclarecem que é uma tradução, provavelmente com a finalidade de não deixar transparecer que a obra seja estrangeira. Em *An Invincible Memory*, fica claro que o próprio autor é o tradutor, o que pode favorecer o pensamento de que a obra traduzida é um original e de que o autor está expressando suas reais intenções na língua estrangeira.

Segundo Costa, “a despeito de seu extraordinário talento para línguas estrangeiras, João Ubaldo Ribeiro é um escritor brasileiro, e sua obra *An Invincible Memory* é o produto da ação consciente de um tradutor” (COSTA, 1996, p. 187). Com relação à tradução, Costa comenta que João Ubaldo Ribeiro não fica:

preso em sua tradução a uma literalidade medrosa e estéril, por outro lado, parece dominado pela anterioridade de seu próprio texto e, em consequência, como todo tradutor, vai trabalhar de fora para dentro, vale dizer, a partir do texto acabado de sua própria língua 1, ao invés de dentro para fora, como todo criador. [...] Dividido entre os impulsos ancestrais da criação do original e os ditames da tradução como re-escritura, a qual, mandatária por natureza, há de sempre exigir alguma forma de fidelidade aos significantes originais [...]. (COSTA, 1996, p.185)

João Ubaldo Ribeiro teve várias questões a resolver para traduzir *Viva o Povo Brasileiro*, como traduzir o título da maneira satisfatória para a língua alvo, conseguir uma

tradução eficiente para os marcadores culturais que permeiam a obra, traduzir a linguagem coloquial que caracteriza alguns personagens, etc. A opção da tradução do título em inglês para *An Invincible Memory* deve-se à intenção de acentuar a questão da memória coletiva. De acordo com Olivieri-Godet:

ao traduzir *Viva o Povo Brasileiro* para o inglês, João Ubaldo preteriu uma tradução literal por um título que denota a vitalidade da memória como garantia do processo de transmissão de saberes de uma comunidade: *An Invincible Memory*. Esse título acentua a força da reprodução do imaginário popular através do tempo, e alude mais claramente à noção de conflito, a partir da qual o romance se constrói. (OLIVIERI-GODET, 2004, p. 6)

Um título que se propõe a desvendar os mistérios de uma terra considerada, ainda por muitos, exótica, pode tornar-se muito mais atraente ao público leitor. Talvez por esse motivo, houve o interesse em destacar, no título, a idéia de que o livro foi escrito a partir das histórias, lendas e “causos” narrados pela “memória coletiva” do povo.

Todas essas colocações sugerem que João Ubaldo Ribeiro teve uma provável tendência para normalizar a linguagem da tradução em função de uma maior aceitabilidade do leitor de língua de chegada, no caso, do leitor de língua inglesa. Para a nossa pesquisa, esse é um dos pontos que interessa investigar na tradução de *An Invincible Memory*, por meio da análise de linhas de concordâncias: verificar até que ponto e como João Ubaldo Ribeiro transformou seu texto original para a língua inglesa e em que medida conservou os traços do original, sendo ele um *tradutor de si mesmo*, que, a rigor, teria maior liberdade para modificar o seu texto.

2. TRADUÇÃO E LINGÜÍSTICA DE CORPUS

Nesta seção, abordamos aspectos da conceituação de corpus e de marcador cultural, assim como trataremos do arcabouço teórico das abordagens empregadas, para a realização das análises que integram o presente trabalho.

A abordagem interdisciplinar entre estudos da tradução baseados em corpus (Baker, 1993, 1995, 1996, 2004) e lingüística de corpus (Berber Sardinha, 2000, 2004), em que se baseia a presente pesquisa, apóia-se na proposta elaborada por Camargo (2004, 2005) para o projeto de pesquisa maior *Padrões de Estilo de Tradutores – PETra*: Investigação em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas, ao qual este trabalho está vinculado. Esta abordagem permite-nos observar os dados coletados de maneira mais abrangente e objetiva, por proporciona-nos mais recursos de análise.

2.1. Conceituação dos termos “corpus” e “marcador cultural” no âmbito da pesquisa

Os estudiosos da lingüística de corpus têm definido corpus de acordo com a vertente teórica a qual se filiam. No entanto, Berber Sardinha comenta que a definição mais completa é a de Sanchez:

Um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de algum modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários úteis para a descrição e análise. (SANCHEZ, 1995, p. 8-9, apud BERBER SARDINHA, 2004, p. 18)

De acordo com Berber Sardinha “esta definição é mais completa porque incorpora vários pontos importantes” para a pesquisa com corpora:

(a) a origem: os dados devem ser autênticos; (b) o propósito: o corpus deve ter a finalidade de ser um objeto de estudo lingüístico; (c) a composição: o conteúdo do corpus deve ser criteriosamente escolhido; (d) a formatação: os dados do corpus devem ser legíveis por computador; (e) a representatividade: o corpus deve ser representativo de uma língua ou variedade; e (f) extensão: o corpus deve ser vasto para ser representativo. (BERBER SARDINHA, 2004, p. 18-19)

Quanto a uma definição de corpus voltada para os estudos da tradução baseados em corpus, Baker entende que:

- 1- corpus significa um conjunto de textos empregados no formato eletrônico, capaz de ser analisado automaticamente ou semi-automaticamente de várias maneiras;
- 2- corpus tem sido restrito a textos escritos, mas inclui tanto textos falados como escritos; e
- 3- um corpus pode incluir um grande número de textos de vários tipos, de muitos autores e falantes e de múltiplos assuntos. (BAKER, 1995, p. 225)¹⁰

Na presente pesquisa, usamos o tipo de corpus paralelo, definido por Baker como:

textos em determinada língua de origem A e suas versões traduzidas em língua B. [Este tipo de corpus] permite estabelecer, objetivamente, como os tradutores superam dificuldades de tradução na prática e como utilizam essas evidências para fornecer modelos autênticos no treinamento de tradutores. (BAKER, 1995, p. 230-231)¹¹

O corpus paralelo possibilita um contraste entre duas ou mais obras e admite o exame de soluções encontradas pelo tradutor para superar, na língua de chegada, dificuldades do texto de partida.

Outro corpus empregado neste trabalho foi o corpus de referência. De acordo com Berber Sardinha, o corpus de referência:

¹⁰ “(i) *corpus* now means primarily a collection of texts held in machine-readable form and capable of being analysed automatically or semi-automatically in a variety of ways as written text; (ii) a corpus is no longer restricted to ‘writings’ but includes spoken as well as written text, and (iii) a corpus may include a large number of texts from a variety of sources, by many writers and speakers and on a multitude of topics.”

¹¹ “A parallel corpus consists of original, source language-texts in language A and their translated versions in language B. They allow us to establish, objectively, how translators overcome difficulties of translation in practice, and to use this evidence to provide realistic models for trainee translators.”

também é conhecido como corpus de controle, e funciona como termo de comparação para a análise. A sua função é fornecer uma norma com a qual se fará a comparação das frequências do corpus de estudo. A comparação é feita por meio de uma prova estatística selecionada pelo usuário (qui-quadrado ou *log-likelihood*). *As palavras cujas frequências no corpus de estudo forem significativamente maiores segundo o resultado da prova estatística são consideradas chave*, e passam a compor uma listagem específica de palavras-chave. (BERBER SARDINHA, 2004, p. 97)

No caso desta pesquisa, o corpus de referência utilizado foi o da *Folha de S. Paulo*, com textos originalmente escritos em língua portuguesa, referente aos anos de publicação de 1994, 1995 e 1996.

Com referência aos marcadores específicos de determinada cultura que constituem “obstáculos” lingüístico-culturais para o tradutor, a sua análise possibilita uma melhor percepção de dificuldades da tradução cultural. Conforme João Ubaldo Ribeiro enfatiza:

As traduções são muito mais complexas do que se imagina. Não me refiro a locuções, expressões idiomáticas, palavras de gíria, flexões verbais, declinações e coisas assim. Isto dá para ser resolvido de uma maneira ou de outra, se bem que, muitas vezes, à custa de intenso sofrimento por parte do tradutor. Refiro-me à impossibilidade de encontrar equivalências entre **palavras aparentemente sinônimas, unívocas e univalentes**. (RIBEIRO, 1993, p. 1, grifo nosso)

Tais palavras sem equivalência, referidas por João Ubaldo, são produtos das experiências e vivências que as diversas culturas encontram para moldarem o seu mundo. Tomando um país como o Brasil como exemplo, o qual abrange um vasto território com os mais diferentes povos, como: o português, o indígena, o africano, ao longo de todo território nacional; o italiano e o alemão, predominantemente no Sul e Sudeste; o japonês, também predominando no Sudeste, entre outros – tem-se, em decorrência, uma variação lingüística consideravelmente rica. Cada região sofre influências diversas das culturas que mais estiveram presentes no seu desenvolvimento histórico-social, conseqüentemente acarretando diferenças lingüísticas. Além daqueles fatores, as diferenças lingüísticas também são

causadas por fatores temporais, devido ao fato de a obra fazer um percurso histórico no tempo, percorrendo sobre quatro décadas diferentes da história do Brasil.

Viva o Povo Brasileiro aborda a formação do Brasil sob vários aspectos, apresentando influências de culturas diversas, como a indígena e, depois, a africana, as quais constituem, juntamente com a do colonizador português, a base da formação do nosso povo. Para tratar desses aspectos, é empregada na obra uma série de termos culturalmente representativos, únicos, usados por várias camadas sociais brasileiras. Um exemplo é o linguajar dos negros escravos no Brasil que recebem influências de suas línguas africanas nativas, da língua portuguesa e das línguas indígenas que são ou já foram faladas no nosso território.

De acordo com Aubert, o estudo de obras marcadas pelo aspecto cultural, como é o caso de *Viva o Povo Brasileiro*, permite examinar “soluções para lidar com palavras e expressões ancoradas em uma cultura ou ambiente natural específico para as quais, ao menos em tese, não haveria equivalentes possíveis em língua meta, [...] [termos esses] que constituem o chamariz para os leitores e uma das maiores motivações para a tradução” (AUBERT, 1998, p. 122).

Dependendo dos contextos em que ocorrem, os marcadores culturais evidenciam diferentes situações da língua e da cultura de partida, envolvendo fatores extralingüísticos, muitas vezes, desconhecidos para os falantes de língua de chegada.

Considerando as nuances de sentido contidas nos marcadores culturais, nota-se que refletem os registros lingüísticos de um determinado povo. Na obra, a narrativa transcorre, em grande parte, numa região culturalmente rica. Essa região foi a principal porta de entrada dos negros trazidos da África, durante o período de escravidão, e hoje é considerada, segundo o *Correio da Bahia* (03/12/2004), o Estado brasileiro de maior concentração da população negra. Por sua vez, a miscigenação particularmente acentuada nessa região acabou por criar

um código cultural próprio, que tem por um dos objetivos preservar e resgatar as tradições do povo africano, adequando-o a uma nova cultura.

Todavia, muitos desses marcadores de uso corrente na Bahia, ao remeterem a contextos regionais específicos, tornam-se “obstáculos” não apenas para o tradutor, mas também para os falantes de outras regiões, o que intensifica o interesse em analisar as soluções de João Ubaldo para sua tradução.

Para delimitarmos as palavras ou expressões que poderiam ser consideradas como marcadores culturais dentro da obra, recorreremos a dicionários da língua portuguesa como o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1993) e o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, versão 1.0. (2001), a fim de verificar se constituiriam regionalismos ou brasileirismos. O critério de seleção dos marcadores culturais escolhidos para análise foi o da chavicidade dentro da obra.

Por regionalismo, o Dicionário Eletrônico *Houaiss* (2001) entende “palavra ou locução (dialetismo vocabular) ou acepção (dialetismo semântico) privativa de determinada região dentro do território onde se fala a língua”.

Já por brasileirismo, o Dicionário Eletrônico *Houaiss* (2001) considera “em sentido lato, qualquer fato de linguagem (fonético, morfológico, sintático, lexical, estilístico) próprio do português do Brasil”, ou ainda “sob o ponto de vista lexical, palavra ou locução (dialetismo vocabular) ou acepção (dialetismo semântico) privativa do português do Brasil”.

Alguns desses marcadores culturais podem ser comuns a culturas diversas; porém, apresentam contextos diferentes, como por exemplo, marcadores relativos à escravidão no Brasil. Termos específicos como *mestre*, *mãe de santo* ou *casa-grande*, presentes na obra *Viva o Povo Brasileiro*, podem remeter a outras associações que não encontram correspondência na língua de chegada, ao serem traduzidas respectivamente por *master* e *lord*, *great mother* e *manor* em *An Invincible Memory*.

Embora o movimento escravocrata africano nas Américas possa ser comparado entre si, há particularidades muito específicas de um país para outro que influenciam no respectivo conjunto léxico, a partir do acolhimento da comunidade receptora desse povo, do grau de submissão da comunidade escravizada, até a forma como ocorreu a miscigenação das raças ou a constituição de comunidades separadas. Embora esses termos constituam marcadores culturais, nem sempre é fácil a sua delimitação. Conforme Aubert:

o marcador cultural não é perceptível na expressão lingüística tomada em isolamento, nem se encontra confinado dentro do seu universo discursivo original. O marcador cultural somente se torna visível (e, portanto, se atualiza) se esse discurso original (a) incorporar em si uma diferenciação ou (b) for colocado em uma situação que faça sobressair a diferenciação. (AUBERT, no prelo)

Uma característica dos marcadores culturais é a de apresentarem-se juntos a colocados, que, segundo Berber Sardinha, são, dentro da língua, “palavras que ocorrem ao redor da palavra de busca, em posições determinadas” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 110), no caso deste trabalho, à esquerda ou à direita do marcador cultural. A associação de marcadores culturais pode ser vista como colocações, que são palavras que costumam, com regularidade, coocorrer uma ao lado da outra. Como exemplo de colocação do marcador cultural *gente*, podemos mencionar “*gente do povo*” e “*carne de gente*”.

A observação de colocações mostra-se relevante, por contextualizar os marcadores culturais analisados podendo revelar associações que refletem a temática da obra, além de possibilitar a verificação da manutenção e de mudanças de significados de marcadores ao associarem-se a outros termos.

2.2. Percurso teórico dos estudos da tradução baseados em corpus

Até recentemente as teorias sobre tradução privilegiavam o estudo do produto “final acabado” que chegava ao leitor. Esses estudos eram geralmente voltados para uma avaliação

da competência do tradutor feita de maneira prescritiva. De acordo com as concepções dos críticos, o texto traduzido era considerado adequado ou não; contudo, pouco era questionado sobre o produto tradutório de maneira descritiva.

Sobre esse ponto de vista, Martins argumenta que:

o resultado dessa visão é duplamente nocivo: os aprendizes [de tradução] passam não só a acreditar na falácia de que, para cada texto, existe uma única tradução adequada e um conjunto único de critérios para produzi-la e avaliá-la, como também ver o professor como o seu “modelo”. (MARTINS, 1992, p. 53)

Embora essa visão ainda seja privilegiada por algumas vertentes teóricas, os estudos na área têm mudado de enfoque e passado a observar o produto tradutório mais atentamente e de forma descritiva. Também pode-se notar um crescente aumento na demanda por investigações que levam em conta enfoques voltados para o processo e para as condições sob as quais as traduções são feitas.

O exame de um produto tradutório de forma descritiva pode revelar-nos concepções e objetivos que envolvem a tradução de determinada obra para determinada cultura, em determinada época e possíveis influências envolvidas. Também por meio de um estudo comparativo-descritivo, pode-se entender o produto, as escolhas feitas pelo tradutor e as dificuldades por ele enfrentadas, levando a uma melhor percepção dos problemas e especificidades da tradução em si.

2.2.1. Interface dos estudos da tradução baseados em corpus e os estudos descritivos da tradução

Baker (1993) defende a tradução como um evento comunicativo genuíno, com dados reais, o qual merece ser observado e valorizado por suas características distintas. A autora também defende estudos de textos traduzidos, voltados para a investigação da natureza da linguagem da tradução e suas características.

Por meio dos estudos da tradução baseados em corpus, Baker (1993) advoga em favor de uma disciplina própria para a tradução, cujo objeto de estudo seja a própria tradução. Para lançar a sua proposta de estudos da tradução baseados em corpus, a autora toma por apoio as contribuições de Even-Zohar (1978, 2000) e a teoria dos polissistemas e, sobretudo, os trabalhos de Toury (1978, 2000) sobre com o conceito de normas de tradução.

Partindo do enfoque de que a literatura traduzida faz parte de um polissistema literário maior, Toury (*ibidem*) sugere um modelo teórico tripartite baseado na competência, no desempenho lingüístico-cultural do tradutor e nas normas de tradução da cultura da língua de chegada. Seu objetivo é investigar como o sistema literário da língua de chegada recebe a tradução, e quais são as circunstâncias decorrentes, as influências lingüísticas, literárias, culturais, etc., bem como quais são as possibilidades de sistematização do comportamento da tradução literária.

Segundo Munday, o objetivo de Toury é:

distinguir tendências do comportamento tradutório, fazendo generalizações com referência aos processos de decisões tomadas pelo tradutor para então ‘reconstruir’ as normas que foram operadas durante o processo de tradução e propor hipóteses que podem ser testadas por estudos descritivos futuros. (MUNDAY, 2001, p. 113)¹²

Toury (1995, p. 56-59) apresenta três tipos de normas que podem ser identificadas em textos de chegada: *normas iniciais*, que se referem às escolhas gerais dos tradutores e podem ser influenciadas pela adequação aos textos de partida ou pela aceitabilidade do público de chegada; *normas preliminares*, que dizem respeito aos fatores políticos que levam determinado texto a ser traduzido por outra cultura, assim como a direção lingüística da qual vem a tradução (se é uma tradução direta da língua do texto de partida ou se uma tradução de

¹² The aim of Toury’s case studies is to distinguish trends of translation behaviour, to make generalizations regarding the decision-making processes of the translator and then to ‘reconstruct’ the norms that have been in operation in the translation and make hypotheses that can be tested by future descriptive studies”.

outra tradução); e *normas operacionais*, que se referem à complexidade tradutória e ao material lingüístico-textual que será transmitido do texto de partida para o texto de chegada.

As normas da língua e cultura são diferentes para cada comunidade e podem diferir mesmo dentro de uma perspectiva sincrônica. A diferença torna-se maior ainda dentro de perspectivas diacrônicas.

Dessa maneira, a mudança no enfoque dos estudos da tradução, que antes privilegiava o ponto de vista prescritivo, passa a dar ênfase na descrição de dados retirados dos corpora de textos traduzidos, a fim de observar como funciona a linguagem da tradução. A esse respeito Baker comenta que:

[Nos estudos da tradução] a ênfase tem sido mudada do significado para o uso, e a noção de equivalência está gradualmente cedendo lugar para as noções de normas. [...] Há um interesse crescente nas características de textos traduzidos em si e estamos começando a desenvolver um ramo descritivo da disciplina com objetivos bem definidos e um programa explícito. O que precisamos é uma metodologia de pesquisa e um conjunto de ferramentas que possa ajudar-nos a pôr esse programa em ação. (BAKER, 1993, p. 248)¹³

Nesse sentido, para lançar a sua proposta de estudos da tradução baseados em corpus, Baker valeu-se de uma abordagem interdisciplinar envolvendo os estudos descritivos da tradução e a lingüística de corpus, de modo a poder examinar, de maneira mais precisa e objetiva, dados reais apresentados pelos tradutores em toda a extensão dos textos na língua de chegada.

¹³ The emphasis has shifted from meaning to usage, and the notion of equivalence is gradually giving way to that of norms. [...] There is increasing interest in features of translated texts per se and we are beginning to develop a descriptive branch of the discipline with well-defined objectives and an explicit program. What we need is a research methodology and a set of tools that can help us put this program into action.

2.2.2. Interface dos estudos da tradução baseados em corpus e a lingüística de corpus

No tocante ao segundo percurso teórico, as ferramentas computacionais promovem, com maior facilidade e abrangência, o levantamento e o processamento de dados para análises dos textos de chegada.

De acordo com Berber Sardinha:

A lingüística de corpus ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjunto de dados lingüísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade lingüística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador. (BERBER SARDINHA, 2004, p. 3)

Os passos iniciais para uma teoria da lingüística de corpus ocorreram com a criação do primeiro corpus eletrônico em meados dos anos 60, década em que também surgiu a primeira geração de computadores. Esse corpus, chamado *Brown Corpus*, foi desenvolvido por Kucera e Francis e era específico do inglês americano escrito. Apesar dos inúmeros pontos favoráveis para a disseminação da teoria, ela foi sufocada pela lingüística gerativa de Chomsky (1965), ganhando novas forças somente por volta dos anos 80, com o desenvolvimento da informática.

Chomsky, em sua teoria gerativa da linguagem, dá ênfase à competência em vez do desempenho lingüístico; como consequência, acredita que não é possível examinar amostras representativas de línguas. Sua preocupação volta-se para uma gramática universal da língua que os falantes têm internalizada. Para o autor, não é possível descrever a língua por meio de corpus. Chomsky também não leva em consideração o uso da língua em situação comunicativa. Hoje, outras vertentes teóricas estudam a situação comunicativa e o desempenho do falante, utilizando corpus nas suas pesquisas, inclusive os estudos da tradução.

Um dos teóricos de maior renome citado na lingüística de corpus é John Sinclair. Em seu livro *Corpus, Concordance, Collocation* (1991), o autor expõe o arcabouço teórico e a metodologia de investigação em corpus, no qual defende a importância da contribuição das novas tecnologias para pesquisas na área da linguagem. Estudos que antes eram considerados inviáveis, atualmente são feitos com a ajuda de recursos computacionais de ponta, trazendo maior precisão, abrangência, sistematização e confiabilidade na coleta e análise de dados, reduzindo ou eliminando o levantamento manual, e economizando tempo precioso do pesquisador.

De acordo com Sinclair (*ibidem*), a pesquisa em corpus eletrônico permite o acesso a uma grande quantidade de dados, com possibilidade de observação de objetos de estudo diversos na área de lingüística, abrindo novos horizontes para pesquisas. Listagem de palavras, concordâncias e colocações são apenas alguns exemplos de investigações propostas e desenvolvidas pelo autor. No entanto, Sinclair (1991) adverte sobre as possibilidades de falhas nos dados levantados por meios eletrônicos, pois muitos deles podem não ser passíveis de investigação, ou necessitam de uma análise acurada para evitar erros e conclusões precipitadas. Por essa razão, é necessária uma seleção criteriosa dos dados obtidos.

Muitas são as possibilidades de pesquisa na área. Os corpora têm sido usados tanto para estudos teórico-descritivos como comparativo-descritivos, propondo uma abordagem empírica da linguagem. Os estudos em lingüística de corpus têm crescido rapidamente na Europa e em boa parte das universidades, alguns pesquisadores já se abrem para as vantagens que a lingüística de corpus pode oferecer. De acordo com Lima (2005, p. 51), no Brasil, têm-se destacado:

- os estudos de Berber Sardinha na PUC de São Paulo onde o pesquisador lidera pesquisas no Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL);
- o projeto sobre processamento da linguagem natural do Núcleo Interinstitucional de Lingüística Computacional (NILC), desenvolvido na USP de São Carlos;
- o projeto COMET da FFLCH da USP, liderado por Tagnin (2001), cujo enfoque volta-se para o ensino das línguas alemã, espanhola, francesa, inglesa e italiana, e para traduções técnicas em informática, odontologia e direito;
- o projeto CORDIAL, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos da Tradução (NET) da Faculdade de Letras da UFMG liderado por Magalhães, Pagano e Alves, utilizado para o estudo de características discursivas e cognitivas por meio de uma abordagem interdisciplinar que congrega subsídios dos estudos de corpora, dos estudos da tradução, dos estudos da cognição, da análise do discurso e dos estudos culturais;
- o projeto sobre Corpus do Português Contemporâneo, na área da lexicologia que serviu de base para Borba (1991) elaborar o Dicionário Gramatical de Verbos, realizado na UNESP de Araraquara;
- o projeto Dermatômia (Dicionário Multimídia de Dermatologia), elaborado por Barros na linha de pesquisa Descrição e Análise do Léxico Geral ou Especializado, no IBILCE, UNESP, câmpus de São José do Rio Preto;
- os estudos de Camargo (2004, 2005) para o projeto de pesquisa *Padrões de Estilo de Tradutores – PETra*: Investigação em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas, no IBILCE, UNESP, câmpus de São José do Rio Preto, na qual se insere nossa investigação.

A pesquisa baseada em corpus tem oferecido importantes contribuições para estudos de tradução na constituição de um corpo teórico e na realização da prática. Os pesquisadores da área de tradução discutem a necessidade de desenvolver-se uma metodologia coerente baseada em corpus para identificar características distintas da linguagem da tradução. Ao focalizar ambos o processo e o produto da tradução, os estudos de corpus não têm o intuito de criticar ou avaliar as traduções, mas, sim, de tentar compreender a natureza da tradução.

Dentro dos estudos da tradução, Baker (1993, 1995, 1996, 2004) defende a necessidade de uma abordagem que leve em conta dados reais e evidências empíricas do ato tradutório. Também valoriza a interdisciplinaridade, como no caso dos estudos descritivos da tradução e da lingüística de corpus.

Para investigar a linguagem da tradução, Baker (1995) propõe a utilização de três tipos de corpora: o paralelo, já definido por nós nesta seção; o multilíngüe e o comparável.

O corpus paralelo permite estudos comparativos por meio de linhas de concordâncias alinhadas, importantes para identificar e examinar tanto aspectos do léxico, no caso marcadores culturais estatisticamente significantes, como aspectos lingüístico-culturais do texto de chegada em relação ao texto de partida.

Por corpora multilíngües, Baker entende:

um conjunto de dois ou mais corpora monolíngües em diferentes línguas, construídos pela mesma ou diferentes instituições com base em critérios determinados, [...] possibilita-nos estudar itens e características lingüísticas no seu ambiente natural, melhor do que são usadas em textos traduzidos. (Baker, 1995, p. 232)¹⁴

A autora (1995) esclarece que esse tipo de corpus não é muito usado para investigar os textos de chegada, pois não oferece respostas para questões relevantes sobre o fenômeno da tradução. O estudo desse tipo de corpus permite contrastar características lingüísticas comuns entre pares de línguas. Conforme Burnett, os “corpora comparáveis multilíngües mostram-se muito úteis [para estudos] na área de terminologia, lexicografia, tradução automática e treinamento de tradutores” (BURNETT, 1999, p. 26)¹⁵.

Já corpora comparáveis, Baker define como sendo:

duas compilações separadas de textos na mesma língua: um corpus consiste de textos originais na língua em questão e o outro consiste de traduções nessa mesma língua a partir de uma dada língua original ou mais línguas. [...] Ambos os corpora deveriam cobrir um domínio similar, uma variedade de língua e um período de tempo, e deveriam ter um tamanho comparável. (Baker, 1995, p. 234)¹⁶

¹⁴ “[...] to refer to sets of two or more monolingual corpora in different languages, built up either in the same or different institutions on the basis of similar design criteria. Multilingual corpora essentially enable us to study items and linguistics features in their home environment, rather than as they are used in translated text”.

¹⁵ “Multilingual comparable corpora prove extremely useful in fields such as terminology, lexicography, machine translation and translation training”.

¹⁶ “Comparable corpora consist of two separate collections of texts in the same language: one corpus consists of original texts in the language in question and the other consists of translations in that language from a given source language or languages. [...] Both corpora should cover a similar domain, variety of the language and time span, and be of comparable length”.

Esse tipo de corpus permite identificar e classificar características de textos traduzidos, e observar padrões restritos à linguagem da tradução ou padrões que ocorram em maior ou menor frequência no texto de chegada.

Baker define as características de textos traduzidos com base nas idéias de Even-Zohar e de Toury, de que as escolhas e soluções dos tradutores levam em conta o *status* social dos textos e das línguas envolvidas, pela aceitabilidade do texto de chegada na cultura de chegada, considerando as necessidades dos leitores de língua de chegada, e pela necessidade de investigar regularidades na linguagem traduzida; nas idéias de Frawley (1984) de que a linguagem da tradução é diferente tanto da linguagem do texto de partida quanto da do texto de chegada; e na hipótese lançada por Blum-Kulka (1986) de que a explicitação é uma característica universal de textos traduzidos.

Para a autora, essas características são traços “que tipicamente ocorrem em texto traduzido [...] e que não são o resultado de interferência de sistemas lingüísticos específicos” (BAKER, 1993, p. 243)¹⁷. A esse respeito, Baker (1996, p. 178-179) sistematiza seu pensamento em dois dos grandes desafios da pesquisa de corpus em tradução:

- a) identificar tipos de comportamento lingüístico que são específicos de textos traduzidos, e são gerados pelo processo de mediação durante a tradução, como tendências identificadas como características de explicitação, simplificação, normalização e estabilização.
- b) observar regras que permitem não somente identificar características de tradução como entender a tradução como um fenômeno em si.

Essas quatro características apresentadas no item (a), acima, são entendidas por Baker como:

Explicitação é a tendência para explicar passagens do texto em vez de deixá-las implícitas. Pode ser evidenciada tanto léxica como sintaticamente, e leva a um aumento no

¹⁷ [...] typically occur in translated text [...] and which are not the result of interference from specific linguistic systems.

tamanho do texto de chegada em relação ao texto de partida (BAKER, 1996, p. 180-181). Acréscimos de informação que não estão fisicamente presentes no texto de partida, mas, sim, implicitamente podem aparecer de forma explícita no texto traduzido.

Outra autora que investiga manifestações de explicitação em literatura traduzida é Vanderauwera (Vanderauwera, 1985, apud BURNETT, 1999, p. 43) que identifica estratégias de explicitação referentes ao:

- uso de interjeições para mostrar a expressão do pensamento de personagens de forma mais clara ou enfatizar uma interpretação específica de uma frase ou oração;
- expansão de passagens condensadas por meio de intercalamento de modificadores, quantificadores, conjunções e informações e explicações adicionais no texto de chegada;
- explicitações de informações vagas no texto de partida;
- explicitações de pronomes que causam ambigüidade por formas de identificação mais precisas;
- explicitação ou racionalização de tempos verbais;
- explicitação de seqüência narrativa: organizada de maneira mais lógica e coerente.

Nida (1964) também sugere que as traduções são mais longas que os originais, em virtude da adição de suplementos explicativos para tornar o texto mais claro para o leitor de língua de chegada. Por esse motivo, o texto de chegada tende a ser mais coeso e coerente do que o texto de partida, a ponto de ser considerado de mais fácil compreensão. Contudo, isso depende de outros fatores como: da estrutura da língua, do tipo de texto, etc.

Como característica de simplificação, Baker entende (1996, p. 181) a “tendência a simplificar a língua usada na tradução”¹⁸ a fim de facilitar a compreensão do leitor. A simplificação também pode ser verificada na quebra de sentenças mais longas dos textos de partida nos textos de chegada, mudanças na pontuação nas traduções e resolução de

¹⁸ [...] the tendency to simplify the language used in translation.

ambigüidades. Baker sugere que, em geral, tradutores costumam simplificar a linguagem e a mensagem do texto de chegada de forma subconsciente; dessa forma, tornam o texto traduzido mais fácil para o leitor de chegada sem torná-lo necessariamente mais explícito. A simplificação pode manifestar-se na forma lexical, sintática ou estilística.

Vanderauwera (Vanderauwera, 1985, apud BURNETT, 1999, p. 39) também identifica algumas estratégias de simplificação:

- de termos incomuns, afetados, antigos e modificadores por palavras ou frases mais comuns;
- de frases elaboradas substituídas por colocações mais curtas;
- de elementos redundantes no texto de partida omitidos no texto de chegada;
- de supressão de irregularidades presentes no texto de chegada;
- de atenuação de estilos inusitados e fora do padrão;
- e de substituição de sintaxes complexas por mais simples.

A simplificação é objeto de estudo de muitos trabalhos na área de tradução, e é uma das características de textos traduzidos mais evidenciadas. Contudo, tem-se que tomar cuidado para manter a representatividade dos trabalhos com dados e resultados em larga escala.

Já estabilização é “a tendência, no texto traduzido, de caminhar em direção ao centro de um continuum, [...] entre dois extremos, convergindo em direção ao centro, com as noções de centro e de periferia sendo definidas dentro do corpus traduzido em si” (Baker, 1996, p. 184)¹⁹. É a tendência a um meio termo entre a linguagem do texto de partida e a do texto de chegada. Conforme Camargo, “manifestações podem ser encontradas, por exemplo, na tendência de os tradutores empregarem a norma culta para marcas da linguagem oral utilizadas pelo autor ao caracterizar determinados personagens” (CAMARGO, 2005, p. 66-74). Esta é a característica menos examinada e com menos informações disponíveis.

¹⁹ [...] the tendency of translated text to gravitate towards the centre of a continuum. [...] between any two extremes, converging towards the centre, with the notions of centre and periphery being defined from within the translation corpus itself.

A normalização é uma tendência possivelmente influenciada pelo *status* da língua de partida, uma vez que, quanto mais alto o *status* da língua de partida, menor é a tendência à normalização. É mais evidente no uso de estruturas gramaticais, pontuação e padrões de colocação ou clichês típicos da língua alvo” (BAKER, 1996, p. 183)²⁰.

Uma definição desse traço característico de tradução é a de Kenny, para quem “a normalização, em corpus paralelo, pode ocorrer quando tradutores optam por soluções convencionais para a língua de chegada para resolver problemas apresentados por características textuais de origem criativa e inusitada” (KENNY, 2001, p. 66)²¹.

Para a autora, essa característica de tradução facilita a assimilação do conteúdo do texto de partida pelo público alvo do texto de chegada. Traços de normalização também são empregados, a fim de evitar riscos de a obra poder ser rejeitada pelo público alvo diante das dificuldades de compreensão do texto de chegada. As características de normalização também podem ser observadas em decorrência de pressão de editoras em querer traduções com uma linguagem padrão, sem regionalismos e diferenças lingüísticas para que a obra traduzida possa ser comercializada em vários países ou comunidades de mesma língua de chegada.

Burnett (1999, p. 45) comenta que a normalização pode ser identificada também como uma tendência à convencionalidade e a uma maior formalidade textual na língua de chegada, por meio de mudanças de pontuação, escolhas lexicais, estilo, organização estrutural das frases, etc.

Por convencionalidade, Vanderauwera (Vanderauwera, 1985, apud BURNETT, 1999, p. 45) entende:

- uma tendência para suavizar termos e frases culturalmente marcados no texto de chegada;

²⁰ Normalization is a tendency to exaggerate features of the target language and to conform to its typical patterns. This tendency is quite possibly influenced by the *status* of the source text and the source language, so that the higher the *status* of the source text and language, the less the tendency to normalise. Normalization is most evident in the use of typical grammatical structures, punctuation and collocational patterns or clichés.

²¹ [...] a parallel corpus, normalization may be said to occur when translators opt for conventional target language solutions to problems posed by creative or unusual source text features.

- escritas peculiares e afetadas tornam-se mais concisas e acessíveis no texto de chegada;
- expressões incomuns ou arcaísmos são substituídos por formas mais modernas e narrativas experimentais são reescritas de maneira mais familiar;
- frases elaboradas são substituídas por colocações curtas, e elementos redundantes são omitidos;
- o ritmo do texto de chegada é geralmente mais fluente, com sentenças menos interrompidas por pontuações;
- a ordem das sentenças no texto de partida é substituída por formas mais regulares no texto de chegada, uma pontuação incomum passa a ser padronizada e sentenças inacabadas são acabadas.

Embora peculiaridades do texto literário, que rompam padrões estéticos, culturais, pragmáticos e gramaticais da língua de partida, geralmente, sejam normalizadas na língua de chegada, alterando muitas vezes o estilo do original, há ocasiões em que o tradutor opta predominantemente por respeitar o original, ressaltando o estilo do autor no texto de chegada ou por deixar marcas distintivas do seu estilo. Esse fato ocorre, principalmente, quando o tradutor tenta resgatar alguma característica marcante da obra literária, pela qual ela é selecionada para divulgação. Um exemplo são as narrativas experimentais, que, embora Vanderauwera sugira que sejam recuperadas, na tradução, por uma “língua mais familiar”, muitas vezes, são recuperadas de forma a tentar manter os padrões do original, justamente por sua qualidade de causar estranheza na língua de partida.

A esse respeito Kenny (2001) comenta que:

também existem editores e tradutores que estão menos interessados em sucesso comercial do que outros, e, portanto, mais dispostos a correr riscos em traduções experimentais de textos literários experimentais na língua fonte. Alguns tradutores deleitam-se em traduzir textos literários não convencionais de maneira não convencional. (KENNY, 2001, p. 68)²²

Kenny (2001) ainda cita tradutores como Malcom Green, “dedicado a ‘escavar o obscuro, traduzindo o impossível’”²³ e Venuti que “prefere a tendência marginal à principal, e procura mais subverter do que reproduzir o discurso dominante da cultura de chegada”²⁴ (KENNY, 2001, p. 68).

Também sobre textos que tenham traços marcantes, Camargo (2005) comenta que Pontiero, em suas traduções de Clarice Lispector para o inglês, usa mais reiteraões enfáticas do que a própria autora, como uma forma de marcar o estilo clariciano nas obras traduzidas.

A maneira como textos literários com traços incomuns são traduzidos pode variar de acordo com fatores lingüísticos e extralingüísticos. Tanto o uso da normalização quanto o uso da criatividade são opções de conduta de uma prática influenciada pelas imagens que os tradutores têm do que se seja tradução, assim como da autoridade exercida pelos agentes comerciais envolvidos. As duas tendências são relevantes, pois ambas fazem com que obras incomuns sejam levadas ao encontro de um “novo público” (KENNY, 2001, p.68), uma por adequar a leitura à língua de chegada, facilitando-a, outra por acrescentar “ingredientes” novos e curiosos capazes de chamar a atenção de leitores ávidos por novidades.

Para esta pesquisa, investigamos características de normalização, por ser importante verificar como João Ubaldo Ribeiro, sendo autotradutor, recorre a recursos lingüístico-tradutórios da língua de chegada para tornar o texto traduzido mais fluente para o público leitor, em decorrência, alcançar maior aceitação da obra em países de língua inglesa.

²² There are also publishers and translators who are less concerned with commercial success than others, and thus more willing to take risks on experimental translations of experimental source texts. Some translators delight in translating unconventional source texts in unconventional ways.

²³ [...] as devoted to “excavating the obscure, translating the impossible [...]

²⁴ Lawrence Venuti is another translator who prefers the marginal to the mainstream (1996:92), and who seeks to subvert rather than reproduce the dominant discourse of the target culture.

Além da proposta de Baker (1996) sobre normalização, adotamos as características que contribuem para a normalização, levantadas por Scott (1998), por estarem esses aspectos mais explicitados por esta autora.

Scott apresenta onze características principais que identificam traços de normalização nos textos de chegada. São elas: diferenças no comprimento de sentenças do texto de chegada em relação ao texto de partida, diferenças no emprego da pontuação, diferenças no uso de estruturas sintaticamente complexas, diferenças de aspectos relacionados à ambigüidade, diferença de aspectos relacionados à vaguidão, diferenças no emprego de metáforas pouco usuais, mudança de registro do coloquial para o formal, ocorrências de omissões e de adições, mudanças de palavras pouco usuais, outras mudanças de tradução e padrões de repetição.

Devido à necessidade de delimitação para o presente estudo, examinamos o par de obras em questão quanto a características de normalização referentes a diferenças no emprego de pontuação, ocorrências de omissão, diferenças no emprego de metáforas pouco usuais, alterações de registro da linguagem coloquial para formal, e explicitação no texto de chegada.

Conforme a proposta de Scott (1998), apresentamos a definição dos traços característicos de normalização que serão explorados, mais adiante, em nossa pesquisa:

Diferenças no emprego de pontuação ocorrem devido a exigências do texto de chegada em relação ao texto de partida. Para conseguirmos recuperar as características orais nos textos escritos, geralmente usamos os sinais de pontuação. O emprego da pontuação também é usado para tornar o discurso escrito mais claro e livre de ambigüidades, para guiar o leitor a alguma idéia sugerida pelo texto, ou, ainda, para dar destaque a algum termo ou colocação expostos pelo autor. Sem esse recurso, muitos textos não alcançariam o objetivo desejado pelo escritor, ou mesmo perderiam sua significação e clareza. Há muitas diferenças entre a pontuação das diversas línguas existentes e isso pode acarretar mudanças na tradução, desde o comprimento de sentenças, mudanças prosódicas, etc.

Ocorrências de omissões acontecem nos textos de chegada, quando o tradutor não consegue encontrar um sinônimo adequado para um dado termo do texto de partida, ou quando o termo já foi citado, ou ainda está implícito. Também pode ser um recurso para manipular dados e evitar redundâncias, omitir termos explicativos contidos no texto de partida que possam parecer desnecessários. É um recurso utilizado para obter clareza no texto, mesmo que, algumas vezes, possa resultar em perda do efeito estético.

Diferenças no emprego de metáforas pouco usuais ocorrem quando o “objeto ou evento descrito pela metáfora” (Scott, 1998, p. 165)²⁵ pode ser de difícil identificação e recuperação para o tradutor, pois envolve o conhecimento que o tradutor tem das línguas de partida e de chegada e de suas diferentes nuances.

Segundo Martins:

A metáfora é o emprego de um significante com um significado secundário ou a aproximação de dois ou mais significados, estando, nos dois casos, os significados associados por semelhança, contigüidade, inclusão. A metáfora resulta da busca, da qual participam a sensibilidade e a imaginação, controladas pelo espírito crítico do poeta. Ela faz o jogo complexo do significante e do significado; pode ser traduzida, parafraseada, pois é um desvio em relação à linguagem comum, transferência ou mudança de sentido. (MARTINS, 2000, p.96)

As metáforas podem trazer dificuldades para a tradução, já que evocam uma expressividade muito particular a cada língua e cultura.

Alterações de registro da linguagem coloquial para a linguagem formal, ou vice-versa, ocorrem quando um discurso escrito com registro coloquial, ou informal, propõe uma troca de informações que envolva um grau de proximidade entre o autor, leitor e o contexto da obra, maior do que em um discurso com registro formal. Geralmente, a linguagem coloquial em um texto escrito tenta se assemelhar à linguagem conversacional com a finalidade de possibilitar ao leitor uma contextualização mais de acordo com os diversos enredos dentro da obra. Os tradutores costumam optar por não fazer distinção entre a linguagem dos

²⁵ [...] object or event described by the metaphor [...]

personagens, mesmo quando esta é feita pelo autor do original, pois a linguagem formal, ou vice-versa, facilita o trabalho do tradutor e a leitura.

Explicitação no texto de chegada é uma característica de texto traduzido que, embora não elencada por Scott, como traço de normalização, foi incorporada por nós, devido ao alto número de exemplos encontrados e também por ser uma característica que também promove a facilitação do texto de chegada.

Outra característica de textos traduzidos sugerida por Toury (1995, p. 3), mas não citada por Baker, é a visibilidade. De acordo com Berber Sardinha:

De certo modo, a visibilidade é o oposto da normalização. Enquanto a normalização prevê a influência em excesso da língua-alvo, exacerbando suas características, em detrimento da criatividade do original, a visibilidade acontece quando houve influência marcante da língua-fonte, ou seja, quando características da língua do texto original ainda permanecerem em excesso no texto traduzido, comprometendo a sua “naturalidade”. (BERBER SARDINHA, 2002, p. 30)

Conforme Laviosa (2002, p. 24), o estudo das características de textos traduzidos ou de padrões distintivos de linguagem podem ser explicados pelos diferentes posicionamentos frente a estratégias usadas pelos tradutores para superar dificuldades impostas pelo texto de partida, que podem tender tanto para a adoção de estratégias “estrangeirizadoras” como de “domesticadora” do texto de chegada, de acordo com a teoria de Venuti (1995). Essas estratégias que Venuti propõe podem ser comparadas às características, nos textos traduzidos, da visibilidade e da normalização.

Embora haja estratégias particulares para a identificação de cada uma das características expostas acima, Baker admite que as fronteiras entre suas definições não são claras, e isso dificulta a classificação. Há estratégias comuns para a identificação dessas características e uma provável tendência a que traços de simplificação e de explicitação possam também ser considerados como traços de normalização.

Observando a metodologia aplicada, verificamos que o uso de corpus mostra-se relevante para a aplicação das abordagens utilizadas nesta pesquisa. Burnett cita três motivos para o uso de corpora em estudos da tradução:

a grande quantidade de informações que pode ser armazenada; a grande velocidade e a alta precisão com que a análise automática pode ser efetuada (durante [o período] no qual o pesquisador se encontra livre para realizar outras atividades); e a conveniência e a flexibilidade com que resultados e dados podem ser manipulados e expostos. (BURNETT, 1999, p. 11)²⁶

Uma teoria que se baseia em um estudo descritivo-comparativo envolvendo o texto de partida e o texto de chegada permite, conforme Camargo, que “possamos sistematizar, coerentemente, um levantamento de semelhanças e diferenças, de proximidades e distanciamentos morfossintáticos, lexicais, textuais e culturais entre ambos os produtos” (CAMARGO, 1993, p. 4).

Baker (2004) enfatiza que conseguir uma maior sistematização dos processos tradutórios não quer dizer ignorar o elemento humano e suas influências. Também destaca que os estudos da tradução baseados em corpus não é uma proposta metodológica completa, podendo ser complementada por outros métodos de pesquisa na área. Essa abordagem possibilita uma observação clara e transparente dos dados obtidos, permitindo não só validar resultados de outros pesquisadores, como também questioná-los e oferecer novas interpretações.

Por esse motivo, a metodologia de pesquisa em tradução baseada em corpus torna-se um instrumento capaz de medir, com maior amplitude, os aspectos lingüístico-tradutórios e as

²⁶ The vast amount of data that can be stored. The great speed and high accuracy with which automatic analysis can be carried out (during which the researcher is free to complete other tasks). The convenience and flexibility with which results and data can be manipulated and displayed.

tomadas de decisões encontradas pelo tradutor e, no caso do presente trabalho, pelo autotradutor, diante de seu próprio texto.

Um aspecto relacionado ao nosso trabalho é o auxílio de ferramentas de busca para pesquisas envolvendo corpus eletrônico. A metodologia de corpus está condicionada à tecnologia e, devido ao seu avanço acelerado, possibilitou aos estudos de tradução baseados em corpus alcançar a repercussão atual.

Para a realização deste trabalho, usamos o programa WordSmith Tools, desenvolvido por Mike Scott. Segundo Berber Sardinha (2004, p. 85-86), o programa pode ajudar na análise de corpus por meio da descrição lingüística e da “análise de vários aspectos da linguagem”. Segundo o autor, o programa permite também uma “maior abrangência na quantidade de dados que se pode lidar, [...] de modo eficiente e confiável”, [possibilitando] “enxergar fenômenos novos [e] modificar o modo de se enxergar a linguagem”. (BERBER SARDINHA, 2004, p. 85)

O programa permite coletar os dados para uma análise de forma objetiva em toda a extensão do texto de partida e do texto de chegada. O programa disponibiliza três ferramentas básicas: o WordList, o Concord e o KeyWords.

A ferramenta WordList gera listas de palavras que podem fornecer dados relevantes para a análise. As listas extraídas automaticamente para cada corpus são a alfabética, a de frequência e a de estatísticas simples.

A ferramenta KeyWord “permite a seleção de itens de uma lista de palavras (ou mais listas) por meio da comparação de suas frequências com uma lista de referências” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 96). A partir dessa comparação, obtém-se uma lista de palavras-chave estatisticamente significantes no corpus de estudo. O corpus de referência é utilizado para fazer uma comparação das listas de frequências de palavras do corpus de estudo em relação à

lista de frequências de palavras do corpus de referência que, geralmente, é um corpus de língua geral.

A ferramenta Concord fornece linhas de concordâncias de um nóculo ou palavra de busca que, no caso do nosso trabalho, corresponde a marcadores culturais. O tipo de concordância possível por meio do programa é a KWIC, ou seja, “*Key Word in Context* ou *palavra-chave contexto*, na qual a palavra de busca aparece centralizada e ladeada por porções contínuas do texto de origem” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 106). Essa ferramenta também permite levantar os colocados junto aos marcadores culturais, para levantar colocações, clicando no botão *Show Collocates* na barra de tarefas.

Todas as ferramentas citadas acima, conforme Berber Sardinha (2004, p. 90-91), funcionam com base em três princípios:

1. Ocorrência: Os itens devem estar presentes; itens que não ocorreram não são incorporados porque não são observáveis [...].
2. Recorrência: Os itens devem estar presentes pelo menos duas vezes; isso não significa que itens de frequência 1 não tenham relevância. Pelo contrario, como nível de frequência (*ranking*) eles são importantes, tanto que são conhecidos por um rótulo específico, *hapax legomena*. Os *hapax* formam a maioria dos itens da linguagem, por isso um corpus é representativo na medida em que o representa. Itens de frequência 1 são, em geral, raros, e sua existência pressupõe a necessidade de corpora grandes na pesquisa, pois corpora maiores dão mais chances de itens raros aparecerem.
3. Coocorrência: Os itens devem estar na presença de outros. Um item isolado é muito pouco informativo. Ele obtém significância na medida em que é interpretado como parte de um conjunto formado por outros itens. A coocorrência não implica em aparição sequencial. O horizonte de coocorrência é uma janela que pode ir de algumas palavras ao redor de um item às fronteiras do texto, ou até mesmo compreender um corpus multitextual inteiro. Em outras palavras, é a orientação da pesquisa que vai determinar a amplitude dessa janela de coocorrência. Por exemplo, o fato [de um item coocorrer com outro] pode ser tão relevante quanto esses [...] itens aparecerem imediatamente adjacentes (portanto em uma janela de duas palavras de largura) formando [um]a expressão [...].

Para a nossa pesquisa, a ocorrência de cada marcador cultural é relevante para a caracterização lexical do nosso corpus de estudo. A recorrência é importante para mostrar a frequência e a chavicidade em que os marcadores aparecem na obra *Viva o Povo Brasileiro*. Mesmo no caso dos *hapax legomena*, termos que aparecem apenas uma vez também podem

ser relevantes para o estudo. Já a coocorrência mostra-se fundamental para a análise de colocações dos marcadores culturais, como por exemplo: *mãe de santo*.

2.4. Os marcadores culturais e as modalidades tradutórias

Ao se observar a obra original e a respectiva tradução, destacou-se a frequência acentuada de alguns procedimentos realizados por João Ubaldo Ribeiro, os quais passaram a solicitar uma classificação com base em critérios lingüístico-tradutórios que permitissem uma apresentação mais detalhada dos dados. Por essa razão, também recorreremos às modalidades de tradução reformuladas por Aubert (1984, 1998).

A proposta de reformulação do modelo de modalidades tradutórias de Aubert (1984, 1998) teve origem em Vinay e Darbelnet ([1958,1977], 1995), e Vinay (1968). No entanto, a versão do modelo pelos teóricos canadenses apresenta lacunas em determinadas definições das modalidades de tradução, o que dificulta o ato classificatório. Por essa razão, adotamos a reformulação de Aubert, por conter definições mais precisas.

A proposta de Aubert compõe-se de duas categorias: *a tradução direta* (que envolve quatro modalidades: transcrição, empréstimo, decalque e tradução literal); e *a tradução oblíqua* (modulação, transposição, explicitação e implicação, adaptação e tradução intersemiótica), além de quatro desdobramentos (omissão, acréscimo, erro e correção), e modalidades híbridas. Essas categorias são distribuídas numa gradação de dificuldades do ato tradutório, as quais podem ir desde o “grau zero” da tradução, que corresponde à negação da tradução (transcrição), até o “grau máximo”, que corresponde ao limite do intraduzível (adaptação). Contudo, neste trabalho, o foco não é uma análise centrada na quantificação e classificação por modalidades tradutórias, mas observar as opções de tradução para marcadores culturais dadas pelo autotradutor.

Por essa razão, apresentamos uma síntese da definição das modalidades tradutórias que foram identificadas no nosso estudo sobre a tradução de marcadores culturais, juntamente com exemplos extraídos de *Viva o Povo Brasileiro* e as respectivas ocorrências em *An Invincible Memory*:

01²⁷ - Omissão: ocorre quando se omite um termo ou segmento que não pode ser recuperado no texto de chegada, por motivos de censura, limitação de espaço físico (legendas). Também conforme Scott (1998), ocorre quando o tradutor não acha o termo do original necessário na tradução, ou quando pode causar ambigüidade.

[VPB] Eu vou ensinando, vou instruindo, *ah minha filha*, não pode coisa melhor, tu não sabe o que eu boto ele pra fazer!

[AIM] I've been teaching him, coaching him; (*omitido*), there can't be anything better — you wouldn't believe what I make him do!

03-Empréstimo: ocorre quando um termo do texto de partida é passado para o texto de chegada, em geral, com aspas, itálico, negrito.

[VPB] E que disseram os filhos de *Iaiá* Menina?

[AIM] And what did Young *Iaiá's* sons say?

04- Decalque: ocorre quando um termo é emprestado do texto de partida, contendo adaptações gráficas, morfológicas ou fonológicas para adequar-se às convenções do texto de chegada.

[VPB] Logo soube o que queria *Oxóssi*, ao chegar este à morada de *Xangô*, o que atira pedras.

[AIM] He soon found out what *Oshosse* wanted, when the latter arrived in the home of *Shango*, the one who hurls stones.

05- Tradução Literal: termo ou segmento com uma mesma categoria gramatical, mesma ordem sintática, mesma correspondência lexical que o original.

[VPB] Feliciano, o *negro* mais jovem, saiu do sol onde seu amo o obrigara a ficar junto com o outro e apanhou lentamente a cabaça para passá-la.

²⁷ O número à esquerda corresponde ao código da modalidade em questão.

[AIM] Feliciano, the younger *black*, came out of the sun, where his master had made him stay together with the other one, and slowly picked up the gourd to hand it over.

- 06- Transposição: ocorre sempre que acontecem arranjos morfossintáticos, como: duas ou mais palavras fundidas em uma; desdobramentos de palavras; ordem sintática alterada; alteração na classe gramatical. Pode ser obrigatória (06a), por imposições da língua de chegada ou facultativa (06b), o que revela uma opção do tradutor.

[VPB] A terceira razão, a quarta e as que porventura ainda pudessem ser enumeradas estariam todas subordinadas a que eles se agradaram de *carne de gente*, [...]

[AIM] The third, fourth, fifth, and all other reasons that could be enumerated would all be subordinate to their having become very fond of *people meat* ...

- 07a - Explicitação: informações implícitas no texto de partida tornadas explícitas no texto de chegada por meio de aposto explicativo, notas de rodapé, etc.

[VPB] Mas que lindo escaldado de *baiacu* borbulha no caçarolão de barro, minha gente!

[AIM] Folks, what a beautiful *puffer fish* stew is a-bubbling in the big clay pan!

- 07b - Implicação: Inversamente à explicitação, ocorre quando um segmento expresso no texto de partida é mantido implícito no texto de chegada, para evitar redundâncias.

[VPB] Comer escaldado de *baiacu* é por conseguinte uma experiência importante, havendo quem o coma até com regularidade durante anos e anos com apenas uma ou duas mortes na família, se conhecendo caso de quem tenha morrido de *baiacu* sem estar acostumado a comer *baiacu*, porque só come *baiacu* quem está acostumado, pois quem não está acostumado pode morrer se comer.

[AIM] To eat a puffer fish stew is consequently an important experience, and there are people who eat it regularly even for years and years with just one or two deaths in the family. and the case is not known of anyone having died from eating puffer fish without being used to eating puffer fish, because those who are used so *it* are the only ones who eat it, since those who are not used to it may die if they eat it.

- 08- Modulação: ocorre quando há deslocamento no nível semântico ou estilístico, mais ou menos profundo, devido a mudanças de ponto de vista, sem, contudo, mudar a significação.

[VPB] O feitor Almério, mulato e com muitos parentes cativos, tinha medo das mandingas, sabia que, por ser ele meio preto, os deuses de seus parentes o alcançariam em qualquer lugar, tal como os espectros de seus *mortos*, se bem chamados.

[AIM] The foreman Almério, a mulatto with many slave relatives, was afraid of the sorceries, and he knew that because he was half black, the gods of his relatives would be able to reach him anywhere, as could the specters of his *ancestors* if summoned right.

- 09- Adaptação: ocorre na tentativa de assemelhar duas situações de diferentes complexos sócio-culturais, o da língua de partida e o da língua de chegada.

[VPB] Eles a chamam de Mãe Rufina, mãe, *mãe de santo*, feiticeira, cada um chama o que acha que ela é, varia de pessoa para pessoa, ou de grupo para grupo, talvez.

[AIM] They call her Mother Rufina, mother, *great mother*, witch everyone calls her what they think she is; it varies from person to person, or from group to group, maybe...

Além das definições das modalidades apresentadas acima, há a co-ocorrência, para a mesma tradução, de mais de uma possibilidade de classificação por modalidade, e para as colocações a co-ocorrência de duas ou mais modalidades ocorrendo uma ao lado da outra, como exemplo de modalidades híbridas. As outras modalidades apresentadas no modelo de Aubert não foram abordadas aqui por não ocorrerem nos dados selecionados.

2.5. Os marcadores culturais e a classificação por domínios culturais

Para um melhor exame de soluções encontradas para a tradução dos marcadores culturais, optamos também pela proposta de domínios culturais de Nida (1945). Todavia, recorreremos à reformulação das definições dos domínios culturais sugerida por Aubert (1981), por apresentarem-se mais precisas para a classificação. Para Aubert, os domínios culturais compreendem:

- domínio ecológico: vocábulos designando seres, objetos e eventos da natureza, em estado natural ou aproveitados pelo homem, desde que o conteúdo intrínseco do vocábulo não implique em que seja ser, objeto ou evento que tenha sofrido alteração pela ação voluntária do homem — aipim, arraial, arazá, baiacu, acácia, baleote, etc.²⁸
- domínio material: vocábulos designando objetos criados ou transformados pela mão do homem, ou atividades humanas — arpão, atabaque, acaçá, canjica, etc.
- domínio social: vocábulos que designam o próprio homem, suas classes, funções sociais e profissionais, origens, relações hierárquicas, bem como as atividades e eventos que estabelecem, mantêm ou transformam estas relações, inclusive atividades lingüísticas — barão, Ioiô, Iaiá, nego, caboco, capangas, afoxés, etc.

²⁸ Todos os marcadores lingüísticos de especificidades culturais exemplificados aqui são extraídos da obra original VPB.

- domínio ideológico: que designam crenças, sistemas mitológicos, e as entidades espirituais que fazem parte desses sistemas, bem como as atividades e eventos gerados por tais entidades — Mãe de Santo, Obá-Xoró, benzedura, terreiro, belzebu, etc.

Dependendo do contexto em que aparecem, os marcadores podem pertencer a um ou mais domínios, já que alguns termos podem ter várias conotações diferentes, como é o caso de *capoeira*, sendo ora do domínio ecológico (vegetação, mata), ora do domínio material (arte ou sistema de lutas dos capoeiristas, ou negros afro-brasileiros).

Também é necessário ressaltar que a distribuição por domínios culturais não consegue abarcar todos os vocábulos de uma língua; substantivos abstratos relativos a sentimentos como *amor* e *ódio*, são exemplos de termos, dentre outros, que não se enquadram nesta classificação.

Como vemos, a busca de opções para os problemas de se tentar traduzir uma cultura rica como a brasileira, com atividades e objetos específicos da nossa cultura (domínio material), uma natureza única, com desertos, florestas, manguezais, praias, caatinga, etc. (domínio ecológico), um sincretismo religioso surpreendente (domínio religioso-ideológico) e uma miscigenação de raças que levam a hábitos e costumes diversos (domínio social), não encontrados, talvez, em nenhum outro lugar, sem dúvida não é uma tarefa fácil para nenhum tradutor, mesmo no caso presente, de ser um *tradutor de si mesmo*.

3. MATERIAL E MÉTODO

Pensando nas possibilidades que os estudos da tradução baseados em corpus e as ferramentas de busca podem nos proporcionar, optamos por adotar a abordagem interdisciplinar proposta por Camargo (2004, 2005), a fim de fazer uma análise mais completa e adequada ao nosso tipo de pesquisa. Conforme Baker (1993, 1995, 1996, 2004), os estudos da tradução baseados em corpus permitem uma complementação por meio de outras teorias, facultando-nos a inserção, no caso da presente pesquisa, da proposta de Berber Sardinha (2002, 2004) para estudos com apoio da lingüística de corpus. Para uma melhor complementação da análise dos dados obtidos, inserimos também os estudos sobre domínios culturais de Nida (1945) e de Aubert (1981), os estudos de modalidades tradutórias de Aubert (1984, 1998) e os estudos de normalização de Baker (1996) e de Scott (1998).

Desse modo a abordagem sugerida por Camargo (*ibidem*) permite-nos analisar as escolhas de tradução do autotradutor João Ubaldo Ribeiro para transpor os marcadores culturais da obra original *Viva o Povo Brasileiro* ao longo de toda a obra traduzida, assim como verificar possíveis tendências de normalização para a língua inglesa encontradas em *An Invincible Memory*.

Para conseguirmos a observação desses dados, empregamos um tipo específico de corpus: o paralelo, cuja definição fornecida por Baker encontra-se na fundamentação teórica.

Com relação ao *material* selecionado, o corpus da pesquisa compõe-se de dois subcorpora:

- subcorpus de texto de partida - constituído da obra original *Viva o Povo Brasileiro*, escrita por João Ubaldo Ribeiro, 673 páginas, 236.862 palavras;
- subcorpus de texto de chegada - constituído da obra em inglês, *An Invincible Memory*, traduzida por João Ubaldo Ribeiro, 504 páginas, 257.918 palavras;

Quanto aos procedimentos e forma e de análise dos resultados adotados para a pesquisa, recorreremos a quatro etapas:

PRIMEIRA ETAPA: levantamento de marcadores culturais (proposta de Baker 1993, 1995, 1996, 2004).

Para o desenvolvimento da pesquisa, adotamos os procedimentos detalhados a seguir:

Iniciando pelo tratamento dos textos, foi feito o escaneamento utilizando o OCR (Reconhecimento Ótico de Caracteres), seguido da revisão dos textos escaneados, com caracteres erroneamente reconhecidos pelo OCR, bem como por sua formatação “em txt”.

A seguir, utilizamos o programa WordSmith Tools (Software para Windows 3.1, 95 e 98, desenvolvido por Mike Scott e comercializado pela Oxford University Press. versão 3.0), que disponibiliza três ferramentas de busca: WordList, KeyWord e Concord.

Empregamos a ferramenta WordList para gerar listas de frequência de palavras presentes dos textos de partida (ver amostra no Apêndice A) e do corpus de referência. Com o auxílio da ferramenta Keyword, geramos uma lista de palavras-chave extraídas do contraste com as listas de frequência de palavras do texto de partida em relação à lista de palavras do corpus de referência da *Folha de S. Paulo*, referentes aos anos de 1994, 1995, 1996. A partir da lista de palavras-chave, levantamos termos estatisticamente significantes em um universo de 600 palavras, no respectivo texto de partida.

A fim de selecionar os termos para a análise, que pudessem ser considerados marcadores culturais, partimos da verificação em dicionários de língua portuguesa do Brasil, para confirmar quais termos poderiam ser definidos como regionalismo e brasileirismo (ver amostra nos Apêndices B e C).

Com o intuito de levantar as coocorrências dos marcadores estatisticamente significantes no seu contexto, passamos a observar, por meio da ferramenta Concord, os colocados ao redor de cada marcador selecionado.

SEGUNDA ETAPA: análise de marcadores culturais (proposta de modalidades tradutórias de Aubert (1984, 1998)).

No tocante à forma e análise dos resultados, apoiamo-nos na proposta de modalidades tradutórias de Aubert (1984, 1998), com a intenção de observar com mais profundidade as escolhas do autotradutor quanto a aspectos lingüístico-tradutórios.

Os marcadores culturais foram examinados inicialmente como nódulos isolados, a fim de verificar como ocorreram suas traduções no texto de chegada em relação ao texto de partida. Depois, foram analisadas as colocações de cada marcador, junto aos respectivos colocados em relação a seus contextos de ocorrência na obra *Viva o Povo Brasileiro* e sua tradução *An Invincible Memory*.

Para levantarmos as traduções correspondentes a cada marcador cultural, realizamos um alinhamento manual, entre os textos de partida e de chegada, por meio da inserção de uma tabela, pela ferramenta *Word* do *Windows*, dividida em duas colunas. Essa opção de alinhamento foi escolhida, em decorrência das dificuldades de se conseguir uma ferramenta eletrônica que alinhasse o nosso corpus, devido ao seu tamanho.

Primeiramente, alinhamos os parágrafos do original com o respectivo texto traduzido, lado a lado. A seguir, procuramos, por meio da opção *Find*, do *Word*, o marcador cultural a ser analisado no texto de partida para, então, localizar a sua respectiva tradução no texto de chegada. Foram feitas vinte tabelas, uma para cada capítulo. Esse alinhamento também foi utilizado para a identificação de traços de normalização da Etapa 4.

Abaixo, apresentamos um fragmento do alinhamento realizado:

<i>Salvador da Bahia, 12 de março de 1853.</i>	<i>City of Salvador, Bahia, March 12, 1835</i>
_ Eu te disse, te disse sempre: cuspe em jejum! Que é que eu te dizia, dia após dia?	"I told you, I've always told you: Spit from an empty stomach! What did I use to tell you, day after day?"
_ Cuspe em jejum.	"Spit from an empty stomach."
_ Repete!	"Say it again!"
_ Cuspe em jejum	"Spit from an empty stomach."
_ Repete!	"Say it again!"
_ Cuspe em jejum.	"Spit from an empty stomach."
_ E então e então e então? E por que não o fizeste?	"So? So? So? So why didn't you do it?"
_ Esquecia.	"I never remembered."
_ Esquecia? Esquecia? É só isto que tens a dizer?	"You never remembered? You never remembered? Is that all you have to say? You never remembered?"
_ Esquecia?	
_ É o que dizia ao senhor então e o que posso dizer agora.	"That's what I used to tell you then and what I can tell you now."

Para uma melhor visualização dos dados, montamos as Tabelas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11, presentes no item 4.2. da seção IV, para cada marcador cultural e suas colocações. A primeira parte da tabela é a do marcador cultural em si e a segunda, para as colocações. As tabelas mostram tanto os marcadores do texto de partida como as opções de tradução de João Ubaldo Ribeiro, no texto de chegada.

Na primeira parte da tabela, inserimos uma coluna para os marcadores culturais, uma para suas traduções e uma para as frequências absolutas. Nessa parte da tabela, também estão contidas as acepções dicionarizadas dos termos identificados como marcadores culturais no original, bem como as acepções dicionarizadas de suas respectivas traduções. Optamos por apresentar as definições de dicionário nessa tabela para que possa haver o esclarecimento dos seus possíveis usos em contraste com os da língua de chegada, pois há muitas nuances significativas entre os marcadores culturais nas duas línguas em questão. Outra razão igualmente importante é a de que alguns marcadores não fazem parte do conhecimento do público em geral, como *baiacu*, ou somente são conhecidas algumas de suas acepções, pelos

leitores. Como exemplo, citamos os marcadores culturais *mestre*, *Ogum*, *Oxóssi* e *Iansã* que, embora se saiba que são orixás, muitos falantes do português brasileiro não sabem seu significado exato. Contudo, quando houve marcadores com grande variação de termos traduzidos, incluímos as definições das palavras mais recorrentes ou mais específicas. Como exemplo, apresentamos a primeira parte da Tabela 3, referente ao marcador cultural *baiacu*.

<i>Viva o Povo Brasileiro</i>	<i>An Invincible Memory</i>	Freq. absoluta
BAIACU ²⁹ - Regionalismo: Brasil.	BAIACU (empréstimo)	2
1.design. comum a vários peixes teleósteos, tetraodontiformes, encontrados em ambientes marinhos ou de água doce, que possuem o corpo coberto por escamas, espinhos ou placas ósseas; sapo-do-mar [São ger. capazes de inflar o corpo quando se sentem ameaçados.]	PUFFER FISH 1.assoprador. 2.pessoa ofegante. 3. locomotiva ou navio a vapor. 4. fumante. 5. Ict. baiacu . 6. Zool. maropa, toninha, roaz.	67
2.Regionalismo: Bahia: m.q. <i>cabeça-chata</i>	IT (pronome de 3ª pessoa)	1
	FISH (n 1 peixe, pescado.)	1
Chavidade: 820,3	Total	71

Na segunda parte da tabela, estão dispostas uma coluna para as colocações e seu cotexto no texto original, uma para o texto de chegada e uma para frequência absoluta de cada opção de tradução, uma vez que um mesmo marcador pode ser traduzido por mais de um termo na língua de chegada. Segue, abaixo, uma amostra da segunda parte da Tabela 3, referente às colocações do marcador cultural *baiacu*.

²⁹ Acepção retirada do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 1.0.

COLOCAÇÕES		
Contexto de partida	Contexto de chegada	Freq. absoluta
1- escaldado de baiacu:		3
Mas que lindo escaldado de baiacu borbulha no caçarolão de barro, minha gente!	Folks, what a beautiful puffer fish stew is a-bubbling in the big clay pan!	

TERCEIRA ETAPA: análise de marcadores culturais por domínios culturais (proposta de Nida, 1945; e de Aubert, 1981).

Depois de selecionados os marcadores culturais, aplicamos a proposta de Nida e as definições de Aubert para classificarmos os marcadores culturais por domínios culturais.

Fizemos uma classificação dos marcadores culturais por domínios culturais, observando quantas ocorrências apresentaram similaridades ou diferenças para um único termo do texto de chegada em relação ao texto de partida. A seguir, verificamos como foram traduzidos e recuperados os significados desses termos na língua de chegada. Depois, examinamos qual o domínio que predomina na distribuição de marcadores culturais, com a finalidade de verificar qual o domínio mais freqüente e, conseqüentemente, o de maior valorização. Essa análise nos proporcionou saber quais aspectos da cultura material, social, ideológica e ecológica são mais enfatizados.

QUARTA ETAPA: levantamento e análise dos traços de normalização (proposta de Baker, 1996; e de Scott, 1998).

Nessa terceira etapa, foram analisados traços de normalização referentes a diferenças no comprimento de sentenças do texto de chegada em relação ao texto de partida, diferenças no emprego de pontuação, mudanças de registro coloquial para o formal, ocorrências de

omissão e de adições, mudanças de tradução e padrões de repetição, com o objetivo de investigar como e se o autor-tradutor tentou tornar o texto-alvo mais fluente para o leitor.

Em todas as etapas da pesquisa, as ferramentas de busca do programa WordSmith Tools foram parte integrante do processo de análise, tendo contribuído para uma maior exatidão dos dados coletados. No entanto, após a obtenção dos dados, as análises propriamente ditas passam a ser trabalho do pesquisador.

4. ANÁLISE DA TRADUÇÃO DE MARCADORES CULTURAIS

Para esta pesquisa, dividimos a seção de análise de dados dos marcadores culturais em dois subitens: o primeiro, referente aos dez marcadores culturais selecionados para análise, considerados palavras-chave, (subitem 4.1.), e, o segundo, referente à distribuição dos marcadores, elencados no Apêndice 3, por domínios culturais (subitem 4.2.).

4.1. Marcadores Culturais, considerados palavras-chave, na obra *Viva o Povo Brasileiro*

Os marcadores culturais foram analisados sob o ponto de vista da proposta de modalidades tradutórias de Aubert (1984, 1998), em razão de essa abordagem proporcionar-nos critérios lingüístico-tradutórios que permitem um exame qualitativo dos dados obtidos por meio da comparação dos marcadores culturais encontrados no texto de partida, com relação a suas respectivas traduções no texto de chegada. Por meio dessa abordagem, conseguimos analisar tendências do autotradutor, não de forma prescritiva, mas descritiva, observando as escolhas do autotradutor para marcadores de difícil tradução. Para tanto, foram escolhidos dez marcadores culturais, considerados palavras-chave, na obra *Viva o Povo Brasileiro*. Assim, optamos por buscar marcadores que tivessem duas ou mais colocações e frequência absoluta no mínimo 2, apenas o marcador *Iaiá* tem a ocorrência de uma colocação. Ao levantarmos os marcadores culturais e suas colocações e distribuí-los por domínios culturais, pudemos observar, de forma mais abrangente, as soluções dadas por João Ubaldo.

Para facilitar o exame, os marcadores estão ordenados segundo o grau de chavicidade, obtido por meio da ferramenta KeyWords. Na Tabela 1, apresentamos os marcadores culturais

com sua frequência absoluta, já distribuídos por domínios culturais, e em ordem decrescente segundo sua chavicidade.

Tabela 1 - Marcadores culturais selecionados para análise, por valor decrescente de chavicidade

Ordem	Domínios Culturais	Marcadores Culturais	Chavicidade	Frequência absoluta
1 ^a	Social	Caboco	1.111,60	91
2 ^a	Ecológico	Baiacu	820,3	71
3 ^a	Social	Gente	398,7	205
4 ^a	Social	Negro	302,1	118
5 ^a	Social	Mestre	149,8	63
6 ^a	Material	Cachaça	132,4	30
7 ^a	Material	Saveiro	121,9	23
8 ^a	Material	Engenho	112	14
9 ^a	Ideológico	Iansã	91,7	11
10 ^a	Social	Iaiá	87,6	10

Conforme a Tabela 1, ocorreram cinco marcadores para o domínio social: *caboco*, *gente*, *negro*, *mestre* e *Iaiá*; três para o domínio material: *cachaça*, *saveiro* e *engenho*; um para o domínio ideológico: *Iansã*; e um para o domínio ecológico: *baiacu*. Como as palavras-chave refletem temas e subtemas introduzidos pelo autor na obra, varia o número de marcadores culturais por domínios, conforme será visto no próximo item 4.2. Distribuição dos marcadores por domínios culturais.

A fim de analisarmos os marcadores culturais individualmente e suas colocações, apresentamos as tabelas abaixo.

O primeiro marcador a ser observado, na Tabela 2, é *caboco*, por registrar a maior chavicidade (1.111,60). Essa tabela também contém as colocações encontradas para esse marcador.

Tabela 2 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural CABOCO

<i>Viva o Povo Brasileiro</i>	<i>An Invincible Memory</i>	Freq. absoluta
CABOCO (Derivação: por extensão de sentido de <i>caboclo</i>). ³⁰ - Regionalismo: Brasil. 1. 1. selvagem brasileiro que tinha contato com os colonizadores; 2. indivíduo nascido de índia e branco (ou vice-versa), fisicamente caracterizado por ter pele morena ou acobreada e cabelos negros e lisos; 3. qualquer mestiço de índio; tapuio; 4. indivíduo (esp. habitante do sertão) com ascendência de índio e branco e com físico e os modos desconfiados, retraídos; 4.1 caipira, roceiro, matuto; 2. nas religiões ou seitas afro-brasileiras, design. genérica dos espíritos de ancestrais indígenas brasileiros que supostamente surgem nas cerimônias rituais e que foram idealizados, já no século XX, segundo os modelos de orixás da teogonia jeje-nagô e do Indianismo literário da fase romântica;	CABOCO (empréstimo)	91
Chavidade: 1.111,60	Total	91
COLOCAÇÕES		
Contexto de partida	Contexto de chegada	
<i>Viva o Povo Brasileiro</i>	<i>An Invincible Memory</i>	
1- filha do caboco	daughter of caboco	3
Nachi na senzala da Armação do Bom Jesus, neta de Vu mais o caboco alemão Sinique, Vu essa filha do caboco Capiroba rreis!	I was born in the slave quarters of the Good Jesus Fishery, the granddaughter of Vu plus the German <i>caboco</i> Seeneeky, this Vu being the daughter of caboco Capiroba.	
2- língua de caboco	caboco language	3
[...] _ gritou Inácia, levantando-se e falando língua de caboco muito perto do rosto dele, que curvou a cabeça para trás.	Inácia shouted, rising and speaking caboco language very close to his face, and he moved his head back.	
3- cabeça do caboco	caboco Capiroba's head	2
Assim, não se pode alegar que os padres só obtiveram êxitos, mas conseguiram bastante de útil e proveitoso, apesar de tudo isso haver piorado os sofrimentos da cabeça do caboco Capiroba .	Thus it cannot be alleged that the priests were successful in every respect, but they accomplished much that was useful and advantageous, although it worsened the suffering of caboco Capiroba's head .	

Pela tabela acima, podemos observar que a tradução do marcador cultural *caboco* foi feita por meio de empréstimo marcado por itálico em todas as suas ocorrências para a língua inglesa. Não se encontram variações de tradução para esse marcador. Notamos que o autor, mesmo no texto original, preocupa-se em contextualizar o marcador também para os leitores

³⁰ Acepção retirada do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 1.0.

de língua portuguesa, provavelmente por supor que seus significados possam não ser inteiramente compreendidos. *Caboco* é um marcador impregnado de significados, alguns por retomarem um dado período histórico, como referente a *índio* durante a colonização; outros porque foram adaptados a novos contextos, como ao de *caipira*, ambos dicionarizados³¹. Por essa razão, mesmo na língua de partida, o marcador pode levar a ambigüidades na leitura da obra.

Esse posicionamento do autor frente ao próprio texto original pode ajudar o seu trabalho de autotradutor, ao tornar desnecessária a explicitação de um marcador sem correspondente na língua de chegada, em razão de o termo já estar explicitado no texto de partida. Percebemos essa mesma tendência em outros exemplos semelhantes, durante a observação da tradução de marcadores culturais na obra em análise.

Embora *caboco* tenha sido o termo selecionado de maior chavicidade (1.111,60), e a frequência seja alta (91 ocorrências), poucos foram as colocações levantadas. Supomos que isso ocorra, em razão, em parte, pelo fato de que as incidências do marcador virem, na maioria das vezes, acompanhado de nome próprio.

Selecionamos três coocorrências com o marcador cultural *caboco* na obra. São elas: *filha do caboco*, *língua de caboco* e *cabeça do caboco*, respectivamente traduzidas por *daughter of caboco* (3 ocorrências), *caboco language* (3), e *caboco Capiroba's head*, (2).

Notamos que o tradutor manteve, no texto de chegada, o empréstimo e o itálico para o marcador em todas as oito ocorrências nas quais apareceram as colocações apresentadas na tabela acima e a mesma tradução para as colocações em todas elas, ou seja, houve a ocorrência de modalidade híbrida: empréstimo com a tradução literal. Houve, ainda, a transposição obrigatória para a colocação *caboco language* e *caboco Capiroba's head*.

³¹ Ver acepções de *caboco* na Tabela 2.

Na Tabela 3, examinamos o segundo marcador cultural, *baiacu*, e suas colocações, por ordem decrescente de chavacidade (820,3).

Tabela 3 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural BAIACU

<i>Viva o Povo Brasileiro</i>	<i>An Invincible Memory</i>	Freq. absoluta
BAIACU ³² - Regionalismo: Brasil.	BAIACU (empréstimo)	2
1.design. comum a vários peixes teleósteos, tetraodontiformes, encontrados em ambientes marinhos ou de água doce, que possuem o corpo coberto por escamas, espinhos ou placas ósseas; sapo-do-mar [São ger. capazes de inflar o corpo quando se sentem ameaçados.];	PUFFER FISH 1.assoprador. 2.pessoa ofegante. 3. locomotiva ou navio a vapor. 4. fumante. 5. Ict. baiacu . 6. Zool. maropa, toninha, roaz.	67
2.Regionalismo: Bahia: m.q. cabeça-chata ;	IT (pronome de 3ª pessoa)	1
	FISH (n 1 peixe, pescado.)	1
Chavacidade: 820,3	Total	71
COLOCAÇÕES		
Contexto de partida	Contexto de chegada	Freq. absoluta
1- escaldado de baiacu:	puffer fish stew	3
Mas que lindo escaldado de baiacu borbulha no caçarolão de barro, minha gente!	Folks, what a beautiful puffer fish stew is a-bubbling in the big clay pan!	
2- usura no baiacu:	puffer fish all for yourself	
_Está com usura no baiacu ?	“You want the puffer fish all for yourself ?”	1
Que usura no baiacu , eu estou é pensando se esse homem morre aqui depois de comer baiacu, vão dizer que fomos nós quem envenenou.	“It's not that I want the fish for myself ; it's just that I'm thinking if this man dies here they'll say we poisoned him.”	1

O marcador cultural *baiacu* pode ser distribuído por dois domínios culturais: o domínio ecológico, ao denominar um tipo de peixe da região baiana; e o domínio material, ao dar nome a um lugar construído pelo homem. Desse modo, o autotradutor optou por variar entre traduções diferentes.

Os dois empréstimos referentes a *baiacu* são usados para traduzir as ocorrências do topônimo e estão marcados com letra maiúscula. Já *puffer fish*, apresentando 29 ocorrências para a acepção referente ao topônimo e 38 para a acepção referente a peixe, é traduzido por tradução literal mais explicitação. Encontram-se, ainda, uma implicitação com o pronome de

³² Acepção retirada do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 1.0.

terceira pessoa, *it*, e outra com o substantivo *fish*, para a tradução do marcador cultural relativo à acepção de peixe.

Embora a frequência do marcador *baiacu* seja alta (71 ocorrências), só encontramos duas colocações com recorrência maior ou igual a dois que se referissem ao sentido de peixe. A primeira colocação do marcador cultural, *escaldado de baiacu* (3) manteve a mesma tradução em todas as ocorrências: *puffer fish stew*, sendo o colocado traduzido por meio de modulação. A segunda colocação: *usura no baiacu* (2) embora não tenha sido recuperada com a mesma estrutura gramatical e intensidade lexical na tradução: *puffer fish all for yourself* e *puffer fish for myself*, conseguiu transmitir o contexto. No entanto, o colocado *usura* foi recuperado por meio de modulação para a língua de chegada.

O Dicionário Eletrônico *Houaiss* distingue o substantivo *usura* como regionalismo específico do Nordeste, tendo como definição “desejo exacerbado de poder ou riquezas, honras ou glórias; ambição, cobiça”; e por extensão de sentido, cobiça por alguma coisa. No entanto, o marcador é conhecido em outras regiões, com a mesma acepção.

Na Tabela 4, estão contidos os dados relativos ao marcador cultural *gente*, com a terceira maior chavacidade (398,7).

Tabela 4 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural GENTE

<i>Viva o Povo Brasileiro</i>	<i>An Invincible Memory</i>	Freq. absoluta
GENTE - Regionalismo: Brasil ³³ 1. multidão de pessoas; povo; 2. os habitantes de uma região, país; 3. o gênero humano; a humanidade; 4. número indeterminado de pessoas; 5. grupo de pessoas que têm o mesmo perfil, interesses, profissão etc.; 6. grupo de pessoas a serviço de outrem; criadagem, serviçais; bando;	PEOPLE: 1 povo: conjunto de habitantes de uma nação. 2 nação, tribo, raça. 3 gente, público. 4 multidão. 5 habitantes, cidadãos. 6 gentilha, ralé, plebe. 7 Coloq. família, parentes.	169
	FOLK: 1 povo. 2 tribo, nação. 3 gente, pessoa, parentes	4
	EVERYBODY	3
	PERSON	3
	MEN	3
	HUMAN	2
	MAN	1
	HUMANS	1
	SOMEBODY	1
	PART OF A GROUP	1
	MANY	1
	BEINGS	1
	BODIES	1
	MEN AND WOMEN	1
	COMPANY	1
	FRIENDS	1
	BRAT	1
	NATION	1
	THEY	1
	OMISSÕES	8
Chavidade: 398,7	Total	205
COLOCAÇÕES		
Contexto de partida	Contexto de chegada	Freq. absoluta
1- gente do povo:	men of the people	1
	humble people	2
	people	1
Eram todos heróis e não nasceram heróis, eram gente do povo , [...]	They were all heroes, and they hadn't been born heroes, they were men of the people , ...	
Do mesmo jeito que você assiste a seus soldados morrendo sem comando e assistência, gente do povo , [...]	The same way you watch your soldiers dying without command or assistance, humble people , ...	
O Exército, que é de gente do povo , [...]	The soldiers, who come from the people , ...	
2- carne de gente:	people	3
	people meat	1

³³ Acepção retirada do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 1.0.

[...] quatro mulheres e muitas filhas e comendo carne de gente volta e meia, [...]	... four women and many daughters and eating people now and then, ...
A terceira razão, a quarta e as que porventura ainda pudessem ser enumeradas estariam todas subordinadas a que eles se agradaram de carne de gente , [...]	The third, fourth, fifth, and all other reasons that could be enumerated would all be subordinate to their having become very fond of people meat , ...

O marcador *gente* apresenta frequência alta (205 ocorrências), e é representativo dentro da obra, pois um dos empregos refere-se aos habitantes do Brasil, mais especificamente da Bahia. Sua tradução mostrou um número alto de opções apresentando correspondentes diferentes no texto de chegada.

A tradução literal *people* (169) apresenta o maior índice de repetições, provavelmente por ser o termo mais empregado na língua de chegada para o marcador cultural *gente*. As acepções no dicionário (conforme tabela acima) convergem, na maioria das vezes, para os mesmos contextos de uso como “povo, habitantes de uma região ou país, número indeterminado de pessoas, bando”, etc.

A tradução *folk* (4) também pode ser considerada uma tradução literal, por abarcar parte dos significados do marcador *gente*; no entanto, tem um uso menos freqüente na obra por ser usada em contextos situacionais diferentes, geralmente mais informais.

As traduções *person* (3), *human* (2) e *humans* (1) também podem ser consideradas literais, já que têm algumas das acepções do marcador *gente* nas definições dos dicionários.

Já em algumas situações, a tradução foi feita por meio de modulação dos marcadores na língua de chegada, como em *everybody* (3), *men* (3), *man* (1), *beings* (1), *somebody* (1), *part of a group* (1), *men and women* (1), *friends* (1), *brat* (1), *bodies* (1), *company* (1), e *nation* (1), bem como de implicações como *many* (1) e *they* (1), e oito omissões. Com exceção das omissões, essas escolhas do tradutor parecem tornar o texto de chegada mais claro para o leitor de língua inglesa, ao facilitar a transmissão dos significados do texto original, especificando-os.

Conforme os dados da Tabela 4, a tradução de três colocados que coocorrem com o marcador *gente* mostra, em dois deles, variações referentes à *gente do povo* (4), com três opções: *men of the people* (4), *humble people* (2) e *people* (1). Como exemplo, na colocação *gente do povo*, na Tabela 4, tem-se no primeiro contexto, “Eram todos heróis e não nasceram heróis, eram *gente do povo*, [...]”, que leva a inferências positivas de que ‘todos são heróis’; no texto de chegada a colocação é traduzida pela modulação do marcador mais a tradução literal do colocado: *men of the people* em “They were all heroes, and they hadn't been born heroes, they were *men of the people*, [...]”. O segundo contexto “Do mesmo jeito que você assiste a seus soldados morrendo sem comando e assistência, *gente do povo*, [...]”, leva as inferências negativas relativas à pobreza e ao abandono. No texto de chegada, o colocado *do povo*, um adjunto adnominal, foi traduzido pelo adjetivo *humble* por meio de uma transposição, dando maior ênfase ao contexto na língua de chegada; já o marcador foi traduzido de forma literal: “The same way you watch your soldiers dying without command or assistance, *humble people*, [...]”. No terceiro contexto “O Exército, que é de gente do povo,[...]”, o autotradutor opta por uma implicitação ao manter apenas o colocado *people*, em inglês, “The soldiers, who come from the *people*, [...]”.

Na segunda colocação, *carne de gente*, três ocorrências são traduzidas por meio de implicitação, *people*, no co-texto “[...] comendo carne de gente volta e meia, [...]”, em português, e “[...] four women and many daughters and eating *people* now and then, [...]”, em inglês. Há também uma ocorrência feita por tradução literal tanto do marcador como do colocado, mais transposição, *people meat*, no co-texto em português: “[...] eles se agradaram de carne de gente, [...]”, e, em inglês: “[...] their having become very fond of *people meat*, [...]”.

Essas opções de tradução apontariam uma possível preocupação de João Ubaldo Ribeiro em tornar o seu texto de chegada mais claro para o leitor, ou mesmo como uma

tentativa de recuperar as nuances de significados do texto de partida, adaptando-as à língua inglesa.

Na Tabela 5, apresentamos o quarto marcador cultural *negro*, em ordem decrescente de chavidade (302,1) e suas colocações.

Tabela 5 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural NEGRO

<i>Viva o Povo Brasileiro</i>	<i>An Invincible Memory</i>	Freq. absoluta
NEGRO -Brasileirismo. ³⁴ 1. homem, pessoa, indivíduo; nego (ê); 1. negro velho: Bras. Tratamento familiar, carinhoso, mais ou menos equivalente ao de meu nego;	BLACK: 1 preto. 2 corante ou pigmento preto. 3 luto, roupa preta. 4 negro, negra: pessoa preta.	49
	BLACKS (plural da entrada acima)	6
	NEGRO: negro, preto.	48
	NEGROES (plural da entrada acima)	5
	SLAVE: 1 escravo. 2 pessoa viciada, escravo. 3 mourejador, pessoa que trabalha muito, quem é explorado por outros.	2
	Explicitação por nome de profissão:	
	SECOND COACHMAN: 1 cocheiro, boleeiro.	1
	CUDDY MAN: cafuneteiro (Regionalismo: aquele que, na baleeira, é o responsável pela cafuneta ³⁵)	1
	Explicitação por nome próprio:	
	João Benigno	2
	Feliciano	2
	OMISSÕES	2
Chavidade: 302,1	Total	118
COLOCAÇÕES		
Contexto de partida	Contexto de chegada	Freq. absoluta
1- negro safado:	dirty Negro	1
	bastardly Negro	1
	no-good Negro	4
— Tu me deve uma surra, negro safado .	“I owe you a beating, you dirty Negro .”	
Mas então, negro safado , [...]	So then, you bastardly Negro , [...]	
[...] sou um negro safado que nunca ninguém quis, [...]	I'm a no-good Negro no one ever wanted, [...]	
2- negro cativo:	captive black man	2
	downtrodden slave	1
Era uma vez, disse, um negro cativo fumbambento [...]	One upon a time, he said, there was a lime-sooted captive black man [...]	
... fora negro cativo castigado, [...]	[...] a downtrodden slave , [...]	
3- negro velho:	old lime-sooted black father	1
	old Negro	1
	old black man	1
[...] pai negro velho fumbambento [...]	[...] old lime-sooted black father [...]	

³⁴ Acepção retirada do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1993.

³⁵ Vasilha de madeira com a qual, nas baleeiras, se medem as rações de farinha (Dic. Eletr. Houaiss).

O negro velho teve grande desgosto [...]	The old Negro was greatly upset [...]	
[...] negro velho fumbambento de cal e pescador de peixe [...]	[...] lime-sooted old black man and fisher of fish, [...]	
4- negro liberto:	freed black	2
	freed Negro	1
É bom outro negro liberto nisto.	It's a good thing to have another freed black in this.	
Não teve conhecimento na ocasião nem depois, visto que mandou chamar um negro liberto da confiança dele [...]	He never know because he sent for a freed Negro he trusted, [...]	
5- negro fumbambento:	lime-sooted black man	3
Esse negro fumbambento chega assim...	his lime-sooted black man steps out, ...	
6- negro ordinário:	rascally Negro	1
	stinking Negro	1
[...] quero falar com ele, chama aquele negro ordinário , [...]	[...] I want to talk to him, tell that rascally Negro [...]	
— Tu, negro ordinário , tu eu acerto hoje, hoje eu te acerto.	"You, you stinking Negro , I'll fix you today, I'll fix you."	
7- negro imundo:	filthy Negro	2
Talvez, se ele entendesse, não o chamasse de negro imundo .	Maybe he would not call him a filthy Negro if he could understand it.	
8- negro ousado:	barefaced Negro	1
	insolent Negro	1
— Negro ousado , onde já se viu negro fazendo perguntas!	"You barefaced Negro , who ever heard of a Negro asking questions?"	
— Escuta aqui, negro ousado , eu sei que tu é ladino, [...]	"Listen here, you insolent Negro , I know you, you know how so talk like people [...]"	
9- negro fugido:	runaway Negro	2
[...] tu é negro fugido aqui do Engenho, [...]	..you're a runaway Negro from the sugar mill here; [...]	
10- pai negro:	black father	2
Muito bem, esse pai negro fumbambento dá a mão à filha e conversam longas prosas, [...]	Very well, this lime-sooted black father gives his band to his daughter and they talk in long chats, [...]	

Negro é um dos marcadores culturais mais frequentes na obra. Com 118 ocorrências e dez variações na tradução, além de duas omissões, mostra uma oscilação no uso de entradas ora no singular, como: *black* (49), *negro* (48), *slave* (2), ora no plural, como: *blacks* (6), *negroes* (5), dependendo do contexto. Ocorre, também, o uso de explicitação no texto, ao substituir o substantivo comum *negro* por substantivos próprios, como nomes, *João Benigno* (2) e *Feliciano* (2), e tipos de profissões, *second coachman* (1) e *cuddy man* (1).

Outros marcadores culturais que o autor utiliza para designar os negros são *preto* e *nego*. Geralmente, os marcadores *negro* e *preto* são usados de maneira intercambiável no mesmo contexto pelo autor; no entanto, têm conotações diferentes dentro da língua portuguesa. O marcador *negro* é utilizado oficialmente para designar pessoas de cor e raça negra, inclusive na escrita formal, embora continue sendo pejorativo quando usado para se dirigir a uma pessoa. Já o marcador *preto* não é um termo aceito socialmente; contudo, pode ser usado com conotação tanto pejorativa como afetiva, dependendo do contexto em que aparece. O marcador *nego* é definido pelo Dicionário Eletrônico Michaelis como “camarada, amigo, companheiro.”, e geralmente é utilizado em contextos familiares, informais e amistosos. Todas as três opções em português foram traduzidas, na maioria das vezes, por *black* ou por *negro*.

Nos contextos da Tabela 5, as opções *black* (49) e *negro* (48) são traduções literais, e são os dois correspondentes mais frequentes para o marcador em português; contudo, esses marcadores não têm equivalência total na língua de chegada, pois, em virtude de problemas raciais, são usados em contextos diferentes no inglês. Notamos que a opção *negro*, em inglês, é usada geralmente em um contexto mais agressivo como no caso das colocações *negro safado*, *negro ordinário*, *negro imundo*, *negro ousado*, *negro fugido*, na qual o marcador é traduzido pela opção *negro* em todas as suas ocorrências. Já as colocações menos marcadas com tom pejorativo normalmente são traduzidas por *black* e, dependendo do contexto, por *negro*. Aparecem, ainda, com menor frequência, a modulação *slave* (2).

Com relação às colocações selecionados para o marcador cultural *negro*, a variação nas traduções é grande. Dentre as dez colocações selecionadas para análise, o marcador aparece nove vezes como substantivo acompanhado de adjetivo, como: *negro imundo* (2), *negro fugido* (2), *negro safado* (6), *negro ordinário* (2), *negro ousado* (2), *negro velho* (3),

negro liberto (3), *negro fumbambento* (3) e *negro cativo* (3), e uma como adjetivo acompanhando um substantivo: *pai negro* (2).

Podemos observar que, de todas as colocações, apenas duas não variam na tradução; são elas: *negro imundo* e *negro fugido*, respectivamente *filthy negro* e *runaway negro*, tendo tanto o marcador como o colocado sido traduzidos de forma literal e por meio da transposição obrigatória, devido à ordem sintática do inglês para adjetivos e substantivos.

A colocação *pai negro*, também foi recuperada por meio da transposição *black father* e da tradução literal tanto do marcador como do colocado. Nas colocações *negro safado*, *negro ordinário*, *negro ousado*, *negro velho*, *negro liberto*, *negro fumbambento* e *negro cativo*, também ocorre a transposição dos marcadores (substantivos) e colocados (adjetivos), no texto em inglês. A tradução dos colocados: *safado*, respectivamente *dirty*, *bastardly* e *no-good*; *ordinário*, respectivamente *rascally* e *stinking*; e *ousado*, respectivamente *barefaced* e *insolent* foram feitas por meio de modulações. Já para os colocados *velho* e *liberto*, respectivamente *old* e *freed*, a tradução foi recuperada de forma literal. Para o colocado *fumbambento*, respectivamente *lime-sooted*, houve uma adaptação. O colocado *cativo* foi recuperado por meio da tradução literal *captive* e da modulação *downtrodden*.

Dentre os nove colocados, sete acompanham *negro* em colocações com conotação pejorativa no português. Os atributos dados ao marcador cultural *negro*, em *An Invincible Memory*, mostram uma conotação negativa ainda mais forte na língua de chegada do que na língua de partida.

Abaixo, na Tabela 6, apresentaremos as análises do marcador cachaça, com chavicidade (132,4), e suas colocações.

Tabela 6 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural CACHAÇA

<i>Viva o Povo Brasileiro</i>	<i>An Invincible Memory</i>	Freq. absoluta
CACHAÇA – Brasileirismo. ³⁶ Aguardente que se obtém mediante a fermentação e destilação do mel, ou borras de melaço.	CACHAÇA (empréstimo)	1
	RUM: 1 rum. 2 Am. bebida alcoólica.	9
	FIREWATER: aguardente	7
	LIQUOR: 1 substância líquida ou fluída. 2 bebida alcoólica. 3 solução, diluição (de produtos farmacêuticos)	3
	SUGARCANE LIQUOR:	2
	SUGARCANE RUM: sugarcane: cana de açúcar	5
	BOOZE: (coloq.) bebida (alcoólica)	1
	GET DRUNK	1
	OMISSÃO	1
Chavidade: 132,4		Total
		30
COLOCAÇÕES		
Contexto de partida	Contexto de chegada	Freq. absoluta
1- copinho de cachaça:	glass of firewater	1
	shot glass of sugarcane liquor	1
	shot glass of sugarcane rum	1
Não ia ficar ali no bar, sentado com o terceiro copinho de cachaça , esperando o desfile escolar.	He wasn't going to stay in the bar, sitting with his third glass of firewater , waiting for the school parade.	
– Eu sei - disse Stalin José, levantando-se para pegar um copinho de cachaça no bar.	“I know, Stalin José said, rising to get a shot glass of sugarcane liquor in the bar.”	
Segurando o quarto copinho de cachaça , Stalin José caminhou até a esquina da Rua Direita e descortinou ao longe o desfile escolar se aproximando, uma baliza de seus doze anos à frente dos tambores, de malha branca, saiote e chapeuzinho de papel verde e amarelo.	Holding his fourth shot glass of sugarcane rum , Stalin José walked to the corner of Straight Street and saw from afar the school parade coming, a majorette about twelve years old ahead of the drums in a white leotard, a short skirt, and a little green and yellow hat.	
2- quartinha de cachaça:	jug of rum	2
– Não, é que ela bebeu quase uma quartinha de cachaça , a julgar pelo resto que ainda ficou na encruzilhada.	“No, it's just that she's drunk nearly a whole jug of rum , to judge from what she left at the crossing.”	

O marcador *cachaça* (30) é traduzido ao mesmo tempo por empréstimo acompanhado de itálico, por mais cinco adaptações, *rum* (9), *sugarcane rum* (5), *firewater* (7), *liquor* (3), *sugarcane liquor* (2), uma modulação *booze* (1), uma transposição traduzida por meio de uma expressão verbal, *get drunk* (1), e uma omissão, evidenciando as dificuldades do tradutor com a densidade do marcador em questão, no momento de passar sua carga semântica para o texto de chegada.

³⁶ Acepção retirada do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1993.

O procedimento de empréstimo é expresso, principalmente, quando não se encontram traduções satisfatórias para marcadores culturais que retratam realidades culturais distintas, ou quando o tradutor opta por estrangeirizar o texto de chegada para deixar marcada a cultura de língua de partida.

Com relação às colocações, encontramos duas opções: *copinho de cachaça* (3), e *quartinha de cachaça* (2). Para a tradução da primeira colocação, *copinho de cachaça*, foram utilizadas três variáveis diferentes de adaptação para o marcador cultural e duas variações de modulação para o colocado: *glass of firewater*, *shot glass of sugarcane liquor*, e *shot glass of sugarcane rum*.

Para a segunda colocação, *quartinha de cachaça* (2), a tradução apresenta apenas um único correspondente *jug of rum*, sendo o marcador cultural traduzido pela adaptação *rum* e o colocado *quartinha* pela tradução literal *jug*.

Observando as várias opções de tradução dadas a esse marcador, evidenciam-se as soluções por parte do tradutor, para possibilitar maior entendimento acerca das características intrínsecas do marcador *cachaça* e sua carga cultural.

Abaixo, segue a análise do sexto marcador selecionado por chavicidade (149,8), *mestre*, com 61 ocorrências.

Mas a menina não se importa, nem o pai velho, de ser mutuca da rede, mas tanto aprende essa pesca que de mutuca vai a atadora, de atadora vai a mestre de terra , ou senão moça embarcada.	But the girl does not mind being a motuca, nor does the old father, and learns so much about that kind of fishing that from motuca she moves up to net tier, from net tier she moves up to shore chief , or maybe boatwoman.	
3- Mestre do saveiro:	Master of the lighter	1
	Boat's master	1
	Master of this boat	1
E não podia mesmo existir preto mais misterioso do que Júlio Dandão, mestre do saveiro Lidador , tudo nele parece segredo ou disfarce.	And there really could not be a more mysterious black than this Júlio Dandão, master of the lighter Lidador , about whom everything seemed to be concealed or disguised.	
Budião mastigou o peixe e a farinha tão rápido quanto possível porque queria falar, talvez aquele homem fosse o mestre do saveiro , embora não parecesse.	Budião chewed the fish and dour in his mouth as fast as he could so he would be able to speak, maybe that man wits the boat's master , although he did not seem to be.	
Vosmecê o mestre do saveiro ?	"Are you the master of this boat ?"	
4- Mestre da bexiga:	Master of smallpox	2
Omolu, senhor das pestes, mestre da bexiga e dos furúnculos, o que não come caranguejo, não respondeu nada, nem se viu sua face variolada por baixo do filá.	Omoloo, lord of plagues, master of smallpox and furuncles, the one who does not eat crab, did not say anything back, and his poxy face could not be seen under his veil.	

O marcador cultural *mestre* (63) foi traduzido por doze opções diferentes mais duas omissões. As acepções dicionarizadas, expostas acima, mostram os diversos contextos em que o termo aparece na obra *Viva o Povo Brasileiro*. Geralmente as acepções designativas de pessoa conhecedora ou especialista em trabalhos manuais ou intelectuais são traduzidas por *master* (27). Em alguns casos, quando o marcador designa pessoas que chefiam algo, o termo foi recuperado por meio da implicitação *chief* (16), e das explicitações *foreman* (2) e *marshal* (1). Há, ainda, as explicitações *friend* (3), *coxswain* (1) e *lector* (1), para contextos mais específicos, além das modulações *owner* (1) e *lord* (1), e da tradução literal *master* (5) para designar as artes dos orixás. *Boatmaster* (1) e a expressão *in command* (1) podem ser consideradas transposições.

O autotradutor opta por repetir seguidamente uma mesma tradução. Como exemplo, temos *mestre de terra* por *shore chief*, e *mestre*, traduzido por *chief*, como implicitação da

colocação *mestre de terra*, que são opções de traduções usadas seguidamente no mesmo contexto. Outro exemplo é a variação *friend*, usada consecutivamente como opção para o marcador *mestre* designativo de comandante superior de guerrilha.

Essa posição do autotradutor mostra sua tendência para explicitar o marcador na tradução como uma maneira de conseguir uma maior adequação do entendimento do contexto da obra; como exemplo temos as variantes *friend*, *foreman*, *lector* e *coxswain* que podem ser consideradas explicitações. Já a opção *he e chief* podem ser consideradas implícitações. A variante *lord* é uma modulação para o marcador referente à acepção ligada a artes dos orixás. A opção *master* é uma tradução literal em todos os contextos em que aparece.

Esse marcador também apresenta uma série de colocações. O primeiro é *mestre das armas*, traduzido respectivamente por *lord of arms* (1), *master of tools* (1) e *master of arms* (2), sendo *lord* uma modulação e *master* tradução literal do marcador, assim como *arms* é uma tradução literal e *tools* uma modulação do colocado.

A colocação *mestre de terra* é traduzida em todas as suas ocorrências por meio da transposição sintática *shore chief*, sendo que *shore* pode ser considerada uma tradução literal devido às acepções do Dicionário Eletrônico Michaelis, “1. costa, praia, margem. 2. litoral, terra perto da água. 3. terra, *in shore*, Náut., perto da costa, na água, *on shore*, em terra, na costa, *the shores*, pl. as costas (de um país), *off shore*, próximo à costa”, e *chief* uma explicitação.

A terceira colocação, *mestre do saveiro*, é traduzida respectivamente por *master of the lighter* (1), *boat's master* (1) e *master of this boat* (1). Em todas as opções, o marcador foi recuperado de forma literal; já saveiro foi recuperado por duas modulações diferentes, *lighter* e *boat*. Na tradução da colocação *boat's master*, houve também a estratégia de transposição sintática.

Na quarta colocação, *mestre da bexiga*, a tradução foi feita de maneira literal por *master of smallpox*.

Abaixo, segue a análise do sexto marcador cultural selecionado para análise de acordo com o critério de chavicidade: *saveiro* (121,9) e suas colocações.

Tabela 8 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural SAVEIRO

SAVEIRO - Regionalismo: Brasil. ³⁸ embarcação a vela, de pouco fundo e boca larga, um a dois mastros, usado para transporte de pessoal e carga ou para pescar	LIGHTER - barcaça, chata.	10
	BOAT - 1 bote, barco, canoa. 2 navio. 3 molheira ou qualquer recipiente em forma de barco.	7
	BOATS (plural)	1
	CABIN - Náut. camarote, beliche, cabina.	2
	PINNACE – pinna: n. pl. pinnae, Náut. pinaça.	2
	OMISSÃO	1
Chavicidade: 121,9	Total	23
COLOCAÇÕES		
Contexto de partida	Contexto de chegada	Freq. absoluta
1- Mestre do saveiro:	Master of the lighter	1
	Boat's master	1
	Master of this boat	1
E não podia mesmo existir preto mais misterioso do que Júlio Dandão, mestre do saveiro Lidador , tudo nele parece segredo ou disfarce.	And there really could not be a more mysterious black than this Júlio Dandão, master of the lighter Lidador , about whom everything seemed to be concealed or disguised.	
Budião mastigou o peixe e a farinha tão rápido quanto possível porque queria falar, talvez aquele homem fosse o mestre do saveiro , embora não parecesse.	Budião chewed the fish and dour in his mouth as fast as he could so he would be able to speak, maybe that man wits the boat's master , although he did not seem to be.	
Vosmecê o mestre do saveiro ?	“Are you the master of this boat ?”	
2- Borda do saveiro:	Lighter's side	1
	Lighter	1
Dandão tirou uma pilha de papéis de dentro de sua bolsa de couro, entregou-a a Almério por cima da borda do saveiro , viu Budião em pé junto ao feitor, mas não disse nada.	Dandão took some papers out of his leather bag, and as he handed them to Almério over the lighter's side , he saw Budião standing next to the foreman and did not say anything.	

³⁸ Acepção retirada do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 1.0.

Retomou a marcha pelo molhe, chegou à borda do saveiro quase encalhado na maré baixa, preparou-se para pular e Dandão brotou de repente diante dele, com a mão estendida para ajudá-lo a entrar no barco.	He resumed his march down the wharf, and when he got to the lighter , which was almost high and dry in the low tide, and he was ready to jump in, Dandão sprouted all of a sudden in front of him, his hand outstretched to help him aboard.	
3- Tolda do saveiro:	Cabin	2
Já do alto do molhe, Budião podia ver a pele de carneiro de Júlio Dandão movendo-se na escuridão da tolda do saveiro , como um fantasma numa gruta.	From high up on the wharf, Budião could see Júlio Dandão's sheepskin moving within the cabin's darkness like a ghost in a cave.	
Aliás, queria, porque chegou a arrastar um gancho lá dos ocos da tolda do saveiro e ficou como quem vai mas não vai, brandindo-o com força diante de Budião.	And as a matter of fact he did; he went so far as to drag out a big hook from the hollows of his cabin and shake it angrily in front of him, as if barely able to contain himself.	

O marcador *saveiro* (23) é classificado como pertencente ao domínio cultural material e foi traduzido por três modulações diferentes, respectivamente: *lighter* (10), *boat* (7), *boats* (1), duas implicações, *pinnace* (2) e *cabin* (2), além de uma omissão. Todas as opções escolhidas pelo autotradutor têm acepções em comum.

Observamos uma característica relevante quanto ao uso das diferentes traduções para o marcador cultural *saveiro*. Embora as modulações sejam intercambiadas entre si, há regras para sua posição na obra traduzida. Geralmente, o autotradutor optou por usar o mesmo termo traduzido seguidamente, e posteriormente o substituiu por outro, com exceção da tradução *pinnace*. A opção *lighter* foi a mais utilizada, sendo consecutivamente utilizada no início da tradução e novamente retomada entre as outras opções. Essa característica lingüístico-tradutória pode ser considerada uma tentativa, por parte do autotradutor, de passar o maior número possível de traços que possam evidenciar as particularidades do termo para o público leitor.

A tradução do marcador também pode se influenciada pelas opções do autotradutor para as colocações. A colocação *mestre do saveiro* (3) é traduzida, respectivamente, por *master of the lighter*, *boat's master* e *master of this boat*, na qual o colocado *mestre* é

traduzido, literalmente, por *master* e o marcador por duas das modulações apresentadas acima, *lighter* e *boat*. Na segunda opção, *boat's master*, houve a transposição entre o colocado e o marcador em razão da estrutura da língua inglesa.

A segunda colocação, *borda do saveiro* (2), foi traduzida por *lighter's side* e *lighter*. Na tradução de *lighter's side*, tanto o marcador quanto o colocado foram traduzidos por meio de modulações, além da ocorrência da modalidade de transposição devido a diferenças lingüístico-gramaticais. Já a opção *lighter* é uma modulação do marcador cultural, sendo também considerada como uma implicitação, uma vez que omite o colocado. Já na colocação *tolda do saveiro* (2), ocorre a tradução por meio da implicitação *cabin*.

O nono marcador cultural analisado, *engenho*, tem chavicidade 112 e 14 ocorrências, conforme a Tabela 9.

Tabela 9 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural ENGENHO

<i>Viva o Povo Brasileiro</i>	<i>An Invincible Memory</i>	Freq. absoluta
ENGENHO - Regionalismo: Brasil. ³⁹ 1. todo o conjunto relativo à cultura e ao processamento da cana-de-açúcar, incluindo as terras cultivadas, as instalações para moagem e as residências de proprietários, colonos e trabalhadores; 2. estabelecimento industrial situado em zona canavieira e destinado à moagem da cana para o fabrico de açúcar, aguardente, rapadura [Segundo a força motriz, divide-se em engenho de água, de boi, bangüê, de cavalo, a vapor etc.]; 3. aparelho para moer cana-de-açúcar; moenda;	SUGAR MILL - engenho de açúcar.	6
	MILL - moinho: engenho para moer ou triturar. 2 pugilato. 3 fábrica (em geral). 4 tecelagem.	1
	SUGAR PLANTATION	2
	PLANTATION - 1 plantação: terreno cultivado. 2 plantio. 3 Hist. Colonização.	2
	PLANT - 1 planta, vegetal. 2 muda. 3 fábrica, usina. 4 maquinaria, instalação. 5 posição, postura. 6 plantação.	2
	GRINDER - 1 amolador. 2 rebolo. 3 dente molar. 5 moedor. coffee grinder moedor de café.	1
Chavicidade: 112	Total	14
COLOCAÇÕES		
Contexto de partida	Contexto de chegada	Freq. absoluta
1- engenho de frigar	blubber-melting plant	2
	frying plant	1

³⁹ Acepção retirada do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 1.0.

[...] detestava a idéia de fingir interesse pelos festejos de Santo Antônio no engenho de frigar , detestava repetir explicações tediosas sobre a armação das baleias, as plantações e os escravos, [...]	[...] he detested the idea of pretending to be interested in the feast of Saint Anthony at tike blubber-melting plant , he detested having to repeat tedious explanations about the whale fishery, the plantations, and the slaves, [...]	
Caminhando o viajante pela trilha que leva da casa grande ao engenho de frigar , verá que as margaridas que a ladeiam estão sufocadas por carrapichos, já nem floram como antigamente.	If the traveler treads down the pathway that links the manor to the blubber-melting plant , he will notice that the daisies bordering it are being, smothered by cockleburrs; they do not even blossom as in the old days.	
Os negros que passassem, pois não há mesmo necessidade de tantos cuidados com eles, talvez assim não se queimem tanto no engenho de frigar , talvez muitos se queimem porque sabem que têm tratamento, cama, remédios e folga do trabalho, haveria muitos homens bons e honestos de ter tanta facilidade.	If it was only for the blacks they would get along, for there's no need to take so much trouble with them; maybe if we didn't they wouldn't get burned so often at the frying plant ; maybe some of them let themselves get burned because they know they will be given treatment, a bed, medicines, and time off. Many good and honest men wish they could have so many privileges.	
2- casa-grande do engenho	sugar plantation	1
	sugar plantation's main house	1
Sabia que, ao subir à caleça para voltar à casa-grande do engenho , teria vontade de procurar, nas roupas dos negros, nos bancos e nas coberturas, manchas de resina pingada da mangueira e, se as encontrasse, poderia perder a cabeça novamente, como cada vez mais lhe acontecia com os pretos.	He knew that when he climbed up to the carriage to return to the sugar plantation , he would want to look for stains made by resin dripping down from the tree on the blacks' cloches, the seats, and the roof, and if he found them he might lose his temper again, as happened more and more often when he dealt with blacks.	
Até mesmo quando, com o pai já capturado, preso e acusado de traição, encontrou o ouro em pó que se dizia estar enterrado ilegalmente nos fundos da casa-grande do engenho , guardou a maior parte do que achou em segredo e levou um punhado às autoridades, como triste evidência de que sua família era efetivamente tudo de mau que se dizia dela e até um pouco mais.	It had been easy even when, after labs father had been placed under arrest and charged with treason, he found the gold dust that was rumored to be buried illegally in the backyard of the sugar plantation's main house and secretly kept most of it, taking a fistful to the authorities as sad evidence that his family was really as bad as it was said to be, perhaps worse.	

O marcador cultural *engenho* (14) é um brasileirismo da época da colonização usado até os dias de hoje. Em seu contexto, são abarcados conceitos relacionados às grandes plantações de açúcar e do processo de refinamento do produto: “todo o conjunto relativo à cultura e ao processamento da cana-de-açúcar, incluindo as terras cultivadas, as instalações

para moagem e as residências de proprietários, colonos e trabalhadores” (Dicionário Eletrônico Houaiss, 2001).

O marcador cultural foi recuperado por meio de seis opções diferentes pelo autotradutor: *sugar mill* (6), *mill* (1), *sugar plantation* (2), *plantation* (2), *plant* (2) e *grinder* (1). A opção *sugar mill* é a única que podemos considerar como tradução literal, pois está dicionarizada. *Sugar plantation* e *plantation* são adaptações, assim como *plant*, cujos contextos envolvem acepções ligadas a plantações; no entanto, não englobam os contextos de maquinaria que estão presentes no marcador brasileiro *engenho*. A variação *mill* é uma implicitação que carrega também as inferências do termo *sugar*. A opção *grinder* pode ser considerada uma explicitação, já que carrega em seu contexto o ato de moer, e é a tradução empregada para o marcador *engenho de moer*.

A colocação *engenho de frigar* é traduzida, respectivamente, por *blubber-melting plant* (2) e *frying plant* (1). A primeira opção foi recuperada por meio de adaptação e transposição para a língua de chegada, já a segunda foi recuperada por meio da tradução literal *frying* para o colocado *de frigar* mais a adaptação *plant* para o marcador *engenho*, além da transposição.

No caso da colocação *casa-grande do engenho*, foi recuperada, respectivamente, por *sugar plantation* (1) e *sugar plantation's main house* (1). Na primeira opção houve a omissão do colocado *casa-grande*. Na segunda opção ocorreu a adaptação do colocado por *main house*.

A seguir, encontra-se a análise do marcador cultural *Iansã*, classificado como sendo do domínio ideológico, por pertencer à cultura religiosa afro-brasileira. O marcador é o sétimo termo analisado, conforme o critério de chavicidade.

Tabela 10 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural IANSÃ

<i>Viva o Povo Brasileiro</i>	<i>An Invincible Memory</i>	Freq. absoluta
IANSÃ - Regionalismo: Brasil. ⁴⁰ Rubrica: religião: orixá feminino dito Oiá nos candomblés ortodoxos nagôs; é uma das três mulheres do orixá Xangô e a encarnação das tempestades, raios e ventos.	YANSAN (decalque)	
Chavacidade: 91,7	Total	11
COLOCAÇÕES		
Contexto de partida	Contexto de chegada	Freq. absoluta
1- Irmã Iansã:	Sister Yansan	4
Procura, pois, a tua irmã Iansã , rainha dos ventos e dos espíritos, senhora das tempestades, valente e ousada como os tufões, e pede-lhe sua ajuda.	Seek therefore your sister Yansan , queen of the winds and spirits, mistress of storms, plucky and bold as a typhoon, and ask for her help.	
2- Rainha dos ventos:	Queen of the winds	1
	Queen of winds	2
Procura, pois, a tua irmã Iansã, rainha dos ventos e dos espíritos, senhora das tempestades, valente e ousada como os tufões, e pede-lhe sua ajuda.	Seek therefore your sister Yansan, queen of the winds and spirits, mistress of storms, plucky and bold as a typhoon, and ask for her help.	
Venho, pois, pedir-te que viajes comigo para lutar nesse lugar chamado Tuiuti, para que as armas, com tua ajuda, não nos sejam adversas, minha grande irmã Iansã, rainha dos ventos e das tempestades, senhora dos espíritos, temível na refrega!	So I have come to ask you to travel with me to fight in this place called Tuiuti, so that with your help the outcome will not be adverse to us, my great sister Yansan, queen of winds and storms, mistress of spirits, awe-inspiring in war.	
3- Senhora dos ventos:	Mistress of winds	2
_ Ê-parrê, Iansã, senhora dos ventos e das tempestades, rainha dos espíritos, valente e ousada como os tufões, de bravura irresistível, eu te saúdo!	“Eppa-heh, Yansan, mistress of winds and storms, queen of spirits, plucky and bold like a typhoon, of irresistible courage, I salute you!”	

O marcador cultural *Iansã* (11) foi traduzido por meio do decalque *Yansan* no texto de chegada em inglês; não houve omissões ou variações nas traduções. Essa estratégia foi utilizada por João Ubaldo Ribeiro para traduzir todos os nomes de orixás expressos na obra.

Os decalques expressos na tradução são, principalmente, referentes aos marcadores do domínio cultural ideológico ligados à religião dos negros escravos. Geralmente, são nomes de orixás e expressões usadas em rituais. Como estes termos são específicos e originários da

⁴⁰ Acepção retirada do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 1.0.

cultura afro-brasileira e, mais ainda, baiana, portanto sem correspondentes satisfatórios em outras línguas, o autotradutor optou por adaptá-las à fonologia e à grafia inglesas.

A primeira colocação desse marcador é *irmã Iansã* (4), na qual o marcador é traduzido pelo decalque *Yansan* e o colocado *irmã*, de forma literal por *sister*, em todas as suas ocorrências, ficando, dessa forma, *sister Yansan*.

A segunda colocação, *Iansã, rainha dos ventos*, é traduzida por *Yansan, queen of the winds* (1) e *Yansan, queen of winds* (2), ou seja, por meio de decalque do marcador mais tradução literal dos termos do colocado. No entanto, há uma diferença entre as duas opções de tradução: a ausência do artigo *the* na segunda opção para a tradução da preposição *dos*.

A terceira colocação *Iansã, senhora dos ventos* (2), traduzida por *Yansan, mistress of winds*, também foi feita por meio de decalque do marcador e tradução literal dos termos do colocado, sem variação nas duas ocorrências.

O próximo marcador a ser analisado é *Iaiá*, com chavacidade (87,6), e tendo dez ocorrências e uma colocação.

Tabela 11 - Opções de traduções verificadas para o marcador cultural IAIÁ

<i>Viva o Povo Brasileiro</i>	<i>An Invincible Memory</i>	Freq. absoluta
IAIÁ : Regionalismo: Brasil. ⁴¹ tratamento que se dava às meninas e às moças, muito usado no tempo da escravidão	IAIÁ (empréstimo)	
Chavacidade: 87,6	Total	10
COLOCAÇÕES		
Contexto de partida	Contexto de chegada	Freq. absoluta
1- Casa de Iaiá Menina	Young Iaiá's place	1
	Young Iaiá's house	1
As preocupações com a prole, contudo, não vão muito além da necessidade de despachar os cordeiros, nesta hora em que João Popó, com um sinal para que Militão prossiga até o Alto de Santo Antônio, onde fará entregas a Rufina e a outras, manda Boanerges entrar pelo lado da casa de Iaiá Menina para se entender com as negras da cozinha.	João Popó's concern with his progeny at this time, however, does not go much beyond the need to dispatch the lambs, and he is signaling for Militão to proceed to Saint Anthony lay Hill, where he will make the deliveries at Rufina's and other women's, and telling Boanerges to use a side entrance to Young Iaiá's place to take care of his errands with the kitchen blacks.	
Na casa de Iaiá Menina , pronunciou um discurso na frente dos negros e dos vizinhos, em que afirmou que ser amigado, em muitos casos, era melhor do que viver com uma legítima que só trazia atraso, mas não se metessem a bestas, porque ele estava ali exercendo seu direito de dono da casa e arrimo da família e não tinha de dar explicações a ninguém.	In Young Iaiá's house he made a speech for the blacks and the neighbors in which he declared that living with a kept woman was in many cases better than living with a legal wife who was only a dead weight, but they shouldn't get any ideas, because he was there exercising his right as master and breadwinner of that home, and he didn't owe any explanations so anybody.	

O marcador cultural *Iaiá* (10) é uma forma de tratamento específica do Brasil, usada na época da escravidão que, como diz o Dicionário Eletrônico Houaiss, era dispensado às meninas moças. Provavelmente, por esse motivo, foi traduzido por meio de empréstimo, sem variações e omissões.

Este marcador cultural tem apenas uma colocação, *casa de Iaiá Menina*, respectivamente traduzido por *Young Iaiá's place* (1) e *Young Iaiá's house* (1). Na primeira tradução houve a recuperação do marcador por meio de empréstimo, do colocado *menina* pela

⁴¹ Acepção retirada do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 1.0.

modulação *young* e do colocado *casa* por meio da modulação *place*. No segundo caso, houve apenas a variação da tradução do colocado *casa* por meio da tradução literal *house*. Nos contextos acima, ambas as traduções *place* e *house* são designativas de casa no sentido de moradia familiar.

Segue, abaixo, a Tabela 12 de classificação dos marcadores culturais por modalidades tradutórias.

Tabela 12 - Classificação dos marcadores culturais selecionados para análise por modalidades tradutórias

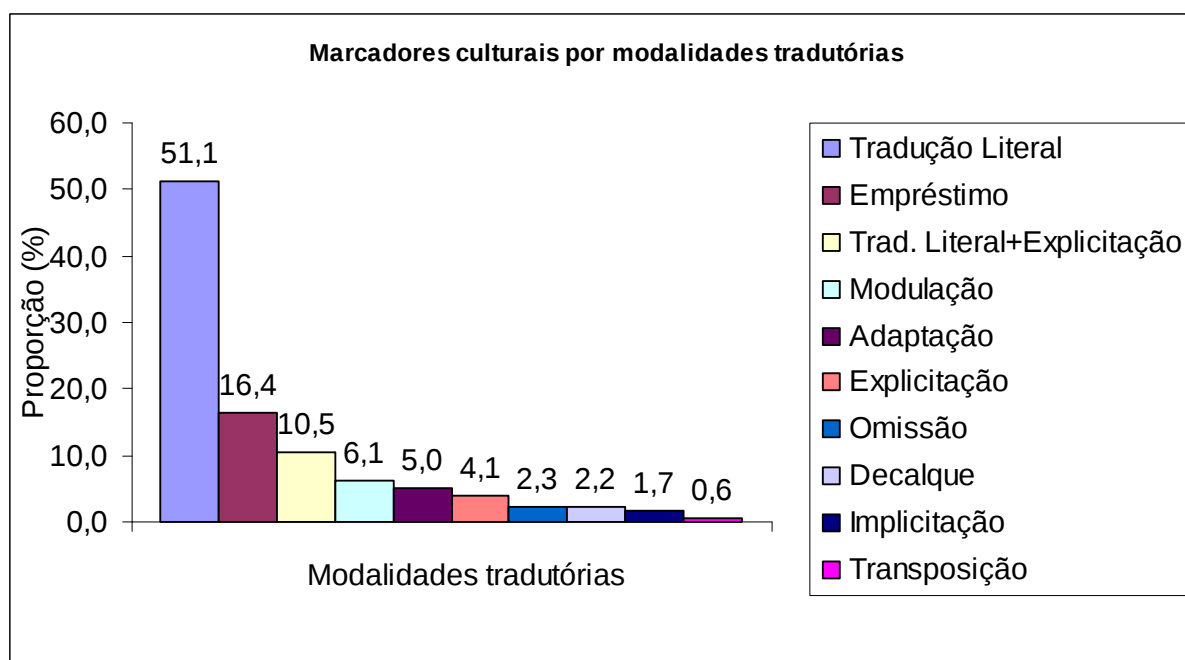
Ordem	Domínios culturais	Marcadores culturais	Traduções	Modalidade tradutória	Freq. absoluta	Freq. relativa
1 ^a	Social	<i>Caboco</i>	<i>Caboco</i>	Empréstimo	91	100%
2 ^a	Ecológico	Baiacu	<i>Baiacu</i>	Empréstimo	2	2,8%
			Puffer fish	Trad. Literal + Explicitação	67	94,4%
			Fish	Implicitação	1	2,8%
			It		1	
3 ^a	Social	Gente	People	Tradução Literal	169	87,3%
			Folk		4	
			Person		3	
			Human		2	
			Humans		1	
			Everybody	Modulação	3	7,8%
			Men		3	
			Man		1	
			Somebody		1	
			Part of a group		1	
			Beings		1	
			Bodies		1	
			Men and women		1	
			company		1	
			Friends		1	
			Brat		1	
			Nation		1	
			They	Implicitação	1	1,0%
			Many		1	
			Omissões	Omissão	8	3,9%
4 ^a	Social	Negro	Black	Tradução Literal	49	91,5%
			Blacks		6	
			Negro		48	
			Negroes		5	
			Slave	Modulação	2	1,7%
			Coachman	Explicitação	1	5,1%
			Cuddy man		1	
			João Benigno		2	
			Feliciano		2	
			Omissões	Omissão	2	1,7%

5ª	Material	Cachaça	<i>Cachaça</i>	Empréstimo	1	3,3%
			Sugarcane rum	Adaptação	5	86,8%
			Rum		9	
			Sugarcane liquor		2	
			Liquor		3	
			Firewater		7	
			Booze	Modulação	1	3,3%
			Get drunk	Transposição	1	3,3%
			Omissão	Omissão	1	3,3%
6ª	Social	Mestre	Master	Trad. Literal	32	50,8%
			Friend	Explicitação	3	12,7%
			Foreman		2	
			Lector		1	
			Marshal		1	
			Coxswain		1	
			Boatmaster	Transposição	1	3,2%
			In command		1	
			Owner	Modulação	1	
			Lord		1	
			He	Implicitação	1	26,9%
			Chief		16	
			Omissões	Omissão	2	3,2%
7ª	Material	Saveiro	Lighter	Modulação	10	78,3%
			Boat		7	
			Boats		1	
			Pinnacle	Implicitação	2	17,4%
			Cabin		2	
			Omissão	Omissão	1	4,3%
8ª	Material	Engenho	Sugar Mill	Trad. Literal	6	42,9%
			Mill	Implicitação	1	7,1%
			Sugar plantation	Adaptação	2	42,9%
			Plantation		2	
			Plant		2	
			Grinder	Explicitação	1	7,1%
9ª	Ideológico	Iansã	<i>Yansan</i>	Decalque	11	100%
10ª	Social	Iaiá	<i>Iaiá</i>	Empréstimo	10	100%

A tabela acima mostra a porcentagem das modalidades tradutórias para cada marcador cultural analisado. As modalidades que aparecem são: tradução literal, tradução literal mais explicitação, empréstimo, modulação, explicitação, implicitação, adaptação, decalque, transposição e omissão.

Segue, abaixo, o Gráfico nº1 referente à classificação dos marcadores culturais por modalidades tradutórias e suas porcentagens.

Gráfico 1 - Distribuição dos marcadores culturais seleccionados para análise por modalidades tradutórias em percentagens



Observando o Gráfico 1, podemos perceber que as modalidades mais empregadas são a tradução literal, com 51,1%; e o empréstimo, com 16,4%; sendo seguidas pela modalidade híbrida tradução literal mais explicitação, com 10,5%; modulação, 6,1%; adaptação, com 5,0%; implicitação, com 4,1%; explicitação, com 2,3%; omissão, com 2,2%; decalque, com 1,7%; e, por último, transposição, com 0,6%.

4.2. Marcadores por domínios culturais

A partir dos marcadores culturais que se apresentam como palavras-chave, podemos observar que os resultados da distribuição dos marcadores por domínios culturais refletem temas e subtemas desenvolvidos na obra. A seleção pelo critério de chavicidade destaca que os marcadores culturais pertencem, predominantemente, ao domínio material, sendo seguido pelo domínio social, depois pelo domínio ideológico e, por último, pelo domínio ecológico.

A dificuldade de delimitação de marcadores que podem pertencer a um ou mais domínios, dependendo do contexto em que aparecem, foi prevista por Aubert em seu artigo para a *Revista de Estudos Orientais* (no prelo), no qual comenta que a tradução de marcadores culturais impõe desafios significativos:

à consecução do ato tradutório; e, por conseguinte, [...] prevêm que as marcas culturais presentes nos textos originais darão ensejo a comportamentos tradutórios específicos, diversos – em natureza ou em distribuição – àqueles encontrados nos segmentos de texto não marcados culturalmente. (AUBERT, no prelo)

Para uma análise mais detalhada, exporemos abaixo, na Tabela 13, a distribuição relativa ao glossário de 118 marcadores culturais elencados no Apêndice C.

Tabela 13 - Distribuição dos marcadores por domínios culturais

Domínios culturais	% da distribuição	Frequência absoluta
Material	43 %	45
Social	29 %	32
Ideológico	15 %	17
Ecológico	13 %	14
Total	100%	118

Embora com frequências moderadas, os marcadores do domínio material mostram bastantes variações, designando o que é feito pelos homens, desde instrumentos até nomes de cidade. Na Tabela 14, apresentam-se alguns exemplos de marcadores culturais, apresentados como palavras-chave.

Tabela 14 - Palavras-chave no domínio material

Domínios culturais	Marcadores culturais de <i>Viva o Povo Brasileiro</i>	Marcadores culturais de <i>An invincible Memory</i>
Material	Pirão	Mush
		Bread
	Tamborete	Stool
	Araçanga	Araçanga
	Trinchete	Blade
	Trapiche	Warehouse

As atividades humanas, a criação de objetos e instrumentos utilizados pelos personagens além da diversidade culinária, como mostrado na Tabela 14, são o foco do domínio material. Sendo assim, selecionamos os seguintes marcadores: *pirão*, respectivamente traduzido por *mush* e *bread*, relativo à culinária; *tamborete*, traduzido por *stool*, que designa um banquinho feito de madeira; *araçanga*, traduzido por meio de empréstimo em todas as ocorrências, que é uma vara utilizada por jangadeiros para matar os peixes já pescados; *trinchete*, traduzida por *blade*, que denomina uma faca pequena e pontuda; e, por último, *trapiche*, traduzido por *warehouse*, que designa um armazém ou casa pequena de comércio.

As relações sociais e hierárquicas do Brasil constituem o enfoque principal da obra, com ênfase na posição social ocupada pelos personagens. Esse aspecto leva a um uso bastante acentuado de marcadores culturais referentes ao domínio social, conforme mostra a Tabela 15, a seguir:

Tabela 15 - Palavras-chave no domínio social

Domínios culturais	Marcadores culturais de <i>Viva o Povo Brasileiro</i>	Marcadores culturais de <i>An invincible Memory</i>
Social	Dona	Dona
	Madame	Madame
	Iaiá	Iaiá
	Ioiô	Massa
	Nhô	Massa

Para os marcadores referentes ao domínio social, selecionamos, para apresentar na Tabela 15, apenas termos que são usados, no Brasil, como formas de tratamento respeitadas para a classe média e alta, todos com alta frequência. *Dona*, *Madame* e *Iaiá*, respectivamente traduzidos por *Dona*, *Madame* e *Iaiá*, são relativos ao tratamento de mulher. Já os marcadores *Ioiô* e *Nhô*, ambos traduzidos por *Massa*, designam formas de tratamento para proprietários de engenho na época da escravidão, sendo geralmente empregados pelos escravos e serviçais ao se dirigirem a seus senhores. Para a classe média baixa, baixa e para a população escrava não há formas de tratamento específicas, geralmente são chamados pelos nomes próprios ou por termos e expressões pejorativas como *negro imundo*. No entanto, entre os membros pertencentes a essa comunidade existem algumas formas de tratamento que revelam respeito e hierarquia como exemplo de termos usados entre escravos, podemos citar *mãe* (acompanhado de nome próprio), o qual, em geral, designa uma mulher mais velha, sábia, com grandes conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira, e a que se recorre para pedir conselhos.

A miscigenação entre raças também é alvo de interesse constante na obra; por essa razão, surge grande quantidade de marcadores culturais, levantados como palavras-chave, pertencentes ao domínio social (ver Apêndice C).

Os marcadores culturais referentes ao domínio ideológico são mais facilmente observáveis nas descrições de festas e cultos religiosos, nas invocações de santos e orixás, e nos discursos de diferentes grupos sócio-econômicos.

A mistura de religiões específicas do Brasil pode trazer desafios para o tradutor de textos que contenham substancial quantidade de marcadores culturais, para os quais, provavelmente, não se encontrariam correspondentes satisfatórios na língua de chegada.

A seguir, apresentamos a Tabela 16, relativa à distribuição de alguns marcadores culturais, considerados palavras-chave, por domínio ideológico.

Tabela 16 - Palavras-chave no domínio ideológico

Domínios culturais	Marcadores culturais de <i>Viva o Povo Brasileiro</i>	Marcadores culturais de <i>An invincible Memory</i>
Ideológico	Oxóssi	Oshosse
	Xangô	Shango
	Iansã	Yansan
	Oxalá	Oshallah
	Exu	Eshoo

De acordo com a tabela acima, os marcadores distribuídos no domínio ideológico, relativos a nomes de orixás, são traduzidos por meio do procedimento do decalque, aproximando-os dos fonemas e grafemas da língua de chegada, como *Oxóssi*, *Xangô*, *Iansã*, *Oxalá* e *Exu*, respectivamente traduzidos por *Oshosse*, *Shango*, *Yansan*, *Oshallah* e *Eshoo*. Essa opção ocorre, provavelmente, porque na própria obra original esses marcadores são explicitados para o leitor da língua de partida, o que facilita a sua tradução, por já haver um contexto explicativo junto ao marcador. Esse fato também já havia sido averiguado na observação do marcador *caboco*, no item 4.1., referente à análise dos marcadores culturais.

O domínio ecológico contém a menor porcentagem de marcadores culturais selecionados para a análise segundo o critério de chavicidade. No entanto, dentro da obra, mostra-se bastante representativo por refletir espaços físicos diversos, os quais apresentam transformações ao longo do tempo narrado. A Tabela 17 mostra algumas ocorrências de marcadores culturais distribuídos no domínio ecológico:

Tabela 17 - Palavras-chave no domínio ecológico

Domínios culturais	Marcadores culturais de <i>Viva o Povo Brasileiro</i>	Marcadores culturais de <i>An Invincible Memory</i>
Ecológico	Capoeira	Clearing
		Shrubbery
		Bushes
	Baleote	<i>Baleote</i>
	Pirapuama	Pirapuama
	Curuquerê (lagarta da mariposa)	Curukera
		Curukere
	Mutuca	Motuca flies

Grande parte desses marcadores distribuídos no domínio ecológico têm frequência baixa e não alcançam dados estatisticamente significantes. Tais marcadores referem-se ao meio geográfico, com as respectivas características físicas e climáticas, bem como a flora que, como exemplo, podemos citar o marcador *capoeira*, traduzido por *clearing*, *shrubbery* e *bushes*, e a fauna que, como exemplo, podemos citar *baleote* (filhote de baleia) e *pirapuama* (baleia), ambos traduzidos por meio de empréstimo, provavelmente em razão de seus contextos, encontram-se explicitados nos seguintes fragmentos do texto de partida: “A pesca da baleia tem o cacharréo, que é o macho, o madrijo, que é a fêmea, o baleote, que é a cria mamona, [...]” e “Pirapuama queria dizer baleia, na língua dos bugres”. Os marcadores *curuquerê* e *mutuca* foram traduzidos por meio de decalque, respectivamente *curukera/curukere* e *motuca*, e também são explicitados no texto de partida, como mostra os seguintes fragmentos “a mariposa curuquerê esvoaçar como se fosse pousar nele, para depois sumir” e “as mutucas da rede, que são os pretos que ajudam quando a rede arriba à praia com seus peixes puladores, mutucas porque de longe aparentam moscas no pescado”.

No que tange a recorrência de marcadores culturais por domínios, os termos observados (Tabelas 14, 15, 16 e 17) mostram-se específicos de um único domínio cultural no contexto de *Viva o Povo Brasileiro*. Contudo, foram encontrados casos que um mesmo marcador pode referir-se a dois domínios culturais, como apresentado na Tabela 18.

Tabela 18 - Palavras-chave em mais de um domínio

Domínios culturais	Marcadores culturais de <i>Viva o Povo Brasileiro</i>	Marcadores culturais de <i>An invincible Memory</i>
Ecológico	Baía (espaço físico)	Bay
Material	Baía (de Todos os Santos) (topônimo)	Bay
Ecológico	Pirapuama (baleia)	Pirapuama
Social	Pirapuama (antropônimo acompanhado de título)	Pirapuama
Ecológico	Baiacu (peixe)	Puffer fish
Material	Baiacu (Arraial) (topônimo)	Baiacu
		Puffer fish

Ao observar a tabela acima, pode-se notar que o ambiente físico e suas características influenciam o meio social. Muitos dos antropônimos e topônimos mais freqüentes, como, por exemplo, *Barão de Pirapuama*, *Baía de Todos os Santos* e *Arraial do Baiacu* são, na verdade, derivados de nomes de animais, divindades, santos, entre outros.

As diferenças lingüísticas e extralingüísticas impedem, muitas vezes, que o contexto seja traduzido em todas as suas particularidades, principalmente quando a obra contém um grande número de marcadores culturais de domínios com características intrínsecas a determinadas realidades.

5. ANÁLISE DE TRAÇOS DE NORMALIZAÇÃO

Por meio da abordagem proposta por Baker (1996) e do auxílio do programa WordSmith Tools pudemos identificar e examinar traços de normalização⁴², presentes no subcorpus 2 de estudo constituído pelo texto de chegada *An Invincible Memory*, em relação ao subcorpus 1 de estudo, formado pelo texto de partida *Viva o Povo Brasileiro*.

A normalização como entendida por Baker (1996) e por Scott (1998) é uma característica de textos traduzidos, utilizada para garantir maior fluência na tradução. Scott comenta que “tradutores são conhecidos por simplificar, reduzir complexidades, generalizar ou explicar o implícito no processo de tornar o texto acessível para um dado leitor” (SCOTT, 1998, p. 139)⁴³. De acordo com Scott (1998), a normalização do texto traduzido pode ser uma ação “consciente ou inconsciente” do tradutor. No entanto, a pesquisadora esclarece que ainda não se chegou a um consenso a respeito da manifestação de características de textos traduzidos estar diretamente relacionada a uma política consciente empregada pelos tradutores ou ser simplesmente uma consequência inevitável dos atos de mediação.

Scott ainda acrescenta que, embora o fenômeno da normalização já tenha sido bastante investigado, ninguém o havia estudado por meio dos pressupostos, técnicas e ferramentas dos estudos da tradução baseados em corpus. Essa abordagem permite examinar estratégias usadas pelo tradutor ao longo de toda a obra traduzida, possibilitando uma investigação mais completa com relação a vários fenômenos tradutórios, incluindo questões ligadas à facilitação da leitura do texto traduzido.

Com base em Baker (1996) e Scott (1998), observamos nosso corpus de análise para identificar traços lingüístico-tradutórios de João Ubaldo Ribeiro como autotradutor, os quais

⁴² Já definidos por nós na seção 2. *Tradução e Lingüística de Corpus*, deste trabalho.

⁴³ Translators are known to simplify, reduce complexities, generalise or explicate the implicit in the process of making a text accessible to a given readership.

pudessem ser identificados como características de normalização. Para esse exame, selecionamos quatro traços de normalização por estarem presentes em maior número: diferenças no emprego de pontuação, ocorrências de omissão, diferenças no emprego de metáforas pouco usuais, alterações de registro: linguagem coloquial para linguagem formal e, por último, traços de explicitação no texto de chegada.

5.1. Análise de traços de normalização referentes a diferenças no emprego de pontuação

Por meio de sinais orais e recursos prosódicos, além de sinais paralingüísticos (gestos, expressões faciais, etc.), podemos expressar nossas idéias e sentimentos de forma muito mais completa; no entanto, nem todos esses sinais podem ser expressos na escrita.

Com relação à obra literária, a pontuação pode modificar-se. De acordo com Larbaud, “em poesia e em prosa literária, esses sinais, tanto quanto as palavras, estão submetidos ao arbítrio do escritor, e existe uma pontuação literária ao lado da pontuação corrente, assim como existe uma língua literária ao lado da linguagem escrita corrente” (LARBAUD, 2001, p.225).

O texto original em português, *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, é uma obra com parágrafos longos, formados, em sua maioria, por sentenças de comprimento médio a longo com grande utilização da vírgula, ponto-e-vírgula e travessão. Esse uso da pontuação contribui para o fluxo do desenvolvimento da narrativa.

O autotradutor procura seguir a pontuação do seu texto original, não recorrendo a quebras de parágrafos. No entanto, o texto de chegada também apresenta as sentenças dos diálogos, algumas vezes, mais curtas pelo uso do ponto final ou do ponto-e-vírgula, provavelmente procurando tornar a leitura mais dinâmica.

No exemplo abaixo, podemos encontrar diferenças de pontuação entre o texto de partida e o texto de chegada:

[TP] — Pois é — pensou Amleto, deixando à varanda para ir tomar café —, a verdade é que estou em paz com minha consciência, nunca fiz mal a ninguém, sou um homem prestante.

[TC] “That's right,” Amleto thought, leaving the porch to go have his break-fast. “The truth is I am at peace with my conscience. I never did anyone any harm; I am a worthy man.”

[TP] — Nego Budião! — chamou Almério. — Anda, vem cá, tenho serviço para ti!

[TC] “Black Budião!” Almério called out. “Come over here quick. I've got a job for you!”

O exemplo acima mostra diferenças de pontuação entre diálogos na língua portuguesa e na língua inglesa. Enquanto a língua portuguesa, geralmente, marca os diálogos e pausas no fluxo de informação por travessões, a língua inglesa, em geral, marca por aspas.

Já, no exemplo abaixo, temos um parágrafo médio com uma única alteração de pontuação. Houve a omissão de uma vírgula no texto de chegada que também poderia ter sido omitida no original, por ser facultativa na língua de partida.

[TP] Eram dos nossos, não havia dúvida. Alguma coisa, pressentia-se daqui, acontecera com as rodas de uma carreta que transportava um canhão pequeno. Dois burros castanhos se esticavam junto às guias da carreta, que mal se **movia, apesar** da força empregada. Cinco ou seis cavaleiros paradeavam as montarias para a frente e para trás como numa cavalcada, alguns infantes se mexiam em volta da roda direita, a poeira levantada pelos cascos foscava o ar, que ao redor era muito claro, e assim tudo se via como numa pintura antiga, ouvindo-se os estalos do chicote do carreiro, as imprecações e os gritos um pouco depois de haverem acontecido.

[TC] They were ours, no doubt. Something, one could surmise from here, had happened to the wheels of a cart transporting a small cannon. Two sorrel mules were tugging hard at the cart, but it barely **moved in spite** of all their effort. Five or six riders paraded their mounts back and forth as if in a tournament, a few foot soldiers worked on something around the right wheel; the dust raised by the hoofs dimmed the air, otherwise very clear, and everything was seen as in an ancient painting, while the cracks of the cartman's whip, the curses and the shouts were heard a bit after they happened.

Outro fator de mudanças de pontuação na tradução é a tendência de facilitar a leitura na língua alvo por meio de uma pontuação mais “fraca”. Larbaud comenta também que “é indubitável que o ensino primário obrigatório, com todo o bem e o mal que fez, não deixou de

prejudicar a pontuação literária. Os impressores ou os revisores que ele formou têm uma irritante tendência a unificar, a neutralizar as pontuações pessoais dos escritores” (LARBAUD, 2001, p.227). No entanto, foram observadas poucas alterações quanto ao emprego de sinais de pontuação ao longo da tradução.

5.2. Análise de traços de normalização referentes a omissões

Geralmente, omite-se um termo ou por não se poder recuperá-lo no texto de chegada, ou por motivos de censura; por limitação de espaço físico (legendas), ambigüidade, evitar redundâncias, etc. Conforme Corrêa, “a omissão ocorre quando a informação contida em determinado segmento textual original é totalmente omitida, sem que se possa perceber sua existência anterior; portanto, torna-se impossível recuperá-la no texto traduzido” (CORRÊA, 1998, p. 79).

Nos exemplos abaixo, pode-se supor que a omissão da frase poderia ser devido ao fato de o tradutor considerá-la desnecessária para o entendimento do contexto.

[TP] **Na primeira noite**, como era festa de São Gonçálinho, Budião pôde ficar com Merinha até altas horas.

[TC] **(omitido)** Because it was Saint Gonsalino's feast, Budião could stay with Merinha until the small hours.

Quanto à omissão de sentenças inteiras, Scott explica que pode ocorrer devido a dificuldades de tradução e por elas não serem absolutamente necessárias para o desenvolvimento da história. Abaixo, um exemplo de omissão, no texto de chegada, de duas sentenças no interior de um parágrafo no texto de partida. Supomos que o autotradutor omitiu os fragmentos com a intenção de evitar redundâncias, e, assim, facilitar o entendimento do texto, já que ambos indicam uma informação que pode ser inferida.

[TP] Uma vez entradas, não podem sair até que nasça, se crie e morra ou seja matado o animal em que entraram, razão por que há quem venha ao mundo preferindo inanição a comer das carnes de certos bichos, isto porque já encarnaram nesses bichos **uma ou várias vezes e os conhecem por dentro, não cessando jamais de ser parentes**. Existe a possibilidade de que se proceda a extração de uma alma assim vitimada pela inexperiência, mas isto requer poderes acima de humanos e uma conjunção de fatores mais que delicada, de maneira que a maioria das famílias afligidas **pela presença de uma alma encarnada em um de seus animais** prefere agir com resignação e caridade.

[TC] Once inside, they cannot leave until the animal they entered is born and raised, and dies or is killed, which is the reason why there are individuals who from birth prefer starvation to having to eat the flesh of certain animals, because of the people incarnated in those animals **(omitido)**. It is possible to extract a soul thus victimized by inexperience, but this requires powers more than human and a more than delicate conjugation of factors, and most families so afflicted **(omitido)** choose to act with resignation and charity.

Scott também esclarece que traços da língua oral podem ser frequentemente omitidos.

Esses traços dão uma sensação de o texto de chegada ser mais natural e a linguagem mais fluente, mas dificultam a tarefa do tradutor, sendo, em geral, simplificados ou omitidos, como no exemplo abaixo:

[TP] Eu vou ensinando, vou instruindo, **ah minha filha**, não pode coisa melhor, tu não sabe o que eu boto ele pra fazer!

[TC] I've been teaching him, coaching him; **(omitido)**, there can't be anything better — you wouldn't believe what I make him do!

A seguir, um exemplo, de omissão de um parágrafo inteiro, sem a retomada de nenhum dos dados no contexto anterior ou seguinte.

[TP] Recebera-o de uma forma que o intrigou. Ele chegara a Amoreiras a cavalo, depois de uma viagem tornada cansativa pelos aguaceiros que enlodaçaram todos os caminhos, e tivera alguma dificuldade em encontrar a casa dela, na verdade uma espécie de terreiro cercado por várias construções, escondido num matagal desguedelhado, de trilhas tortuosas. Quando pedia informação as respostas eram reticentes, alguns alegavam mesmo que nunca tinham ouvido falar nela, nem sabiam da existência de nenhum terreiro nas proximidades. Foi preciso que falasse com um escrivão aposentado que conhecia e que tinha uma roça por ali, perto da praia, o qual, depois de estranhar um pouco seu pedido de informação, concordou em mandar com ele um de seus negros agregados para mostrar-lhe o caminho. Assim mesmo, o negro não completou a viagem até o terreiro, apenas chegou a distância suficiente para que o divisassem, pediu licença e deu com os calcanhares nas costelas de seu jegue, para voltar para casa.

5.3. Análise de traços de normalização referentes à alteração de registro: linguagem coloquial para formal e vice-versa

Em *Viva o Povo Brasileiro*, João Ubaldo Ribeiro insere traços da linguagem coloquial na fala de personagens, conferindo maior naturalidade aos diálogos. Além de cada camada social de uma comunidade ter sua própria maneira de falar e reproduzir oralmente o mundo à sua volta, o registro pode variar de acordo com o nível sócio-econômico e as situações de discurso.

Na obra *An Invincible Memory*, o autotradutor usa a grafia das palavras para remeter aos sons principalmente das falas dos personagens negros; entretanto, raramente traduz para o registro coloquial.

Abaixo, encontram-se exemplos da fala dos negros escritas no texto de partida de forma coloquial e traduzidas por um registro mais formal:

[TP] — **Podexá**, vá dormir descansado, **nós cuida**, **podexá**.

[TC] “**Leave it to us**; you can go to bed without a worry, **we'll do everything**; **leave it to us**.”

[TP] Não teve jeito com ele, marraram logo de corda no primeiro dia, ele roeu as cordas, fugiu para os matos, acho que recebeu o caboco Capiroba — rreis! —, então, **num sã**, fez quilombo, **num sã**?

[TC] They could not break him, they had to tie him with a rope the first day, he gnawed the rope, escaped to the woods, maybe received *caboco* Capiroba - then, **you know**, he made a quilombo, a rebellious settlement, **you know**.

[TP] Caboco esse que fica nessa porta, com sua coita de prata pendurada e seus dois irmãos cabocos, Sinique mais Aquimã, que da luta nunca falta, vivendo hoje e amanhã. Crem-deus-haja, **vissantíssima**, val de lágrimas. **Nachida** no 21, começo do **setechentos**, meu pai eu não conheci, morreu no meu **nachimento**, antes do meu **nachimento**, minha mãe também não vi, mãe esta que foi vendida antes de me desmamar, partindo por Serigi para nunca mais voltar.

[TC] Said *caboco* stands by that door with his cane cutter hanging from his hip and his two *caboco* brothers, Seeneeky and Ackee-mun, who never run from a fight and will live on and on. In-God-believe, **most-holy-virgin**, val' o'tears. **I was born** in the year twenty-one in the beginning of the **seventeen hundreds**, my father I did not know, he died as **I was being born**, even before **I was born**, nor my mother did I know, she was sold before I was weaned, and taken to Serigi, never to return here.

Outras ocorrências da fala dos negros escritas no texto de partida na forma coloquial são traduzidas numa tentativa de obter um registro mais informal:

[TP] Crem-deus-haja, vissantíssima, **val de lágrimas**.

[TC] In-God-believe, most-holy-virgin, **val' o'tears**.

[TP] — **Vota** — falou o preto, com o mesmo sorriso assustador.

[TC] “**Gobah**.” The black spoke with the same frightening smile.

[TP] — **Ngmundo**.

[TC] “**Fiffynigga**”.

Há casos que, no texto de partida, marcadores culturais são utilizados para indicar uma linguagem informal e, no texto de chegada, mostram o uso de um registro mais formal. Geralmente são termos que designam negros ou suas atividades, como: *negrinha* e *nego*, traduzidos respectivamente por *little negress* e *black/negro*.

Encontramos, também, o emprego do verbo *estar* que, embora não seja um marcador cultural, também retrata a fala informal de alguns personagens, ao ser utilizado, algumas vezes, no texto de partida, na forma reduzida *tá*. No texto de chegada, é recuperado por meio do uso formal do verbo *to be* ou por expressão fixa, evidenciando a mudança de registro, como nos exemplos abaixo:

[TP] **Tá** certo, **tá** certo [...]

[TC] **All right, all right** [...]

[TP] — Já **tá** chegando, já **tá** chegando, já vamos chegando, já chegamos!

[TC] “**We're** getting there, **we're** getting there, we're just about to dock we're docking.”

Observamos que a mudança de registro coloquial para formal é uma estratégia de normalização usada por João Ubaldo, não só em razão das dificuldades de se conseguir certa equivalência quanto às formas coloquiais na língua de chegada, mas também por não deixar o texto traduzido carregado com formas marcadas de outra cultura e, no presente caso, por serem, em sua maior parte, registro da linguagem dos negros escravos. Textos com elevada quantidade de traços da linguagem coloquial tornam mais difícil a leitura do texto de chegada, principalmente quando retratam uma cultura diferente do público alvo.

5.4. Análise de traços de normalização referentes a diferenças no emprego de metáforas

As metáforas fazem parte da linguagem humana e muitas tornam-se cristalizadas a ponto de os falantes não mais as perceberem. Na linguagem literária, é recorrente a utilização de metáforas originais e criativas. Na análise, pudemos perceber que metáforas originais encontradas no texto de partida costumam ser traduzidas por meio de transposições, como nos exemplos abaixo:

[TP] Sabe a moderníssima Biologia que, há muitos e muitos milhões de anos, não existiam seres vivos, mas as substâncias que hoje os compõem boiavam soltas no **caldo primordial dos mares** e então, num lindo dia de sol, a luz bateu sobre algumas dessas substâncias bem na hora em que o balanço das ondas as aproximava, com o resultado de que apareceu algo vivo pela primeira vez.

[TC] It is known by modern science that many, many millions of years ago there were no living beings, though the substances that presently constitute them drifted loosely in the **primordial broth of the seas**, and then one line sunny day light struck some of those substances at the very instant the waves were stirring them together, with the result that something live appeared for the first time.

[TP] A mesma coisa que os sábios mostram ser tão simples se dá com as alminhas novas, quando se formam na grande **sopa cósmica**.

[TC] The same thing scientists show to be so simple happens to new little souls when they are created in the great **cosmic soup**.

[TP] Budião se encolheu embaixo do telheiro ofuscou-se quando o raio mergulhou no mar e depois dessa luz deslumbrante não mais voltou, deixando por ali somente aquela **escuridão sólida** e o estrépito da chuva invisível que, mesmo aparada pelas telhas, respingava-o como se quisesse mostrar que sabia onde ele estava.

[TC] Budião bundled up in the shed, and was dazed when the lightning dived into the sea and did not return after such a dazzling manifestation, leaving there just that **solid darkness** and the patter of the rain, which, even if unseen and held back by the shingles, still spattered on him as though it wanted to show him it knew where he was.

[TP] [...] metáforas cujos contornos jamais se dissolviam, adornando o **ar de esculturas gelatinosas e frementes**.

[TC] [...] metaphors whose contours never dissolved, adorning the **air with gelatinous, quivering sculptures**.

Abaixo, a construção metafórica **os olhos de uma baleia ferida** foi traduzida por meio de uma símile facilitando a leitura do texto de chegada, **eyes like a wounded whale's**.

[TP] Então não cabia fazer nada, a não ser, com **os olhos de uma baleia ferida**, voar por cima daquele intolerável abismo entre ele e o pedaço de carne e, antes que a irmã mordesse o que era dele, transfixar-lhe a mão com o Chuço preto e gorduroso.

[TC] So he had no choice but to fly, his **eyes like a wounded whale's**, over the intolerable abyss between him and that piece of meat, and before his sister could bite what was his, to impale her hand with that grimy, greasy spit.

No próximo exemplo, a metáfora **bolo**, foi traduzida pelo termo **conglomeration**, o qual não é considerado uma metáfora no texto de chegada.

[TP] Como uma faca garranchuda, um raio faiscou no centro do **bolo** de nuvens, [...]

[TC] Like a jagged knife, lightning flashed in the center of the **conglomeration** of clouds, [...]

5.5. Análise de traços de normalização referentes à explicitação no texto de chegada

Embora, dentre as características de normalização, Scott (1998) tenha abordado a explicitação apenas em relação à elipse e ao maior comprimento do texto traduzido, existem aspectos que podem indicar ocorrências dessa tendência.

Um dos aspectos seria a substituição de uma palavra mais genérica, para designar uma personagem por outra mais específica. Geralmente, há a substituição de um pronome ou substantivo de sentido mais genérico por um nome próprio, para explicitar o contexto do texto de chegada e evitar ambigüidade.

Observem-se os exemplos abaixo:

- substituição do pronome indefinido **outro** pelo nome próprio **Feliciano**:

[TP] Mas Budião repetiu isso sem fé e **o outro** não quis ir com ele para o ancoradouro, esperar o barco que trazia o barão.

[TC] But Budião repeated that with little confidence, and **Feliciano** refused to go with him to the port to wait for the boat that would bring the baron.

- substituição do substantivo mais genérico **negro** pelo termo específico **second coachman**:

[TP] Apoiou-se no **negro** sem olhar para ele, subiu à caleça, enxugou o suor pela última vez e, cruzando as mãos por cima da barriga, acomodou-se para balançar e cochilar durante a viagem.

[TC] Supporting himself on the **second coachman** he climbed up on the carriage without looking at him, wiped off his swear for the last time, crossed his hands over his stomach, and disposed himself to be gently rocked into a nap during the trip.

– substituição do substantivo mais genérico **preto** pelo termo mais específico **cuddy man** e do pronome **o** pelo nome próprio **Amleto**:

[TP] O **preto** agora o olhava como se **o** estivesse vendo pela primeira vez, mudando volta e meia de postura no jeito de quem avalia alguma coisa, fechando um olho, inclinando a cabeça, estalando a língua.

[TC] The **cuddy man** looked at **Amleto** as if he were seeing him for the first time, changing postures from time to time like someone who is evaluating something, closing an eye, leaning his head sideways, and clicking his tongue.

Nos dois exemplos acima, houve a atenuação da conotação pejorativa da tradução do substantivo indicativo de raça pelo termo específico da sua profissão.

Abaixo, encontra-se, na obra traduzida, o empréstimo do marcador *quilombo* seguido de aposto explicativo. No entanto, o marcador não apresenta o uso do aposto na língua de partida, e não está definido no original, por ser de conhecimento do leitor.

[TP] Não teve jeito com ele, marraram logo de corda no primeiro dia, ele roeu as cordas, fugiu para os matos, acho que recebeu o caboco Capiroba — rreís! —, então, num sã, fez **quilombo**, num sã?

[TC] They could not break him, they had to tie him with a rope the first day, he gnawed the rope, escaped to the woods, maybe received *caboco* Capiroba — then, you know, he made a quilombo, **a rebellious settlement**, you know.

Podem-se observar casos de explicitação pela inserção de uma oração para facilitar a compreensão do texto de chegada:

[TP] Teve dificuldade em parar, achou até que ia acabar de assassinar o barão naquela hora, mas terminou voltando para a porta e se arrependeu instantaneamente — jurava, jurava por tudo que se arrependeu logo, foi uma coisa que lhe deu.

[TC] He had difficulty stopping, he even thought he was going to finish assassinating the baron right then and there, but finally he returned to the door and immediately felt sorry **for what he had done** — he swore, he swore by everything, that he had felt sorry right away; it was something that came over him.

An Invincible Memory mostra uma tendência para as explicitações de topônimos:

[TP] Vera Cruz de Itaparica, 20 de dezembro de 1647.

[TC] **Settlement** of the True Cross of Itaparica, December 20, 1647

[TP] Porto Santo da Ilha, 10 de junho de 1821.

[TC] **Settlement** of Holy Port, Itaparica June 10, 1821

[TP] São João do Manguinho, 30 de outubro de 1846.

[TC] *Village of Saint John of the Little Swamp, October 29, 1846*

Elementos implícitos no texto de partida podem tornar-se explícitos no texto de chegada:

[TP] "Furria só se for que nem a minha, que fui furriada de promessa e as pernas já mal andava, depois de criar no peito quase que toda a família, do bisavô no bisneto, na Armação e no Engenho.

[TC] "Only if it is like my mancipation. I was mancipated because of a promise **to a saint**, and my legs could hardly walk after raising on my breast almost the whole family **of the baron** from great-grandfather to great-grandson, at the fishery and at the sugar mill.

No texto de partida, foi omitido a quem foi feita a *promessa*; já, no texto de chegada, o autotradutor optou por explicitá-la: *a promise to a saint*. O mesmo ocorre com a palavra *família*, que passa a ser explicitada no texto de chegada por *family of the baron*.

Por meio dos exemplos apresentados na seção 5, foi possível observar, que o texto traduzido passou por procedimentos de normalização, consciente ou não, por parte do autotradutor, com o objetivo de tornar o texto mais fluente para o público de língua inglesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução de textos literários com marcas de especificidades culturais, tanto no nível lexical como gramatical, pragmático e estilístico é um desafio para tradutores. Em geral, esse tipo de obra é considerada de “difícil tradução” e até mesmo “intraduzível”, por não ser possível recuperar muitas das nuances do original, as quais, muitas vezes, são o que caracterizam a obra e a torna relevante para divulgação.

Com o intuito de observar estratégias lingüísticas que mostrem opções tradutórias, nossa pesquisa busca observar como marcadores culturais, específicos a determinados contextos, podem ser recuperados no texto de chegada, de forma “inconsciente ou consciente”, pelo autotradutor João Ubaldo Ribeiro, exímio falante da língua de chegada (no caso o inglês), e como ele utilizou técnicas de fluência para adequar a leitura para o público-alvo.

Além dos dez marcadores selecionados para a análise, elaboramos um glossário, com 118 marcadores culturais levantados dentro da obra, distribuídos, no Apêndice C, por domínios culturais, que pode ajudar o trabalho de tradutores, ao disponibilizar opções para a tradução desses termos que não encontram correspondência na língua inglesa, como *moqueca*, *mãe-de-santo* e *cachaça*.

Com a finalidade de observar soluções encontradas por João Ubaldo Ribeiro para traduzir marcadores culturais específicos, apoiamo-nos na proposta interdisciplinar de Camargo (2004, 2005) envolvendo os estudos da tradução baseados em corpus de Baker (1993, 1995, 1996, 2004) e os estudos em lingüística de corpus de Berber Sardinha (2000, 2004).

Por meio de corpora eletrônicos, pode-se fazer levantamentos lingüísticos diversos para a análise, que, sem o computador, seriam inviáveis devido à extensão dos dados

necessários para obtenção de resultados mais abrangentes e devido ao escasso tempo disponível para a realização das pesquisas. A extração de dados por meio de ferramentas eletrônicas, obtidos de maneira mais eficiente, não só foram relevantes para o cálculo estatístico e objetividade das análises desta dissertação, como também poderão fornecer subsídios para investigações futuras de outros aspectos não verificados por nós.

Contudo, ainda são insuficientes e de difícil acesso muitos dos mecanismos computacionais que poderiam facilitar esse tipo de pesquisa. Um exemplo, dentro da nossa pesquisa, foi a dificuldade de se conseguir um alinhador que desse conta de abarcar toda a extensão do nosso corpus. O ideal seria trabalhar em conjunto a um centro de estudos computacionais, que possibilitasse um suporte tecnológico necessário a esses estudos.

Quanto à interdisciplinaridade, a própria Baker (2004) argumenta que a ela é desejável e que uma metodologia pode complementar outra, proporcionando recursos diferentes para a análise. Para a análise propriamente dita dos marcadores culturais selecionados, acrescentamos, com base na abordagem interdisciplinar de Camargo (*ibidem*), a proposta dos domínios culturais de Nida (1945) e Aubert (1981) e a proposta das modalidades tradutórias reformuladas por Aubert (1984, 1998), por nos permitirem observar melhor as estratégias utilizadas pelo autotradutor.

Também examinamos traços de normalização, de acordo com Baker (1996) e Scott (1998), a fim de identificar estratégias de fluência no texto traduzido. Para identificar e analisar características de normalização, a lingüística de corpus fornece uma metodologia que utiliza ferramentas eletrônicas, que podem ir além da limitação humana e tornar a pesquisa passível de comprovação de dados.

Com relação às metodologias utilizadas para a realização do nosso estudo, também encontramos algumas dificuldades, principalmente no que se refere à delimitação e aplicação dos conceitos referentes aos quatro domínios culturais, às estratégias de modalidades

tradutórias e aos traços de normalização. Muitas vezes, as definições mostram-se vaga e sobrepostas, tornando difícil a classificação e análise.

No caso dos domínios culturais, muitos vocábulos não podem ser distribuídos dentro das opções de classificação; outros podem encaixar-se em mais de um domínio, como o marcador *curuquere*, ora do domínio ecológico (mosca), ora do domínio social (trabalhadores). Com relação às modalidades tradutórias, para a recuperação de um mesmo termo pode ocorrer mais de uma estratégia, as chamadas modalidades híbridas, com em *baiacu*, recuperado por *puffer fish*, tradução literal mais explicitação.

Já as características do texto traduzido, como a normalização, em geral, possuem traços em comuns destinados a facilitar a compreensão do leitor e que podem se sobrepor. Algumas vezes, tanto a simplificação como a explicitação podem ser consideradas como características de normalização, já que adequam à linguagem do texto de chegada para o público-alvo.

No que diz respeito aos marcadores culturais extraídos do corpus de estudo, selecionados pelo critério da maior chavicidade, pudemos perceber que o tradutor procura passar os significados dos marcadores culturais do texto de partida para o leitor de língua de chegada, recorrendo a um elevado emprego da tradução literal, com 50,1%, seguida do empréstimo, com 16,4%. Em alguns pontos, o trabalho do tradutor mostrou-se mais fácil em razão de haver explicações desses marcadores culturais já na língua de partida. Isso se deve ao fato, provavelmente, de a obra ser específica da região baiana e conter marcadores com significados pouco claros mesmo para um leitor de outras regiões brasileiras, como, por exemplo, o marcador *cacharréo*, seguido de explicitação “A pesca da baleia tem o *cacharréo*, que é o macho,” e o marcador *Oxalá*, seguido de explicitação “Oxalá, o pai dos homens”.

No entanto, encontram-se, também, marcadores que não apresentam correspondência no texto de chegada e não estão explicitados no texto de partida, tornando mais difícil a sua

tradução. Nessas ocorrências, o autotradutor optou por modulações, como por exemplo, *saveiro*, traduzido por *boat* e *lighter*. Também optou por adaptações, como no caso de *cachaça*, traduzido, respectivamente, por *cachaça*, *rum*, *liquor*, *firewater*, *sugarcane rum*, *sugarcane liquor*, provavelmente na tentativa de recuperar o significado contextual do marcador cultural. Mesmo entre as ocorrências de adaptação, nota-se um anseio, por parte do autotradutor, de tentar manter os significados do seu texto. Assim, dentre as tendências que mais caracterizam o autotradutor, observadas na análise dos dez marcadores selecionados pelo critério da chavicidade, destaca-se a de tentar resgatar, sempre que possível, o contexto sócio-cultural do texto de partida. Contudo, isso não quer dizer que o autotradutor não tente adequar o inglês para o contexto do texto de chegada, sempre que necessário, e até mesmo como uma forma de explicitação do marcador para o leitor, como em: *mestre*, traduzido, respectivamente pelas explicitações *chief*, *friend*, *foreman*, *lector*, *boatmaster* e *coxswain* e pela expressão *in command*,.

A respeito da distribuição de marcadores culturais por domínios culturais agrupados no glossário do Apêndice C, a análise revelou que a maioria dos marcadores pertence ao domínio da cultura material, com 43%, seguido pelo domínio da cultura social, com 29%. Em terceiro lugar, ocorreu o domínio da cultura ideológica, com 15%, e, por último, o domínio da cultura ecológica, com 13%.

Entendendo que os domínios culturais evidenciam a temática da obra e observando que os domínios predominantes são o material e o social, a classificação por domínios confirma a opinião dos críticos literários e do próprio autor sobre a presença de características sociais e humanistas encontradas em *Viva o Povo Brasileiro*. Esses domínios também mostram resultados estatisticamente mais significantes, com relação à chavicidade, entre os marcadores extraídos pela ferramenta KeyWord.

No que tange a traços de normalização, o texto de chegada apresenta características que podem ser identificadas como marcas empregadas para facilitar a sua leitura. Foram levantados, no texto de chegada, quatro traços de normalização apresentados por Scott, a saber: diferenças no emprego de pontuação, ocorrências de omissão, diferenças no emprego de metáforas pouco usuais e alterações de registro: linguagem coloquial para formal e vice-versa. Também registramos características de explicitação com alto índice de ocorrências.

Embora a linguagem de João Ubaldo Ribeiro, em *Viva o Povo Brasileiro*, seja constituída de sentenças e parágrafos longos, houve poucas mudanças na pontuação. As maiores diferenças foram relativas a diálogos, já que o inglês costuma usar aspas e o português, por sua vez, utiliza, em geral, o travessão.

Com relação aos traços de omissão, o autotradutor optou por não traduzir elementos que pudessem ser inferidos pelo contexto, ou que poderiam tornar-se repetitivos. Frequentemente, as omissões foram de termos ou fragmentos que, mesmo sendo retirados do texto traduzido, não ofereceram perda significativa do contexto; e, em algumas ocasiões, evitam redundâncias.

Os traços de normalização referentes a mudanças do registro utilizados pelo autor mostrou frequência significativa na tradução de *Viva o Povo Brasileiro*. Na maior parte da obra traduzida foi utilizada a língua inglesa padrão, como *podexá*, traduzido por *Leave it to us*, embora João Ubaldo Ribeiro tenha utilizado, na obra original, uma linguagem específica principalmente para a fala dos negros escravos. Há, contudo, algumas tentativas de tradução desse registro coloquial, principalmente referentes à linguagem dos negros, com exemplo, *ngmundo* (negro imundo), recuperado por *fiffynigga*.

O exame da tradução de metáforas mostrou que grande parte foi recuperada por meio de transposição, às vezes, com pequenas alterações, conseguindo passar o significado do original.

A explicitação também foi bastante empregada pelo autotradutor, tanto para a tradução de palavras de sentido genérico por específicas, quanto por meio do uso de apostos explicativos. Há um alto número de explicitações relativas ao emprego do sujeito das sentenças do texto de partida para o texto de chegada, como *o outro*, traduzido pelo nome próprio *Feliciano*. Essa característica também é a sexta mais recorrente entre a tradução de marcadores culturais, com 5,1%.

Observando os resultados obtidos, podemos verificar que o autotradutor, ao mesmo tempo em que procura tornar a linguagem do seu texto traduzido mais fluente para o leitor de língua inglesa, também procura manter os traços culturais de seu texto original. Mesmo os casos de marcadores culturais traduzidos por meio de estratégias mais criativas e que privilegiam o texto de chegada, como a modulação e a adaptação, ocorre, em geral, uma tentativa de resgatar o marcador original. A mesma estratégia pode ser observada quanto a traços de normalização. Embora o tradutor procure estar próximo do original, ocorre a normalização por meio do emprego da pontuação mais forte, omissões, transposição, tradução de símiles e metáforas, mudança do registro coloquial para uma linguagem mais formal de alguns personagens, e explicitação de pronome e nomes próprios de pessoas.

As tendências observadas no comportamento lingüístico do autotradutor evidenciam tentativas para reproduzir todo um contexto cultural que lhe é familiar para um contexto considerado mais distante, buscando, na medida do possível, divulgar sua cultura e, no caso, sua obra. João Ubaldo Ribeiro quer ser lido e com essa finalidade escreve e traduz, levando em conta as possibilidades e expectativas do público alvo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORA, A. S. *Teoria da literatura*. 5ª ed. São Paulo: Editora Clássico-científica, 1964.

ANTUNES, B. Notas sobre a tradução literária. *Alfa*, São Paulo, Vol. 35, 1991, p.1-10.

ARROJO, R. *Oficina da tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

AUBERT, F.H. *A tradução do intraduzível*. São Paulo: FFLCH, USP, 1981.

_____. Descrição e quantificação de dados em tradutologia. In: *Tradução e Comunicação* 4. São Paulo: Álamo, 1984.

_____. *As (In)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.

_____. Desafios da tradução cultural: as aventuras tradutórias do Askeladden. In: *TradTerm* n. 2. São Paulo, USP/FFLCH/CITRAT, 1995, p. 31-44.

_____. Modalidades de tradução: teoria e resultados. In: *TradTerm*, 5 (1), 1º semestre, 1998, p.99-128.

_____. Indagações acerca dos marcadores culturais. In.: *Revista de Estudos Orientais*, Depto. de Letras Orientais. São Paulo: USP/FFLCH, no prelo.

BAKER, M. Corpus Linguistics and Translation Studies: Implications and Application. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Ed.) *Text and Technology: In Honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing C.O., 1993, p. 233-250.

_____. Corpora in Translation Studies: An Overview and Some Suggestions for Future Research. In.: *Target*. Amsterdam: John Benjamins B.V., 1995, p.223-243.

_____. Corpus-based Translation Studies: The Challenges that lie ahead. In: SOMER, H. (Ed.). *Terminology, LSP and Translation Studies in Language Engineering: In Honour of Juan C. Sager*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing C.O., 1996, p. 177-243.

_____. Lingüística e estudos culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos estudos da tradução? In: MARTINS, M. A. P.(org.). *Tradução e multidisciplinariedade*. Rio de Janeiro: Lucença, 1999, p. 15-34.

_____. Towards a Methodology for Investigating the Style of a Literary Translator. *Target*. 12:2, 2000, p. 241-266.

_____. Corpus-based Translation Research on Legal, Technical and Corporate Texts. In: KLAYDY, K. *Across Languages and Cultures: a Multidisciplinary Journal of Translation and Interpreting Studies*. 2:1. Budapest: Akadémiai Kiadó, 2001, p. 113-125.

_____. A Corpus-based View of Similarity and Difference in Translation. In.: ARDUINI, S. and HODGSON, R. (eds) *Translating Similarity and Difference*. Manchester: St. Jerome, 2004.

BARBOSA, H. G. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas, SP: Pontes, 1990.

BASSNETT, S.; LEVEFERE, A. *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation*. Clevedon Hall: Multilingual Matters, 1998.

BERBER SARDINHA, A. P. Lingüística de corpus: histórico e problemática. In: *D.E.L.T.A.* Vol. 16, nº (2), São Paulo, 2000, p.323-367.

_____. Corpora eletrônicos na pesquisa em tradução. In: *Cadernos de tradução*, Vol. 9, nº 1, Florianópolis, 2002, p.15-60.

_____. Uso de corpora na formação de tradutores. In: *D.E.L.T.A.*, Vol. 19, nº especial, São Paulo, 2003, p.43-70.

_____. *Lingüística de Corpus*. São Paulo: Editora Manole Ltda, 2004.

BERMAN, A. Traduction spécialisée et traduction littéraire. In.: *La traduction littéraire, scientifique et technique*. Paris, La Tilu, 1991, p. 9-15.

BRUNEL, P.; PICHOIS, C.; ROUSSEAU, A. *Qu'Est-ce que la Literature Comparée?*. Paris: Armand Colin, Trad. Célia Berrettini. “Fenomenologia da Transposição Literária”; “Estética da Tradução”; “Análise Preliminar e Interpretação”; “Um Novo Critério: a Infidelidade Significativa”; e “Tradução e alquimia do verbo”. In. BUNEL P.; PICHOIS, C.; ROUSSEAU, A. *Que é literatura comparada?*. São Paulo: Perspectiva: USP: UFPR, 1990, P. 132-137.

BURNETT, S. *A Corpus-based Study of Translational English*. Dissertação (Mestrado em Tradução), CTIS/UMIST, Manchester, Inglaterra, 1999. 88f.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa*. 13ª ed., Petrópolis: Vozes, 1986.

CAMARGO, D. C. *Contribuição para uma tipologia da tradução: as modalidades de tradução no texto literário*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH, USP, 1993. 231f.

_____. *Análise de um corpus paralelo de textos ficcionais brasileiros e dos respectivos textos traduzidos para o inglês: uma investigação sobre o estilo do tradutor literário Gregory Rabassa*. 01/nov./2002 a 28/maí./2003. 70 f. Pesquisa realizada para estágio pós-doutoral em Tradução e Lingüística de Corpus, junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada a Estudos da Linguagem _ LAEL, PUC-SP, São Paulo, 2003^a.

_____. *Análise de um corpus paralelo de textos ficcionais brasileiros e dos respectivos textos traduzidos para o inglês: uma investigação sobre o estilo do tradutor literário Giovanni Pontiero*. 01/abr. a 31/ago./2003. 81 f. Pesquisa realizada para estágio pós-doutoral em Estudos da Tradução baseados em corpus, junto ao Centre for Translation and Intercultural Studies _ CTIS, The University of Manchester, Inglaterra. Bolsa de Pesquisa no Exterior Pq-Ex da FAPESP, processo nº 02/00692-5, 2003b.

_____. *Padrões de estilo de tradutores: um estudo de semelhanças e diferenças em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas*. Tese de Livre Docência em Tradução. S.J.R.P., IBILCE, UNESP, 2005.

CAMPOS, G. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CATFORD, J. Translation Shifts. 1965. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. London: Routledge Press, 2000, p. 141-148.

CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

CORRÊA, R.H.M. *Barreiras culturais da tradução: um estudo da obra de Jorge Amado traduzidos para o inglês*. Tese de Doutorado em Letras/Linguística Geral. São Paulo, FFLCH, USP, 1998. 226f.

COSTA, L. A. João Ubaldo Ribeiro, tradutor de si mesmo. In: *Encontro Nacional de Tradutores*, vol. 5., 1994, Salvador. Anais. São Paulo: Humanitas, 1996, p. 181-190.

COUTINHO, W. *João Ubaldo Ribeiro: um estilo de sedução*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 1.0, 2001.

Dicionário Eletrônico Michaelis, versão 5.0, DTS Software Ltda, 1998.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. 9ª ed. Trad.: Izidoro Blikstein (Coord.). São Paulo: Cultrix, 1993.

EVEN-ZOHAR, I. The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. In: HOLMES, J. S.; LAMBERT, J.; van den BROECK, R. (Ed.) *Literature and Translation*. Leuven: ACCO, p. 117-127. [Versão revisada em VENUTI, L. (Ed.). *The Translation Studies Reader*. London/New York: Routledge, 2000, p.192-197.

FARACO, C. A. (org.). *Estrangeirismos: guerra em torno da língua*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2001.

FARIA, G. L. Literatura comparada e tradução. In: CUNHA, E. L.; SOUZA, E. M. (Orgs.) *Literatura comparada: ensaios*. Salvador: Ed. Univ. Fed. Bahia, 1996, p. 121-130.

FRAWLEY, W. Prolegomenon to a Theory of Translation. In: FRAWLEY, W. (Ed.). *Translation: Literary, Linguistic, and Philosophical Perspectives*. London/Toronto: Associated University Presses, 1984, p.159-175. [Versão revisada em VENUTI, L. (Ed.) *The Translation Studies Reader*. London/New York: Routledge, 2000, p. 250-263].

GERMANO, I. M. P. *Alegorias do Brasil: imagens de brasilidade em Triste fim de Policarpo Quaresma e Viva o Povo Brasileiro*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

GLEDSO, J. The Book of the Brotherhood: João Ubaldo Ribeiro – An Invincible Memory. In.: *The Times Literary Supplement*. Latin America-Fiction, October 6-12, 1989, p. 1088.

HELENA, L. Escrevendo a nação. In: IV Congresso Nacional da ABRALIC, São Paulo. *Anais do Congresso da ABRALIC - Literatura e Diferença*. São Paulo: Abralic/Edusp. v. 1., 1996, p. 525-530.

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. London: Routledge Press, 2000, p. 172-186.

KENNY, D. *Lexis and Creativity in Translation: A Corpus-based Study*. Manchester: St. Jerome, 2001.

LARBAUD, V. *Sob a invocação de São Jerônimo*. Trad. Joana Angélica. São Paulo: Mandarim, 2001.

LAVIOSA, S. *Corpus-based Translation Studies: Theory, Findings, Applications*. Amsterdam/Athanta: Rodopi, 2002.

LEFEVERE, A.; BASSNETT, S. (Eds). *Translation, History, Culture*. Londres: Pinter, 1990.

LIMA, T. C. S. *A tradução e os prazeres de descobrir o mundo de Clarice Lispector*. Dissertação de Mestrado em Estudos Lingüísticos: Lingüística Aplicada. Unesp, Ibilce, SJRP, 2004.

MACHADO, L. G. *A contrução do herói em Viva o Povo Brasileiro, de João Ubaldo Ribeiro*. Tese de Doutorado em Letras: Teoria da Literatura. Unesp, 2005.

MAGALHÃES, C. Pesquisas textuais/discursivas em tradução: o uso do corpora. In: PAGANO, A. *Metodologias de pesquisa em tradução*. UFMG, Belo Horizonte, 2001.

MARTINS, M. A. P. *Processo vs. Produto: a questão do ensino da tradução*. Trab. Lingüística Aplicada, Campinas, (20): 49-54, Jul./Dez., 1992.

MARTINS, N. S. *Introdução à estilística: expressividade na língua portuguesa*. 3ª ed. rev. e aum. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MILTON, J. Translation Latin America. In: MARTINS, M.A.P. (Org.). *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucerna, p.15-34.

MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies: Theory and Applications*. London & New York: Routledge, 2001.

NIDA, E. Linguistic and Ethnology in Translation Problems. In: *Word* 1.2, 1945, p. 194-208.

_____. *Toward a Science of Translation*. Leinden: Brill, 1964.

OLIVIERI-GODET, R. *Memória, história e ficção em Viva o Povo Brasileiro de João Ubaldo Ribeiro*. Disponível em: http://www.geocities.com/ail_br/memoriahistoriaficcaoemviva.html>. Acesso em: 28-09-2004.

OMENA, M. A. M. *Dos laços de família aos laços da tradução: o trajeto de um conto de Clarice para o inglês e o espanhol*. Dissertação de Mestrado, UNESP, IBILCE, SJRP, 2002. 158f.

PASTA JUNIOR, J. A. Prodígios de ambivalência: notas sobre João Ubaldo Ribeiro. In: *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, nº 64. p.61-71, nov., 2002.

PONTIERO, G. (1977) Luso-Brasílian Voices. Anyone Care to Listen? In: ORERO, P.; SAGER, J. C. (Eds.) *The Translator's Dialogue*. Giovanni Pontiero. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 49-54.

RIBEIRO DA SILVA, M. S. Um estudo lexicológico da linguagem religiosa: uma análise comparativa entre Espiritismo, Umbanda e Candomblé. *Revista da Unorp/Centro Universitário do Norte Paulista*. Ano 3, Vol. 9, maio, SJRP, UNORP, 2004.

SCOTT, M. N. *Normalization and Reader's Expectations: A Study of Literary Translation with Reference to Lispector's A Hora da Estrela*. Liverpool: 1998, 318f. Tese (Doutorado em Tradução). Universidade de Liverpool. Liverpool.

SILVA, V. G. *Candomblé e umbanda*. São Paulo: Ática, 1994.

SINCLAIR, J. M. *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

TOURY, G. The Nature and Role of Norms in Literary Translation. 1978. In: VENUTI, L. *The translation Studies Reader*. London: Routledge Press, 2000, p.198-213.

_____. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

RIBEIRO, J.U. *Vila Real*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

_____. A vida é um eterno amanhã. (1993). Disponível em: <http://www.academia.org.br/cads/34/joao2.htm>>. Acesso em: dezembro de 2003.

VASCONCELLOS, R. *As representações da belgitude e da brasilidade nos imaginários de Pierre Mertens e João Ubaldo Ribeiro*. Tese de Doutorado em Língua e Literatura francesa do Departamento de Letras Modernas, FFLCH, USP, 1999.

VENUTI, L. Translation as Cultural Politics: Regimes of Domestication in English. In: *Textual Practice*. Vol. 7, 1993, p. 208-223.

_____. *The Translator's Invisibility*. Londres: Routledge, 1995.

XATARA, C. M. Empréstimo, estrangeirismo e suas medidas. *Alfa*, São Paulo, Vol. 36, 1992, p. 99-109.

Referências bibliográficas dos corpora estudados

RIBEIRO, J. U. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. (673p.)

_____. *An Invincible Memory*. England: Faber and Faber, 1989. (504 p.)

Entrevistas com João Ubaldo Ribeiro

Escrevo por dinheiro. Entrevista com João Ubaldo Ribeiro para a revista Istoé Gente (22-11-1999). Disponível em: <www.novafronteira.com.br/papo/jubaldo.html>, <www.academia.org.br/cads/34/joao.htm> Acesso em 24-11-2002.

À conversa com ... João Ubaldo Ribeiro: *O feitiço do escritor baiano*. Entrevista com João Ubaldo Ribeiro. Disponível em: http://www.mediabooks.pt/autores/entrevista.jsp?v_id=33. Acesso em: dezembro de 2003.

Romance de Ubaldo Ribeiro será filmado. Folha de São Paulo, São Paulo, 12 jun. 1978.

APÊNDICE A

Lista das cem palavras mais freqüentes

Nº	WORD	FREQ.	%
1	COISA	593	0,25
2	SENHOR	357	0,15
3	DIA	344	0,15
4	CASA	308	0,13
5	TEMPO	308	0,13
6	POVO	287	0,12
7	CABEÇA	280	0,12
8	VIDA	258	0,11
9	COISAS	247	0,1
10	HOMEM	239	0,1
11	GENTE	237	0,1
12	OLHOS	222	0,09
13	MÃO	220	0,09
14	BARAO	201	0,09
15	PAI	188	0,08
16	FILHO	176	0,07
17	VERDADE	164	0,07
18	MÃOS	163	0,07
19	MULHER	160	0,07
20	MUNDO	159	0,07
21	BOCA	155	0,07
22	HOMENS	152	0,06
23	GUERRA	142	0,06
24	NOITE	141	0,06
25	HORA	140	0,06
26	MAE	139	0,06
27	FAMÍLIA	136	0,06
28	LUGAR	134	0,06
29	PORTA	134	0,06
30	NEGROS	132	0,06
31	ANOS	125	0,05
32	FORMA	125	0,05
33	TERRA	123	0,05
34	NEGRO	120	0,05
35	NOME	117	0,05
36	FILHOS	114	0,05
37	PELAS	114	0,05
38	VOLTA	114	0,05
39	ÁGUA	113	0,05
40	SENHORA	110	0,05
41	DINHEIRO	109	0,05
42	PALAVRAS	109	0,05
43	ROSTO	108	0,05
44	MENINA	106	0,04
45	CERTEZA	105	0,04
46	TRABALHO	105	0,04
47	CARA	104	0,04

48	RAZÃO	104	0,04
49	DIAS	100	0,04
50	VOZ	99	0,04
51	PRETO	97	0,04
52	JEITO	95	0,04
53	MANEIRA	95	0,04
54	NEGO	94	0,04
55	CAUSA	93	0,04
56	CORPO	92	0,04
57	PÉ	92	0,04
58	CABOCO	91	0,04
59	IRMÃO	91	0,04
60	SANTO	90	0,04
61	HISTÓRIA	89	0,04
62	PEIXE	89	0,04
63	MEDO	88	0,04
64	MENINO	88	0,04
65	FORÇA	83	0,04
66	FÉ	80	0,03
67	MORTE	80	0,03
68	AR	79	0,03
69	CAPITÃO	79	0,03
70	BRASIL	78	0,03
71	SANGUE	78	0,03
72	ILHA	77	0,03
73	MULHERES	77	0,03
74	BAHIA	76	0,03
75	DIREÇÃO	76	0,03
76	PONTA	76	0,03
77	BRAÇOS	75	0,03
78	HORAS	75	0,03
79	COMPANHIA	74	0,03
80	CHÃO	72	0,03
81	PEITO	72	0,03
82	SANTA	72	0,03
83	BAIAKU	71	0,03
84	ESPÉCIE	71	0,03
85	VERGONHA	69	0,03
86	FILHA	68	0,03
87	LÍNGUA	68	0,03
88	PESSOA	68	0,03
89	BARONESA	67	0,03
90	SOL	67	0,03
91	CEU	66	0,03
92	PERNAS	66	0,03
93	COSTAS	65	0,03
94	INSTANTE	65	0,03
95	BRASILEIRO	63	0,03
96	LIVROS	63	0,03
97	MAR	63	0,03
98	MESTRE	63	0,03
99	NEGRA	63	0,03
100	PRAIA	63	0,03

APÊNDICE B

Lista de palavras-chave consideradas marcadores culturais em *Viva o Povo Brasileiro*

Nº	WORD	FREQ.	KEYNESS
1	SENHOR	357	1.617,50
2	CABOCO	91	1.111,70
3	POVO	287	934,2
4	BAIACU	71	820,3
5	NEGO	94	812,4
6	IOIÔ	56	523,7
7	NEGROS	132	409,3
8	GENTE	237	398,7
9	SENHORA	110	396
10	PIRAPUAMA	29	354,3
11	NEGRINHA	33	317,6
12	NEGRO	120	302,1
13	CANASTRA	35	291
14	OXÓSSI	27	284,1
15	OGUM	35	281,7
16	IOIOZINHO	18	219,9
17	NEGRAS	48	195,4
18	PORRETE	22	191
19	SENHORES	42	160,2
20	CAFULETEIRO	13	158,8
21	MADAME	32	150,8
22	MESTRE	63	149,8
23	CABOCOS	12	146,6
24	TUIUTI	18	141,5
25	CALEÇA	11	134,4
26	CACHAÇA	30	132,4
27	NEGRA	63	130,4
28	NHÔ	13	129,1
29	SANTO	94	122,5
30	GANGANA	10	122,2
31	SAVEIRO	23	121,9
32	ARRAIAL	22	120,5
33	TRAPICHE	13	117,8
34	POVINHO	13	117,8
35	ESPORÃO	13	115,7
36	RUNDE	10	115,5
37	QUELÉ	10	115,5
38	XANGÔ	21	114,4
39	ENGENHO	25	112
40	CHIBATA	12	112
41	APICUM	9	109,9
42	PRESEPEIRA	9	109,9
43	BALEOTE	9	109,9
44	CANOA	21	103,9
45	SOROROCA	10	103,1
46	CAIEIRA	9	99,5

47	SÃ	16	99,2
48	CACETE	15	99,1
49	CAPOEIRA	23	98,2
50	FIFÓ	8	97,7
51	CAMARINHA	11	96
52	IAN SÃ	11	91,7
53	DONA	61	91,3
54	SENZALA	17	89
55	OXALÁ	14	87,9
56	IAIÁ	10	87,6
57	FUMBAMBENTO	7	85,5
58	ARAÇANGA	7	85,5
59	TRINCHETE	7	85,5
60	TAMBORETE	8	82,5

APÊNDICE C

Glossário de marcadores culturais em *Viva o Povo Brasileiro*

Marcadores Culturais		Linhas de concordâncias	
Marcadores Culturais do Domínio Ecológico			
Viva o Povo Brasileiro	An Invincible Memory	Viva o Povo Brasileiro	An Invincible Memory
Abacaxi	Pineapple	— Não, é uma bebida feita pela infusão de cascas de abacaxi em água, é muito saborosa.	“No, it's a drink made by steeping pineapple rind in water; it's very tasty.”
Arraia	Stingray	Cautelosamente, porque toda a gente sabe que ferimento de esporão de arraia não cicatriza jamais, experimentou a ponta e as farpas, estavam duras como pedra e aguçadas como se um fazedor de agulhas as tivesse esculpido em aço fino.	Cautiously, because everybody knows that a wound made by a stingray spine never heals, he tested the tip and the barbs, and they were hard as stone and sharp as if they had been forged of fine steel by a needlemaker.
Baiacu	Baiacu	E contra a ida dela para o Baiacu , achava que lá não havia futuro, não compreendia por que alguém haveria de preferir morar nos ermos a morar numa cidade grande como a Bahia, ainda mais uma menina em idade de pensar em casamento.	She was against the girl’s going to Baiacu , she would have no future there, it was impossible to understand why someone would rather live in the middle of nowhere than in a big city like Bahia, especially a girl old enough to think about marriage.
	Puffer fish	Mas que lindo escaldado de baiacu borbulha no caçarolão de barro, minha gente!	Folks, what a beautiful puffer fish stew is a-bubbling in the big clay pan!
	Fish	Que usura no baiacu , eu estou é pensando se esse homem morre aqui depois de comer baiacu, vão dizer que fomos nós quem envenenou.	“It's not that I want the fish for myself; it's just that I’m thinking if this man dies here they'll say we poisoned him.”
	It	Comer escaldado de baiacu é por conseguinte uma experiência importante, havendo quem o coma até com regularidade durante anos e anos com apenas uma ou duas mortes na família, se conhecendo caso de quem tenha morrido de baiacu sem estar acostumado a comer baiacu, porque só come baiacu quem está acostumado, pois quem não está acostumado pode morrer se comer.	To eat a puffer fish stew is consequently an important experience, and there are people who eat it regularly even for years and years with just one or two deaths in the family. and the case is not known of anyone having died from eating puffer fish with out being used to eating puffer fish, because those who are used so it are the only ones who eat it, since those who are not used to it may die if they eat it.

Caatinga	Wilds	Agora que a caatinga recolheu suas plantas ferozes debaixo do manto de sereno e até a poeira das três ruas assentou, nada se vê senão a iluminação amarelada de alguns lampiões, atravessando os quadradinhos formados pelas varas das paredes dos casebres de sopapo.	Now that the wilds leave blanketed their ferocious plants under a mantle of coldness, and even the dust in the streets has settled down, nothing can be seen but the yellowish glare of a few lamps passing through the squares formed by the walls of clay huts.
Cacharréo	Cacharréo	A pesca da baleia tem o cacharréo , que é o macho, o madrijo, que é a fêmea, o baleote, que é a cria mamona, o seguilote, que vai junto da mãe mas já mistura a mama com comida, e o meio-peixe, que é o peixe novo que ainda [ia crescer] antes da arpoação.	Whale fishing has the cacharréo which is male, the madrijo which is Female, the baleote which is the suckling, the seguilote which goes alongside its mother but already eat food, besides milk, and the half-fish, which is the young fish that [would grow big] if it was not harpooned.
Camarão	Shrimp	Agora não, agora a salga do peixe de Leléu estava cada vez maior, fileiras e mais fileiras de peixe e camarão pegando sol, falava-se até mesmo de minas de cernambis e mariscos da areia, conservados em cochos com lama e água da maré, esperando comprador.	But not now; now Leléu's fish-salting operation was getting bigger and bigger, row upon row of fish and shrimp drying in the sun, and there was talk of loads of clams and other shellfish kept in troughs filled with muddy sand and seawater, waiting for buyers.
Capoeira	Clearing	Capoeira do Tuntum, 14 de junho de 1827.	Tuntum Clearing , June 14, 1827.
	Bushes	Já era quase madrugada quando os rapazes saíram de uma capoeira na companhia de algumas pretinhas, todos os quatro cambaleando e rindo alto.	It was almost dawn when they came out from behind some bushes in the company of a few young black girls, all four of the boys staggering and laughing loudly.
	Shrubbery	— Come das peras amarelas — disse Eijkman, um pouco arrependido de ter cultivado assunto incômodo e inútil àquela hora, e já se preparava para levantar-se e colher um caju, quando o caboco Capiroba pulou de trás da capoeira e, rodando o cacete na horizontal com a força de um catavento, destroncou-lhe a cerviz de uma pancada só, após o que jogou a rede em cima dos dois, puxou o laço corredio que a fechava, amarrou-a no cajueiro e ficou esperando que uma das presas aquietasse e desistisse de bacorejar, para não ter que dar-lhe também uma porretada, correndo o risco de estragar os dois e desperdiçar comida.	“Eat one of the yellow pears,” Eijkman said, somewhat regretful for having dwelt on so disagreeable and futile a subject at such a time, and he was getting ready to stand up and pluck a cashew when caboco Capiroba sprang up from behind the shrubbery and, swirling his club horizontally with the force of a windmill, dislocated his quarry's neck with one blow, after which he threw the net over both of them, tightened the cord that closed it with a knot, tied it to the cashew tree, and stood waiting for one of his victims to stop thrashing about and cease screeching, so he would not have to club him, too, and risk spoiling both of them, wasting food.
Mutuca	Motuca flies	Em lugar da chuva, havia agora um mormaço sufocante, tornado insuportável pelas mutucas e outros bichinhos chupadores de sangue de todos os tamanhos.	Instead of rain, there was show a suffocating mugginess, made unbearable by motuca flies and other blood-sucking bugs of all sizes.

Curuquerê	Curukera	— Coisa da mariposa Curuquerê aí?	"Anything with the Curukera moth there?"
	Curukere	A morte é o reino dos que não servem senão a si, dos que carregam pairando sobre suas cabeças a sombra da mariposa curuquerê , os maus padres, os maus comandantes, os maus irmãos, os maus semelhantes, os ladrões do espírito e da crença em Deus, na vida e na esperança.	Death is the kingdom of those who serve no one but themselves, of those who have the shadow of the Curukere moth hovering over their heads, bad priest, bad leaders, bad brothers, bad neighbors, robbers of the spirit of the belief in God, life, and hope.
Pirapuama	Pirapuama	Pirapuama queria dizer baleia, na língua dos bugres.	Pirapuama means "whale" in the language of the savages.
Seguilote	Seguilote	A pesca da baleia tem o cacharréo, que é o macho, o madrijo , que é a fêmea, o baleote , que é a cria mamona, o seguilote , que vai junto da mãe mas já mistura a mama com comida, e o meio-peixe, que é o peixe novo que ainda [ia crescer] antes da arpoação.	Whale fishing has the cacharréo which is male, the madrijo which is Female, the baleote which is the suckling, the seguilote which goes alongside its mother but already eat food, besides milk, and the half-fish, which is the young fish that [would grow big] if it was not harpooned.
Baleote	Baleote		
Madrijo	Madrijo		
Lambreta	Hors d'oeuvres	E bebe-se bastante Cavalo Branco com gelo de água-de-coco e guaraná, tira-gosto de lambreta e queijo prato com molho inglês, enquanto se aguarda, já às nove e meia da manhã, que comecem os preparativos para a peixada de cabeça de mero com a qual Ioiô Lavínio mantém a tradição de não deixar passar o Sete de Janeiro em brancas nuvens.	And they are drinking a lot of White Horse with coconut-water ice and guaraná soda pop, and having as hors d'oeuvres claims and white cheese sprinkled with Worcestershire sauce, while they wait, around nine o'clock, for the preparation of the big jewfish-headed stew with which Ioiô Lavínio keeps up the tradition of not letting the Seventh of January pass by without some kind of cerebation.
Marcadores Culturais do Domínio Ideológico			
Poleiro das almas	Souls' Perch	Inúmeras almas penas mantêm-se nesta situação de forma bem transitória e, na verdade, não estão penando, mas descansando antes de subir para o Poleiro das Almas , onde, mais cedo ou mais tarde, terão de vencer um grande medo e encarnar outra vez.	A good number of those souls in torment are in that predicament only temporarily and are not in torment at all but resting before they climb up to the Souls' Perch , where sooner or later they will have to overcome a great fear and incarnate once again.
Ogum	Ogoon	Ogum , senhor da ferramenta e do ferro, cujo nome é a própria guerra, por motivo de orgulho e vaidade, não quer emprestar seu braço à defesa dos seus filhos.	Ogoon , lord of tools and iron, whose name is war itself, by reason of pride and vanity does not wish to lend his arm to the defense of his sons.
Omolu	Omoloo	Campeava assim incansavelmente, quando se deparou com Omolu , que lhe acenava da sombra de uma árvore, o rosto bexiguento coberto pelo filá.	He was thus tirelessly overwhelming the field, when he came across Omoloo , who was waving at him from the shade of a tree, his poxy face covered by a veil of strings and beads.
Oxóssi	Oshosse	Logo soube o que queria Oxóssi , ao chegar este à morada de Xangô , o que atira pedras.	He soon found out what Oshosse wanted, when the latter arrived in the home of Shango , the one who hurls

Xangô	Shango		
Iansã	Yansan	— <i>Ê-parrê</i> , Iansã , senhora dos ventos e das tempestades, rainha dos espíritos, valente e ousada como os tufões, de bravura irresistível, eu te saúdo!	Eppa-heh, Yansan , mistress of winds and storms, queen of spirits, plucky and bold like a typhoon, of irresistible courage, I salute you!
Oxalá	Oshallah	Mas Oxalá , pai dos homens, vê as batalhas.	But Oshallah , the father of man, sees battles.
Exu	Eshoo	— <i>Larô-iê</i> , menino Exu , o que come de tudo, amigo dos cachorros, mensageiro dos orixás — disse Oxalá, o pai dos homens.	“Laroh-eyh, boy Eshoo , the one who eats anything, friend of dogs, messenger for the orishahs ,” said Oshallah, father of man.”
Orixás	Orishahs		
Mãe de santo	Great mother	Eles a chamam de Mãe Rufina, mãe, mãe de santo , feiteira, cada um chama o que acha que ela é, varia de pessoa para pessoa, ou de grupo para grupo, talvez.	They call her Mother Rufina, mother, great mother , witch everyone calls her what they think she is; it varies from person to person, or from group to group, maybe.
Mandingas	Sorceries	O feitor Almério, mulato e com muitos parentes cativos, tinha medo das mandingas , sabia que, por ser ele meio preto, os deuses de seus parentes o alcançariam em qualquer lugar, tal como os espectros de seus mortos, se bem chamados.	The foreman Almério, a mulatto with many slave relatives, was afraid of the sorceries , and he knew that because he was half black, the gods of his relatives would be able to reach him anywhere, as could the specters of his ancestors if summoned right.
Mandingueiras	Conjures	Por isso que doravante vamos obedecer à seguinte disposição, que eu mesmo pensei muito bem pensado e escrevi muito bem escrito, estando tudo muito bem ajuizado: no domingo, eu confesso as preguiçosas e as que não têm asseio; na segunda, as que furtam e as que mentem; na terça, as que bebem; na quarta, as que enganam o marido ou pecam ao contubérnio; na quinta, as crocas e as maldizentes; na sexta, as feiteiras, as mandingueiras e as treiteiras; no sábado, as comilonas e as invejosas.	That is why from now on we shall obey the following dispositions, which I thought out myself very well and wrote very well, everything very well considered: Sundays I confess the lazy and the ones who do not wash; Mondays, those who steal and tell lies; Tuesdays, the ones who drink; Wednesdays, the ones who deceive their husbands or sins by contubernium; Thursdays, the nags and the gossips; Fridays, the witches, the conjures , and the troublemakers; Saturdays, the gluttonous and the envious.
Mandingueiro	Sorcerer	Mandingueiro , feiteiro, deve de ter fugido com mais de quarenta roubos e mais de vinte mortes nas costas!	A bandit, a sorcerer , a warlock! He must have run away with more than forty thefts and more than twenty murders to his credit.
Babalaôs	Babbalaohs	Um belo Oxóssi tinha ele, um belíssimo, simpático e valente Oxóssi, orixá caçador da madrugada, comedor de galo, perito no arco e flecha Zé Popó não dizia nada, mas todos os babalaôs , todos os babalorixás e ialorixás jogadores de búzios e contas, sem conhecer uns aos outros e sem nunca tê-lo visto	A one Oshosse accompanied him, a very fine, handsome, and valiant Oshosse, the orishah who hunts at dawn, eats roosters, and is an expert with the bow and arrow. Zé Popó would not say anything, but all babbalaohs , all babbalorishahs and yalorishahs , casters of seashells and beads, always said Oshosse was near him.
Babalorixás	Babbalorishahs		
Ialorixás	Yalorishahs		

Búzios	Seashells		
Obá-Xoró	Abah-Shoroh	Negro Lírio, a chamado Alibá e Obá-Xoró e também de outros nomes conforme o dia, o lugar e a pessoa, fez um sinal, levantou a voz e, com rosto sem expressão, olhando para baixo de olhos semicerrados cantou alguns versos curtos, repetiu-os em tons gradualmente mais altos.	Black Lírio, here called Alibbah or Abah-Shoroh and also several other names, according to the day, the place, and the person, made a sign, raised his voice, and with an expressionless face, looking down with half-closed eyes, sang out a few short verses and repeated them in gradually higher tones.
Marcadores Culturais do Domínio Social			
Gente	People	A terceira razão, a quarta e as que porventura ainda pudessem ser enumeradas estariam todas subordinadas a que eles se agradaram de carne de gente , [...]	The third, fourth, fifth, and all other reasons that could be enumerated would all be subordinate to their having become very fond of people meat, [...]
	Folk	Foi assim desamarrado que ele e toda a coletividade da Redução escutaram a famosa história do cruel sofrimento e grandes trabalhos havidos pela boa gente cuja embarcação soçobrou às costas desta mesma terra aqui, fazia muito tempo.	It was thus untied that he, with all the reduction's community, listened to the famous story of the cruel suffering and great travails incurred by the good folk whose ship was wrecked along the coast of this very same land, a very long time ago.
	Everybody	Que quando o vigário terminou de dizer isso, ninguém disse nada na hora, mas toda a gente se olhou assim, e daquele dia em diante não teve mais beata que quisesse confissão naquela freguesia e o vigário descansou à larga com seu bom vinho de missa, pé de pato mangalô três vez.	And when the priest finished, nobody said anything, but everybody looked at one another in a funny way, and from that day on there were no more devout women to confess in that parish, and the priest rested to his heart's delight with his good Mass wine, and that is the end of the story.
	Man	Chegados a Vera Cruz, com o povo ajuntado para ver o grande caboco comedor de gente , gigante degolador, bebedor de sangue, pactuado com Satanás, opinaram todos que deviam ser mortos na fogueira, tanto ele quanto as mulheres e filhas.	When they arrived in True Cross, all the people had gathered to see the treat man -eating <i>caboco</i> , a throat-cutting, blood-drinking, Satan-serving giant, and the general opinion was that they should all die at the stake, not only the <i>caboco</i> but his women and daughters.
	Men	Eram todos heróis e não nasceram heróis, eram gente do povo, [...]	They were all heroes, and they hadn't been born heroes, they were men of the people, [...]

Person	E seguramente alguma coisa deve estar escrita, porque essa alma, tiritando de receio e aflição no espaço escuro entre os mundos, fez tenção firme de evitar o Hemisfério Austral na descida seguinte, mas, como não tinha efetivamente aprendido coisa alguma, sabendo melhor ser papagaio do que gente , terminou por revoar de maneira fatídica e, dezoito anos, dois meses e vinte dias antes do 10 de junho de 1822, achou-se por dentro das vísceras da mulher franzina que logo a iria parir, no corpo do futuro Alferes Brandão Galvão, herói da Independência.	And surely something must be written, because that soul, shivering with fright and apprehension in the dark space among the worlds, made the firm resolution to avoid the Austral Hemisphere on its next descent, but since it actually had not learned anything and was better at being a parrot than a person , it ended up flitting by in a fateful way, and eighteen years, two months, and twenty days before the tenth of June, 1822, it found itself inside the entrails of the frail woman who would soon bring it forth in the body of Warrant Officer Brandão Galvão, the hero of Independence.
Human	Como, naquela época, a maior parte dos macacos e papagaios não tinha tantos problemas sérios quanto agora, é de crer-se que a almozinha haja tentado voltar para a mesma espécie, mas não conseguiu resistir, apesar do medo intenso que isto sempre provoca nas almas, à oportunidade de encarnar em gente .	Since at that time most monkeys and parrots did not have as many serious problems as they do now, one is led to believe that the little soul did try to return to the same species but could not resist, in spite of the intense fear it always causes in souls, the opportunity to incarnate in a human .
Somebody	Mas será possível que eu te mando para a escola com pensionato, te boto com a melhor professora, te pago todos os livros para que tu tenha conhecimento e tu agora resolve crescer como rabo de cavalo, desaprender, se preparar pra ser uma negá preta véia, em vez de gente ?	But can It be that I send you to a boarding school, I give you the best teacher, I buy you all the books you need to get knowledge, and now you decide to grow downward like a horse's tail, to unlearn, to prepare yourself to become an old black hag, instead of somebody ?
Humans	Em outras partes, as almas se apossam não de animais, mas de árvores, cabendo discussão sobre se o fazem de propósito, sustentando alguns que a alma, sobressaltada com o que se passou durante a encarnação de que saiu e muito inquieta por se saber imortal, acha melhor a condição de planta que a de gente ou bicho.	In other areas, the souls take possession not of animals but of trees, and a discussion is warranted about whether they do it on purpose, some maintaining that the souls, much distressed by what happened while they were incarnated and quite fretful at their immortality, think that the condition of a plant is better than that of humans or animals.
Part of a group	— Então Júlio Dandão sabe disso e está ajudando o capitão Teófilo, que pertences uma gente que quer ver esse homem solto, coisas muito complicadas, muito em segredo para que eu possa contar agora.	So Júlio Dandão knows all about it and is helping Captain Teófilo, who is part of a group that wants to set this man free, it's all too complicated and secret for me to explain it now.

Many	Muita gente , contudo, decidi ficar, entre palanganas de canjica e mungunzá, tabuleiros de lelê, pamonha, acaçá, milho cozido e docinhos de leite e ovos, sequilhos de goma, beijus e mingau de carimã, de milho e de tapioca, alguidares de amendoim cozido, pé-de-moleque, alfele, mel de engenho, bolo de fubá, bolo chico-felipe e bolinho de milho solado da casca grossa e tantas outras coisas que a baronesa mandava fazer para que o povo comesse no dia de sua festa.	Many in the company decided nevertheless to stay, among trenchers of grits and cornmeal, wooden trays of salted hominy, corn and tapioca rolls, corn pudding, corn on the cob, sweets of milk and eggs, biscuits, confections and gruel's of cassava paste and corn, howls of cooked peanuts, peanut brittle, taffy, molasses, corn flour cakes, butter cakes and thick-crust drop biscuits and so many other things the baroness had ordered for the people to eat in the day of her celebration.
They	E não era gente deles, com certeza, porque não estropiava os matos na passagem, era gente que sabia como andar ali e para onde ia.	And they were not strangers, because they had not damaged plants as they passed; they were people who knew how to walk there and were sure about where they were going.
Two-legged beings	Ele não morde, mas mastiga, no que dá uma lição da realidade da vida para quem quer ver, pois é como muita gente de duas pernas que não morde mas mastiga e engole, no verdadeiro e no figurado.	It doesn't bite, but it chews, and with that gives a lesson in the realities of the for those who want to see it, because the armadillo is like many two-legged beings who do not bite but chew and swallow, literally and figuratively.
Men and women	E quantos libertos sem ter para onde ir, quantos e quantas sem eira nem beira, lixo mesmo, gente jogada fora, ele tinha recebido, dado abrigo e alimento, e agora trabalhavam para ele?	And how many freed people with no place to go, destitute and homeless, real trash, men and women who had been thrown away, he had welcomed, given shelter and food, and now worked for him?
Friends	Fosse quem fosse, e gente amiga.	Whoever they were, they were friends .
Bodies	E até já se esquecia toda a aventura, quando, depois de três dias que o bote de Almiro, com quatro dentro, saíra para os baixios para ferrar umas sororocas, os meninos descobriram na praia, cobertos de siris e sargaços, pedaços de gente mordidos e destrocados, [...]	And the whole adventure was about to be forgotten, when three days after Almiro's boat had sailed out to the middle of the bay with three aboard to fish for mackerel, some boys found on the beach gnawed, ripped pieces of bodies covered by crabs and seaweed, [...]
Nation	A saudação, disse ele, é necessária, por isso que não há gente que não a faça, pois ela quer dizer que não somos loucos, já que sabemos que não estamos sozinhos neste mundo, vivemos no meio dos outros e só por causa dos outros é que podemos ser quem somos, do contrário não somos; [...]	To greet, he said, is necessary, which is the reason there is no nation in which it's not done, for it means we're not crazy since we know we're not alone in this world, we live among others, and it's only due to the others that we can be who we are, otherwise we are not.

Negro	Black	Feliciano, o negro mais jovem, saiu do sol onde seu amo o obrigara a ficar junto com o outro e apanhou lentamente a cabaça para passá-la.	Feliciano, the younger black , came out of the sun, where his master had made him stay together with the other one, and slowly picked up the gourd to hand it over.
	Blacks	Ele não tinha de sentar com os outros, não era negro da casa era homem liberto e documentado, estava ali como amigo da família, para apreciar e dar com a cabeça quando a baronesa o olhasse depois de alguma frase, [...]	He did not have to sit with the others he was not one of the house's blacks , he was a free and documented man, he was there as a friend of the family, to approve and nod when the baroness looked at him after one sentence or another, [...]
	Negro	_ Negro ousado, onde já se viu negro fazendo perguntas!	"You barefaced Negro , who ever heard of a Negro asking questions?"
	Negroes	Como ter medo de uma coisa sua, mais um negro seu entre dezenas e dezenas, uma coisa com a qual podia fazer o que quisesse?	How could he be afraid of something that belonged to him, just another one of his Negroes among so many dozens of them, something to which he could do anything he wished?
	Slave	Afinal, quando o sangrara à faca para lambuzar-se de seu sangue e assim apresentar-se ao tenente, terminara por dar-lhe mais cuteladas do que planejava, já que os braços e as mãos lhe fugiram do controle e golpeou o negro como se estivesse tendo espasmos.	After all, when he decided to smear himself with his blood in order to report to the lieutenant as he had, he ended up stabbing him more than he had planned, because his arms and hands lost control and he attacked the slave as though having spasms.
	Cuddy man	[...] o negro imediatamente reuniu seus panelões, sua lenha e seus apetrechos e correu para o molhe, onde a chalupa atracada afrouxava e retesava os cabos no balanço da maré.	The cuddy man immediately picked up his boilers, his firewood, and his implements and ran out to the pier, where the moored whaleboat slackened and tautened her cables to the cadence of the tide.
	Second coachman	Apoiou-se no negro sem olhar para ele, subiu à caleça, enxugou o suor pela última vez e, cruzando as mãos por cima da barriga, acomodou-se para balançar e cochilar durante a viagem.	Supporting himself on the second coachman he climbed up on the carriage without looking at him, wiped off his sweat for the last time, crossed his hands over his stomach, and disposed himself to be gently rocked into a nap during the trip.
Nego	Black	Se Nego Leléu trabalha?	Does Black Leléu work?
Afoxés	Black bands	Mas como tal na Corte não se vê, nem negras mercadejando safadezas no adro, nem leilões de doces — afronta faço, mas não acho; se mais achara, mais tomara; dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três, vou entregar, estou entregando, já entreguei! —, nem comedorias desatadas, nem frades a bailar e bolinar, nem guitarras e bandurras taralhando entre saracoteios, nem fidalgos a umbigar pardas e fuscas abertamente, nem cheganças à porta da casa de	But since such things are not seen at court, nor black women peddling indecencies in churchyards, nor auctions of confections — “For such a nice piece I ought to get more, but since I find no takers I’ll sell it this cheap, here’s one, here’s two, here’s three, I’m going to sell it, I’m selling it, I’ve sold it!” — nor unbridled food sprees, nor friars capering about and pinching behinds, nor guitars and zithers pit-a-patting among bumps and grinds, nor noblemen openly rubbing themselves against brown and black women, nor folk dances at

		Deus, nem muito menos os piores afoxés , nem muito menos um santo da Santa Madre Apostólica Romana carregado em tal profaníssima charola ornada de musgos e plantas de baixa extração, nem rufadores de caixas na companhia de castanholeiras libertinas — como tal não se vê na Corte, o escândalo não pode deixar de ser grande.	the door of the house of God, not to mention the worst black bands following a saint of the Holly Apostolic Roman Mother carried by libertine snare-drum and castanet players on a most profane litter adorned with mosses and other plants of low extraction since such things are not seen at court, one cannot help but being Scandalized .
Caboco	Caboco	Sai-se di qui, có qui mioleira do caboco non goenta!	Outa heah, cause caboco brain cannot take it!
Caboca	<i>caboca</i>	Caboca Vu muito braba, não deche, encama na bananeira braba, quando muito.	Caboca Vu very fierce, wild banana trees, if anything.
Caboclo	Half-breed	Sem nada entender, mal saía do corpo da menina e iniciava nova subida ao Poleiro das Almas, quando outra barriga de gente a chupou como um torvelinho e eis que a almazinha nasce índio outra vez e outra e outra, não se pode saber exatamente quantas, até o dia em que, depois de ter vivido como caboclo no tempo dos holandeses, enfurnado nos matagais e apicuns com três ou quatro mulheres e muitas filhas e comendo carne de gente volta e meia, passou um certo tempo no Poleiro das Almas, com temor de novamente encarnar em homem ou mulher.	Without understanding anything, as soon as it left the girl's body and started its way back to the Souls' Perch it was sucked in like a whirlpool by another human belly, and the little soul we born an Indian again and again and again — it is impossible to know how many times — until the day when, after having lived as a half-breed in the time of the Dutchmen, ensconced in the wilds and swamps with three or four women and many daughters and eating people now and then, it spent some time on the Souls' Perch, in much fear of incarnation in man or woman once more.
Moleque	Black ass	Te perguntei alguma coisa, moleque ousado?	Did I ask you anything, you black ass ?
	Black bastard	Te perguntei alguma coisa, moleque safado?	Did I ask you anything, you black bastard ?"
	Brat	É, mas esse moleque levaria a pior, isto levaria.	That brat would get his comeuppance, that was for sure.
	Scamp	— Respeita-me, seu moleque !	"Have some respect for me, you scamp !"
Moleques	Street boys	[...] maravilhando os moleques com aquelas essências que, saídas de uma pedra reluzente, invadiam o universo.	[...] amazing the street boys with those essences that came out of a glittering stone and invaded the universe.
	Pickaninnies	Como o trabalho dos moleques aqui é muito útil, há que fazer com que os negros se reproduzem.	Since the work of the pickaninnies is very useful here, one must see to it that the Negroes reproduce themselves.
Mulataço	Mulatto bombshell	— Que mulataço , hem? Um rabo daqueles [...]	What a mulatto bombshell , huh? A rump like that [...]
	Bomb-shell	Que mulataço !	What a bomb-shell !
Mulatice	Mulatto looks	A farda lhe caía bem, lhe disfarçava até a mulatice , ainda mais que ele se dera ao gosto de adereços imponentes e capas de corte audacioso, de tal forma que, apenas um tenente, impunha-se	The uniform fitted him well, it even disguised his mulatto looks , especially now that he had developed a taste for Imposing accessories and dashing capes, to a point where, though he was just a lieutenant, he

		como uma espécie de marechal à tropa e aos oficiais mais pobres, que eram a maioria.	impressed the rank and file and the unmoneyed officers, who were in the majority, as a kind of marshal.
Mulato	Mulatto	De mulato , dirse-ia, só tem a aparência, assim mesmo aligeirada, para sua boa sorte.	Of a mulatto one could say you have only the appearance, and even so very lightly, for your good fortune.
Mulata	Mulatto girls	Tinha juntado dinheiro, tinha arranjado mulher preta e mulata para muitos, tinha feito favores, sabia de segredos, dera presentes.	He had saved money, had procured black and mulatto girls for many, had made favors, had heard secrets, had given presents.
	Mulatto girl	Querendo seduzir M. Dubois, mas atrapalhada pela inexperiência dele, Charlotte não teve dúvidas: através de máquinas estonteantes, com o auxílio de sua espertíssima criada antilhana, a mulata Kiki, conseguiu fechar-se na biblioteca do marido em companhia do tímido e gaguejante Dubois e, quando viu que ele nunca tomaria a iniciativa que ela tanto encorajava, desfaleceu em seus braços em tal posição que tombou deitada no <i>sommier</i> com ele por cima.	Bent on seducing M. Dubois, but laundered by his inexperience, Charlotte didn't think twice. Through astounding machinations with the help of the mulatto girl Kiki, her very clever Antillean chambermaid, she managed to lock herself in her husband's library in the company of a shy, stuttering Dubois, and when she saw he would never take the initiative, she swooned in his arms in such a position that she fell down on the <i>sommier</i> , with him on top of her.
	Mulatto woman	Uma mulher pequena, mulata escura, cabelos presos no cocuruto por dois pentes de osso, se deteve, fez menção de que ia voltar para a cozinha, terminou em pé diante dele, as mãos encolhidas no colo.	A small, dark mulatto woman with her hair held on top of her head by two bone combs stopped and appeared to be going back into the kitchen, but ended up standing in front of him, her hands clutched over her bosom.
	Mulatto	E Leléu também ficaria, se não tivesse praticamente testemunhado todos os acontecimentos que levaram àquele parto e se, mesmo enrolada num pano e de olhos fechados, não se visse que a menina era mulata , talvez puxada ao pai.	And Leléu would be suspicious, too, if he had not been practically an eyewitness to all the events that had led to that birth, and if it could not be seen, even with her wrapped up in a piece of cloth and with her eyes closed, that the baby was a mulatto and might take after her father.
Cafetina	Madam	Botou casa de puta, botou cafetina , instalou tudo, trata bem as meninas, quase não bate.	He opened a whorehouse, appointed a madam , set everything up, treats his girls well, almost does not beat them.
Mulher-dama	Women of the profession	Ficou amigo do coronel que compra os fardamentos baratinho na mão dele para vender bem carinho aos intendentes e dividir com ele mais ou menos, arranjou mulher-dama para o coronel, arranjou lugar de fornicar.	He became a friend of the colonel who bought the uniforms very cheap from him to sell them very dear to the administrators and split the money with him more or less in half, found women of the profession for the colonel, found places for fornication.
Mutucas	Motucas	O mestre do mar lhe responde: pois que sim, pois que então fiquem ele e filha junto com as mutucas da rede, que são os pretos que ajudam quando a rede arriba à praia com seus peixes	The sea Foreman answers: That is all right with me, let the father and the daughter stay with the motucas , the blacks who help when the net is dragged out of the water with its leaping fish, motucas because from

		puladores, mutucas porque de longe aparentam moscas no pescado.	far away they look like motuca flies swarming over fish.
Iaiá	Iaiá	E que disseram os filhos de Iaiá Menina?	And what did Young Iaiá's sons say?
Iaiazinha	Missy	Iaiazinha morreu, acharam que a leira era demais para ele, tomaram a terrinha de volta.	His missy died, they decided his patch was too much for him, they took it back.
Ioiô	Massa	— A negra Vevé, Ioiô, a que era da senzala pequena e hoje está na senzala grande?	"The Negress Vevé, Massa, the one who was assigned to the small quarters and is now at the big quarters".
Iô	Senhor	— Não, Iô .	No, senhor .
Ioiozinho	Massa	Mas ioiô, ioiozinho , que bendito dinheiro é esse, umas pataquinhas, uns vintenzinhos, e tudo encalamoucado, esse povo não paga a ninguém, ah se o Senhor Doutor soubesse como eu sofro!	"But, Massa , dear Massa, what is this blessed money, just a few coins, a few coppers, and no one pays me back, those people don't pay anybody, oh, if Your Excellency just knew how I suffer!"
Nhô	Massa	— De nhô mestre feitor Almério.	"You senhor master foreman Almério."
Dona	Dona	Algumas vezes se esgueirou por ali de noite, para ver de longe o barco de guerra português Dona Maria da Glória , fundeado igual a uma nave assombrada no porto da Ponta da Cruz.	Sometimes he sneaked his way around to go see from afar the Portuguese warship Dona Maria da Glória , anchored like a haunted ark off Cross Point Harbor.
Madame	Madame	— Madame , madamezinha, não chore, madamezinha, vai estragar o pó-de-arroz, deu tanto trabalho para chegar no ponto certo. . . — disse a negra Dadeca.	" Madame , madamezinha, don't cry, madamezinha, you're going to wet your face powder, it's taken so much trouble to get it right," the black woman Dadeca said.
Cafuleteiro	Cuddy man	O cafuleteiro , um negro muito magro que corria como se tivesse dificuldade em levantar os pés, saiu dos matos pela trilha dos cajueiros, carregando dois panelões de ferro e uma braçada de lenha.	The cuddy man , a very lanky black who ran as if he had trouble lifting his feet, walked out from the woods by way of the cashew tree footpath, carrying two iron boilers and a bunch of firewood.
Mestre	Lector	Fez outra pausa, fechou novamente os olhos. O mestre de Gramática Emílio Viana, pondo a mão no colarinho alto que lhe escorava o queixo, assentiu com a cabeça.	He made another pause, closed his eyes again. The lector of grammar Emílio Viana, his hand on the high collar that propped his chin, nodded affirmatively.

	In command	Então saíram, Vevé de mestre , Sambulho, Nego Régis, Odorico e Nego Feio, uma coisa mais que linda, a lancha cambando como um boto, o cordame e as madeiras gemendo, a proa querendo levantar vôo e cortando as ondinhas numa tesourada veloz, um cardume de agulhões dançando em pé a sotavento, somente os rabinhos ciscando a flor d'água.	So they sailed out, Vevé in command , with Angelfish, Black Régis, Odorico, and Ugly Black, a more than lovely sight, the boat tacking like a porpoise, the ropes and the wood groaning, the bow striving to take flight and cutting the waves like a nimble scissors, a school of garish dancing upright leeward, their tails whisking the surface of the sea.
	Coxswain	A barca já embicava para a pequena enseada, o mestre manobrava para amainar, o capitão foi para perto dele.	The barge was starting to put about in the little cove, the coxswain maneuvering to bring her to rest. The captain went over to him.
	Friend	É com a mão mesmo, mestre ?	Are your hands all you're going to use, friend !
	Owner	Pois te digo, senhor das perebas, dono dos aleijões, mestre das postemas, rei da lepra e das epidemias, sem rival na podridão em vida e na morte lenta, não te levarei a combate algum, aqui não espalharás teu bafo pestilencial e teu suor contagioso.	Well, let me tell you, master of pustules, lord of deformities, owner of boils, king of leprosy and epidemics, unrivaled in rotting away alive and in slow death, I will not take you to any combat, here you shall not spread your pestilential breath and your contagious swear.
Mestre de terra	Shore chief	Dez ou doze figuras, os seis moços de embarcação com seus gorros de serapilheira azul, o timoneiro, o moço das armas, o mergulhador, o cafuleteiro e o mestre de terra , parado como uma estátua.	Ten or twelve men could be seen: the six boathands with their blue burlap caps, the tillerman, the harpooner, the diver, the cuddy man, and the shore chief , standing still like a statue.
Mestre	Chief	— Balê balê balê ajô balê! — pareceu dizer o mestre ao timoneiro, levantando o braço.	"Balay balay balay azhoh balay!" the chief seemed to say to the tillerman, raising his arm.
Mestre de mar	Sea chief	No banco de arvorar, o mestre de mar seguia os movimentos dos outros e alisava os cabos, o gurutil da vela ainda baixada e as costuras da verga de biriba que logo ia subir mastro acima, acompanhava a contagem e arrumação dos arpões nos guarda-lanças, aprovava com as vistas a rotina do cafuleteiro preparando a areia da caixa que servia de fogão para arrumar-lhe em cima a lenha, limpando a cuia de medir farinha, ajeitando as painelas e os anzóis que trouxera para pescar de arrasto.	From the mast bench, the sea chief followed the movements of the others and stroked the cables, the lowered sail's footrope, and the stirrups around the biriba-wood lift that would soon be hoisted up, oversaw the counting and stowing of the harpoons in the arms chest, and approved with his eyes the cuddy man's routine of preparing the sand in the box that took the place of a stove, the cleaning of the gourd used for measuring manioc flour rations, the packing of the boiler and of the hooks brought along for fishing.
	Sea Foreman	O mestre do mar lhe responde: pois que sim, pois que então fiquem ele e filha junto com as mutucas	The sea Foreman answers: That is all right with me, let the father and the daughter stay with the motucas, the

		da rede, que são os pretos que ajudam quando a rede arriba à praia com seus peixes puladores, mutucas porque de longe aparentam moscas no pescado.	blacks who help when the net is dragged out of the water with its leaping fish, motucas because from far away they look like motuca flies swarming over fish.
Mestre-de-campo	Field marshal	E já vínhamos desde a madrugada, sem descanso, para nos juntarmos aos homens do grande mestre-de-campo Coronel Barros Falcão, quando, ao vencermos a travessia do rio, pilhou-nos um magote deles.	We were coming through the dawn without a rest to join the men of the great field marshal Colonel Barros Falcão, when, as soon as we had forded the river, one of their details caught up with us.
Mestre do saveiro	Master of the lighter	E não podia mesmo existir preto mais misterioso do que Júlio Dandão, mestre do saveiro Lidador , tudo nele parece segredo ou disfarce.	And there really could not be a more mysterious black than this Júlio Dandão, master of the lighter Lidador , about whom everything seemed to be concealed or disguised.
	Boat's master	Budião mastigou o peixe e a farinha tão rápido quanto possível porque queria falar, talvez aquele homem fosse o mestre do saveiro , embora não parecesse.	Budião chewed the fish and flour in his mouth as fast as he could so he would be able to speak, maybe that man was the boat's master , although he did not seem to be.
	Master of this boat	-Não sou negro de ninguém, camarada - disse Budião vosmecê o mestre do saveiro ?	"I'm nobody's Negro, friend," Budião said. "Are you the master of this boat ?"
Mestre	Boatmaster	Budião não tinha notícia direta de ninguém que tivesse conversado com esse mestre Júlio, o qual, quando estava aqui, nunca saía do saveiro, passava o tempo todo dentro da tolda, abanando o borralho aceso para assar ou defumar pescado, ou senão remexendo por dentro das cavernas do barco sem parar.	Budião did not know anyone who had ever talked to this boatmaster Júlio Dandão, who never left his lighter when he was here, and spent most of the time in his cabin, fanning a brazier to grill and smoke fish or poking around ceaselessly inside his cavernous boat.
Mestre das armas	Lord of arms	Ogum, senhor do ferro, mestre das armas , cujo nome é a própria guerra, deteve seu vôo no céu e disse ao irmão as seguintes palavras:	Ogoon, master of iron, lord of arms , whose name is war itself, halted his flight in the sky and said to his brother the following words:
	Master of tools	— <i>Og-um-ê</i> , salve, rei do ferro, mestre das armas , invencível no combate, cujo nome é a própria guerra, chegas a nós como a salvação!	"Ogoon-eh, hail, king of iron, master of tools , invincible in combat, whose name is war itself.
	Master of arms	Uma mão paraguaia apoderou-se do hastil, uma lançada no peito derrubou o Cabo Benevides e já o inimigo se preparava para amarfanhar o pavilhão intocável quando Ogum, senhor das batalhas, mestre das armas , cujo nome é a própria guerra, disparou do alto e arrebatou a bandeira numa puxação que por um	A Paraguayan hand seized the flagstaff, a lance blow to Corporal Benevides's chest felled him, and the enemy was about to rump the untouchable banner, when Ogoon, lord of battles, master of arms , whose name is war itself, shot down from on high and yanked away the flagstaff with a tug that for a moment made it flutter among the clouds.

		momento fez com que ela tremulasse entre as nuvens.	
Gangana	Great mother	Recebeu, mãe gangana , chegou ele?	"Did you receive him, great mother , is he here?"
	Mother	— Recebeu, gangana véia-véia?	"You received him, great old-old mother ?"
Marcadores Culturais do Domínio Material			
Gamela	Bowlful	Vu, a filha mais velha do caboco, ficou contente quando Sinique comeu um pedacinho de Aquimã, aliás não só um pedacinho, mas quase uma gamela cheia de caminha moqueada muito bem moqueadinha, com pirão de aipim.	Vu, the caboco's eldest daughter, was pleaded when Seeneeky ate a little piece of Ackee-mun, not really just a little piece but almost a bowlful of very nice sun-dried meat with cassava mush.
Caleça	Carriage	Empinou a grande pança, farejou os ares, certificou-se com um olhar de que a caleça atrelada a um par de cavalos brancos, corpulentos e castrados estava de prontidão no lugar que ordenara, com os dois pretos cocheiros espigados na boléia, de roupas também pretas e colarinhos duros que lhes chegavam quase às orelhas.	He raised his massive paunch, sniffed the air, made sure with; one glance that his carriage, hitched to a pair of corpulent white geldings, was waiting at the place he had ordered, with the twit black coachmen sitting stiff-backed in the driver's seat, their clothes also black and their rigid collars coming up almost to their ears.
Chibata	Rod	Mas não há de ser nada — acrescentou com um riso obscuro, passando a mão gorda e peluda pelo traseiro de Feliciano —, pois destes cus da tua família ainda não tive cá o meu quinhão completo, e chegará o dia em que te chamarei a meu quarto para que te ponhas de quatro pés e te enfie toda esta chibata pelo vaso de trás, que nisto lá há de ser bom.	But no harm done," he added with an obscene laugh, rubbing his fat, hairy hand over Feliciano's backside, "because I have not yet had my full share of your family's arses, and the day will come when I will call you to my room so you can go down on all fours while I stick all of this rod of mine into your fundament; you should be good at it.
Caieira	Kiln house	Muito bem, a menina nasce, aprende a andar e todos os dias vai com o pai para o trabalho na caieira e aprende todos os trabalhos da caieira.	Very well, the girl is born, learn to walk and every day she goes with her father to work at the kiln house, and she learns all the works of the kiln house.
Cacete	Club	Não se viu quem deu o primeiro golpe, mas Leléu sabia que ia brigar e então, assim que um deles se mexeu, trocou o cacete de mão sem que se percebesse e, com duas porretadas nas costelas, derrubou o da frente.	No one saw who struck the first blow, but Leléu knew he was getting into a fight, and as soon as one of them moved, he switched the club to his other hand so fast no one noticed, and knocked down the one out in front with two thumps on his back.
Canastra	Chest	Dandão olhou para dentro da canastra , pôs-lhe a mão na tampa, quase fechando-a de volta.	Dandão looked inside the chest and put in is hand on the lid, almost shutting it back.
Porrete	Club	Leléu passou a mão no porrete , agarrou-o firme.	Leléu felt for his club and gripped it hard.
Trinchete	Blade	— Maldita Companhia! — vociferou Zernike, enfiando o	"Damn the Company!" Zernike blurted out, sticking his blade in the

		trinchete na terra fofa com violência.	soft earth with a vengeance.
Tamborete	Stool	Dadinha, sentada num tamborete com as pernas escarrapachadas e sacudindo o corpo de riso, disse que deviam ter dado miolo de boto a ele em pequeno para ter ficado maluco assim, já velho e ainda sem nenhum juízo.	Sitting on a stool with her legs wide apart and her body shaking with laughter, Dadinha said that someone must have given him the brain of a porpoise to eat when he was little, for him to have become crazy like that, already old and still acting like a child.
Araçanga	Araçanga	— Aaaah! — gritou outra vez, parando os tambores invisíveis diante da menina, a boca muito aberta, o braço direito levantado e encompridado pela araçanga .	"Aaaah!" he shouted again, stopping his invisible drums in front of the girl, his mouth open wide and his arm made longer by the araçanga .
Fifó	Lamp	Entrou no quarto pequeno carregando um fifó de alça, encostou o lume nos quatro pavios da aranha de ferro pendurada do teto e foi remexer nos guardados.	He went into the small room carrying a lamp , touched its flame to the four wicks of the spiderlike fixture hanging from the roof, and started rummaging through his belongings.
Taboca	Bamboo	E ia continuar a ensinância da sabedoria dos matos, quando estacou à beira de uma touceira de tabocas e apertou	And he was about to continue teaching the wisdom of the woods, when he halted by the edge of a bamboo thicket and squinted.
Ariaxé (banho de cheiro)	Aree-ashay,	Banho de cheiro, ariaxé , bote nele arruda, bote marvarrosa, mangiricão, vassourinha, bote alecrim, toque fogo na páia, faça incenso, defume bastante, pronto.	A bath in scented water, an aree-ashay , put rue leave in it, put hollyhock, basil, broomwort put rosemary, and after they are dry burn them, make like incense, fumigate very much, and it is done.
Vatapá Cangerê	Vatapá Cangerê	Saravá, meu pai, é vatapá , cangerê , pra Ioiô, esquidô-esquidô!	Saravá, heh, vatapá , cangerê , Ioiô, esquidô-esquidô!
Aluá	Alooah	— Sim, bebidas de pobre também. Aluá de abacaxi[...]	"Yes, poor people's drinks too. Pineapple alooah."
Moqueca	Miscellany of fish	— Quanto quer na bela moqueca meu caro Sarigüê, quanto quer meu nobre Rato Gazo?	"How much do you ask for that fine miscellany of fish , my dear Possum, how much, my dear Blond Rat?"
	Combination of fish	— Meu bom homem, meu grande pescador brasileiro, mecê apresenta uma moqueca dessas, coisa de reis e rainhas nesta rampa de mercado, e mecê quer um cruzado por tal belíssimo banquete?	"My good man, my great Brazilian fisherman, Your Honor presents a combination of fish of this caliber, something for kings and queens on this market's lamp, and Your Honor asks one crusado?"
Dendê	Oil-palm nuts	E, quando lhe disseram que chegou, deu um psiu para ele, Nicodemo, que estava pelo caminho, carregando um caçoá na cabeça com dois cachos de dendê , cada cacho assim, aquilo num peso que chega vinha ele afundando naquele barro mole da chuva, não sabe, deu um psiu e disse: larga esta merda aí, deita no chão, anda!	And when they said yes, he said "Pst!" to Nicodemo, who was walking down the footpath carrying on his head two bunches of oil-palm nuts in a pannier, and really big oust too, heavy enough to make his feet sink into the rain-soaked ground.
Dendezal	Oil palm patch	Resolvera tudo tão rápido que	It all had happened so fast that he

		nem pensara direito no que ia fazer e, escondido de novo do dendezal , mas desta vez não para chorar e sim para ficar de olho nos quatro brancos, perguntou a si mesmo se tinha certeza de que queria matar aqueles homens.	had not really made up his mind about what he was going to do, and hiding once again in the oil palm patch , this time not to cry but to keep an eye on the four whites, he asked himself if he was sure he wanted to kill those men.
Buchada	Tripe	Dos miúdos prepararam ensopado, moqueca de miolo bem temperada na pimenta, buchada com abóbora, espetinho de coração com aipim, farofinha de tutano, passarinha no dendê, mocotó rico com todas as partes fortes do perônio e sanguinho talhado, costela assada, culhõesinhos na brasa, rinzinho amolecido no leite de coco mais mamão, iscas de fígado no toucinho do lombo, faceira e orelhas bem salgadinhas, meninico bem dormidinho para pegar sabor, e um pouco de lingüiça, aproveitando as tripas lavadas no limão, de acordo com as receitas que aquele mesmo padre havia ensinado às mulheres da Redução, a fim de que preparassem algumas para ele.	With the giblets they made a slumgullion, a brain stew in palm oil, well spiced with red peppers, tripe with squash, heart bits on a skewer with boiled cassava, broiled testicles, kidneys softened in coconut milk and papaya, liver tidbits fried in loin fat, deep-salted face parts and ears, chitlins left, overnight in seasonings to enhance their taste, and a few sausages made by stuffing the guts after cleaning them with lemon, according to the recipe that very same priest had taught the reduction's women so they could make some for him.
Pirão de aipim	Cassava mush	Vu, a filha mais velha do caboco, ficou contente quando Sinique comeu um pedacinho de Aquimã, aliás não só um pedacinho, mas quase uma gamela cheia de caminha moqueada muito bem moqueadinha, com pirão de aipim .	Vu, the <i>caboco's</i> eldest daughter, was pleaded when Seeneeky ate a little piece of Ackee-mun, not really just a little piece but almost a bowlful of very nice sun-dried meat with cassava mush .
Pirão de copioba	Manioc flour mush	O peixe, só levava uns para fazer um caldo de resguardo para Roxinha, para fazer frito, fazer escaldado com pirão de copioba e quiabo, maxixe, abóbora e bananinha-da-terra - sim senhor!	As for the fish, he was going to take just a few of them with him to make a sick person's broth for Roxinha, to fry, to make a stew with manioc flour mush and okra, gherkin, squash, and plantain — yes sir!
Pirão	Mush	Fizeram escaldado com pirão afogado na pimenta.	They made a stew and had it with mush steeped in a hot pepper sauce.
	Bread	Farinha pouca, meu pirão primeiro!	If there's little hour, my bread comes first.
Cachaça	Cachaça	— É, eu vou ter o instante de fraqueza — disse alto, e pescou uma garrafa de cachaça empoeirada de dentro de um cesto atufado de palha de bananeira.	"Yes, I'm going to slaver a moment of weakness," lie said aloud, and fished a dusty bottle of cachaça out of a basket packed with dry banana leaves.
	Rum	Arrumou todos os preceitos, pôs uma mão na testa e com a outra levantou uma quartinha de cachaça até a boca, puxou-lhe a rolha com os dentes e tomou vários goles compridos.	She arranged all her objects, put one of her hands on her forehead and with the other lifted a jug of rum to her lips pulled out the cork with her teeth, and rook several long swigs.

	Liquor	Desgraçados, tomara que a cachaça pegue mais as cabeças deles do que já pegou, tomara que demorem bastante, demorem muito para içar as velas e manobrar pela barrinha!	A curse on them — may the liquor go to their heads more than it already has, may they take a long time, a very long time, to hoist the sails and maneuver around the little bar!
	Firewater	E a comida do mar, mais que toda outra, não se limita à sustança, mas seus humores marinhos irrigam as vísceras de princípios eróticos, os quais por sua vez são acicatados pelo vinho do Porto dos ricos, o moscatel dos remediados e a cachaça dos pobres.	And seafood, more than any others does not limit itself to sustenance, but its marine humors irrigate viscera with erotic principles, which in their turn are goaded by the rich man's port, the commoner's muscatel, and the poor man's firewater .
	Sugarcane rum	E dissessem o que bem lhes aprouvesse, ele era que não ia se incomodar como não se incomodou com o olhar de Lindaura de Jacinto quando entrou na quitanda do marido dela e pediu uma botija — uma botija não, um botijão — de cachaça , suor de alambique mesmo, coisa de fazer o bafo do bebedor pegar fogo na hora de acender o charuto, coisa de macho mesmo.	And let them say whatever they pleased; he wouldn't give a hang, just as he didn't gave a hang about the look from Lindaura of Jacinto, when he went into her husband's grocery stall and ordered a jug — not really a jug, almost a pot — of sugarcane rum , real sweat from the still, something to make the drinker's breath catch ere when he lit his cigar, something for a real man.
	Booze	O brasileiro é mulher, cachaça , futebol, carnaval e molecagem, esta é que é a verdade.	Brazilians are women, booze , soccer, carnival, and dirty blokes, you allow that.
	Get drunk	Bote na mão de um brasileiro um terreno, bote na mão de um japonês outro igualzinho e você vai ver que, dentro de um ano, o japonês está rico e o brasileiro já vendeu o terreno para tomar cachaça e fazer filhos, esta é que é a realidade.	Give a piece of land to a Brazilian, give another one just like it to a Japanese, and you'll see that within a year the Japanese will be rich and the Brazilian will have sold his plot to get drunk and make children; that's the reality. It's a question of character, of mentality.
Camarinha	Little chamber	— O general, o general continua lá na camarinha ?	"The general, is the general still in the little chamber ?"
Senzalas	Slave quarters	Na senzala , Turíbio entrou depois de muitos meneios e idas e vindas, risadas debochadas, medidas aos presentes, algumas cantigas cujas palavras não mais entendia, mas repetia com a expressão copiada dos velhos que as ensinaram.	Turíbio entered the slave quarters after many wiggles, comings and goings, rascally laughs, curtsies to all present, and a few songs, which he no longer understood but repeated in the manner copied from the old people who had taught them.

Casa-grande	Main house	Até mesmo quando, com o pai já capturado, preso e acusado de traição, encontrou o ouro em pó que se dizia estar enterrado ilegalmente nos fundos da casa-grande do engenho, guardou a maior parte do que achou em segredo e levou um punhado às autoridades, como triste evidência de que sua família era efetivamente tudo de mau que se dizia dela e até um pouco mais.	It had been easy even when, after labs father had been placed under arrest and charged with treason, he found the gold dust that was rumored to be buried illegally in the backyard of the sugar plantation's main house and secretly kept most of it, taking a fistful to the authorities as sad evidence that his family was really as bad as it was said to be, perhaps worse.
	Manor	Certamente tudo isso, mais a inhaca de seiscentos demônios, começa agora a envolver o cortejo sóbrio e compassado que lá vem, dobrando o fim da longa senda que desce da casa-grande e tornando o caminho de terra paralelo à praia.	Certainly all this, plus the malodor of six hundred devils, now begins to envelop the austere, ponderous procession that yonder comes, turning at the end of the long path that winds down from the manor and taking the dirt strip parallel to the beach.
Engenho	Sugar plantation	Sabia que, ao subir à caleça para voltar à casa-grande do engenho , teria vontade de procurar, nas roupas dos negros, nos bancos e nas coberturas, manchas de resina pingada da mangueira e, se as encontrasse, poderia perder a cabeça novamente, como cada vez mais lhe acontecia com os pretos.	He knew that when he climbed up to the carriage to return to the sugar plantation , he would want to look for stains made by resin dripping down from the tree on the blacks' cloches, the seats, and the roof, and if he found them he might lose his temper again, as happened more and more often when he dealt with blacks.
	Sugar mill	— Não, não vou para o engenho agora — respondeu Perilo Ambrósio, depois de algum tempo em silêncio, ouvindo o negro repetir "leça-leçá" e fazer com os braços os gestos de quem carrega alguma coisa com cuidado.	No, I am not going to the sugar mill now, Perilo Ambrósio answered after a while, hearing the black repeat "cadge-cadge" and watching him make the gestures of someone who is carrying something gingerly.
	Plantation	Era para ser vendido, terminou ficando no engenho da família cuja marca lhe ferraram no peito, gente bondosa e de caridade, que tratava bem o negro bom e castigava com leveza.	He was supposed to have been sold off, but he ended up staying on the plantation of the gold family whose mark they had branded on his chest, kindly, charitable people who treated Negroes well and gave light punishments.
	Plant	[...] ele aguardavam o regresso do escaler à praia da Conceição, detestava a idéia de fingir interesse pelos festejos de Santo Antônio no engenho de frigar, detestava repetir explicações tediosas sobre a armação das baleias, as plantações e os escravos, [...]	[...] the gig to return to the beach, he detested the idea of pretending to be interested in the feast of Saint Anthony at tike blubber-melting plant , he detested having to repeat tedious explanations about the whale fishery, the plantations, and the slaves, [...]

	Mill	Estava ali às quatro da manhã somente por precaução, porque queria fazer uma última visita a todos os pontos a que levariam os convidados, pois seria ele quem, a um gesto imperioso e enfastiado do barão, teria de explicar todo o funcionamento da Armação, do Engenho , das plantações e de tudo mais de que quisesse informar-se o Cônego Visitador ou qualquer dos outros hóspedes.	He had come here at four in the morning just as a precaution, because he wanted to pay one last visit to all the places the guest would be shown, for it would be he who, at the baron's imperious, weary beckoning, would have explain the functioning of the fishery, the mill , the plantations, and anything else of which the visiting canon or the other guests cared to be informed
	Grinder	Defronte, acororado junto ao engenho de moer, Júlio Dandão, a cara somente adivinhada entre o chapéu e a pele de carneiro que lhe subia pelo pescoço.	In front of him, crouching near the grinder , was Júlio Dandão, his face only to be guessed between his hat and the sheepskin coming up to his neck.
Maloca	Hovel	Maloca do caboco Capiroba, 26 de dezembro de 1647.	Caboco Capiroba's hovel , December 26, 1647.
Apicum	Swamps	Tanto assim que, antes de a noite baixar, os portugueses, agora muito senhores da ilha outra vez, depois que os flamengos fugiram à notícia da vinda da esquadra de João IV, entraram facilmente no apicum , aproveitando a maré alta e passando em catraias de fundo chato por cima da água rasa que cobria a lama.	And indeed before Nightfall the Portuguese — now unquestioned masters of the island again after the Flemish fled at the news of the coming of João IV's armada — negotiated the swamps with ease, taking advantage of the high tide and passing in flat-bottomed shallops over the shallow water that covered the mud.
	Sandbank	O caboco se acostumara à segurança de seu apicum , esquecera das marés e dos barcos e não avaliava ainda o que significavam os cachorros mateiros que agora vinham juntos com os portugueses, bichos barulhentos e sem pelagem certa, de dentes como os de uma onça, a qual tinha medo	The <i>caboco</i> had grown used to the safety of his sandbank had forgotten about tides and boats, and could not guess the meaning of the hunting dogs that accompanied the Portuguese, noisy beasts with odd-colored fur and teeth like a jaguar's.
	Marsh	Muito silêncio mesmo, a maré baixa descobrindo o apicum sem fim que ia dar na Ilha dos Porcos, o resto de uma faixa carmim quase apagado no céu, um friozinho molhado, os morcegos de frutas avoaçando baixo e de vez em quando se agrupando em bandos na direção das nuvens e da mata cerrada, os vaza-marés e outros caranguejinhos de plantão à porta de seus buraquinhos, a enchente começando a lambar a borda do mangue, um luzinho bruxuleando na porta da casinha que ficava embaixo do coqueirão, uma vontade mansa, meio boba, meio sem pé nem cabeça, de que aquilo tudo parasse, que não fosse necessário fazer mais nada,	A very ample silence, with the low tide uncovering an almost endless marsh that went as far as the Island of Pigs, the remnants of a crimson strip about to fade in the sky, a damp coolness, big fruit bats fluttering low and now and then, flying together in large groups the direction of the clouds or the dense forest, fiddlers and other small crabs standing at attention by the entrances to their holes, the oncoming sea beginning to lick the borders of the swamp, a faint light glimmering at the door of the little house under a coconut tree, an easygoing, rather silly, rather senseless wish that all that would stop, that it were no longer necessary to do anything, almost as if one's soul could leave the body, and the body

		quase como se a alma saísse do corpo e este se tornasse uma estátua e aquela não mais que um vento que a tudo se abraçasse e a nada se prendesse.	become a statue, and the soul no more than a wind embracing everything and clinging to nothing.
Quitanda	Grocery	Ganhou carta de alforria na festa de Natal, ganhou também uma leira, plantou muita verdura graúda estrumada bem estrumada, aquilo chegava a estufar e algumas rebrilhar, fez barraca no mercado, fez quitanda , vendeu e revendeu, entabou muiíssimos negócios em todas aquelas partes, em Salinas, em Cachoeira, em Maragogipe, em Vera Cruz, na Ponta das Baleias, em Nazaré das Farinhas, comprou jegue, comprou carroça, emprestou dinheiro a prêmio, enterrou uma caixa de patações num lugar marcado que só ele sabia. Iaiazinha, morreu, acharam que a leira era demais para ele, tomaram a terrinha de volta.	He won his emancipation papers at Christmastime, won a patch of land too, manured it very thoroughly, planted good, big-sized vegetables that seemed to shine and puff out, built a stall in the market, set up a grocery , sold and resold, struck all kinds of deals in all those parts, in Salinas, in Cachoeira, in Maragogipe, in True Cross, in Whale Point, in Nazaré das Farinhas, bought a donkey, bought a cart, loaned money at interest, buried a box of silver coins in a marked place that only he knew how to find. His missy died, they decided his patch was too much for him, they took it back. Was Black Leléu discouraged?
Trapiche	Warehouse	Amanhã, sem falta, estaria no trapiche velho, ali por trás dos fardos de piaçaba, que faziam uma parede natural.	Tomorrow without fail he would be at the old riverside warehouse , behind the piassava bales that served as a wall.
Peji (altar)	Place of offerings	Onde está o meu peji ?	Where is my place of offerings ?
Terreiro	Cults	Que vinha fazer tão longe de seus terreiros e de seu povo, aqui onde não há orixás, mas outras entidades, monstros de cabeça de boi e corpo de serpente com rabo de navalha, segundo contam os homens destas paragens, bem como os argentinos e os orientais?	What was he doing so far from his cults and his people, here where there are no orishas but other entitles, monsters with ox heads and razor-tailed, serpentlike bodies, according to what is told by the men from these parts, as well as by the Argentines and the Easterners?
	Yard	Sim, não eram os mesmos, esses negros antes foliando no terreiro da capela e agora espalhados em pequenos grupos aqui e ali na capoeira.	No, they were not the same, those blacks previously frolicking at the yard and later dispersed in little groups here and there on the clearing.
Tamborins	Tambors	Não era mais tamborins , eram os ilus , arrumados com seus bilros madeira como uma guarda armada; não eram mais os ganzá eram os amelês , ornados de contas e fitas; a cabaça se chama agüê , o chocalho adjá , e o som da buzina agora era o da flauta afofié ; e o tambor rum e o grande tambor batacotô , de fama guerreira, e mais todos os instrumentos que lembraram, de suas terras ou de seus mais velhos, para construí-los aqui,	There were no longer any tabors , there were ilus poised with their wooden pegs like an armed guard; there were no longer any rattles , there were amelês , adorned with beads and ribbons, the gourd was now called aguê , the metal rattle adjá , and the sound of a horn now came from the flute afofié ; and there were also the drum rum and the great drum batacotô , of war fame, and all the other instruments they remembered from their lands or from the teaching of their elders to build
Ilus	Ilus		
Ganzás	Rattles		
Amelês	Amelês		
Cabaça	Gourd		
Ágüe	Ague		

Adjá	Adjá		
Afofié	Afofié		
Batacotô	Batacotô		
Agogôs	Bells	Mas o cônego não quis assistir a nada daquilo, porque o estridor dos atabaques, dos agogôs e dos ganzás lhe dava dor de cabeça, e perguntou como podiam suportar tamanha zoeira, atordoante função avernal, após os píncaros a que os tinha transportado a serafina da capela.	But the canon refused to see any of that, because the din of the drums, tin bells, and rattles gave him a headache, and he asked how they could endure such a cacophony, a maddening exhibition of hell after the heights to which they had been elevated by the chapel's harmonium.
Saveiro	Boat	Foi por essas razões que Budião estranhara muito quando, sem quê nem para quê, Júlio Dandão fizera sinal para ele na hora em que o saveiro estava para atracar no cais da Armação, ontem mesmo.	Those were the reasons why Budião was greatly surprised when Júlio Dandão had suddenly signaled him as his boat was about to dock at the fishery's pier only yesterday.
	Lighter	Budião não tinha notícia direta de ninguém que tivesse conversado com esse mestre Júlio, o qual, quando estava aqui, nunca saía do saveiro , passava o tempo todo dentro da tolda, abanando o borralho aceso para assar ou defumar pescado, ou senão remexendo por dentro das cavernas do barco sem parar.	Budião did not know anyone who had ever talked to this boatmaster Júlio Dandão, who never left his lighter when he was here, and spent most of the time in his cabin, fanning a brazier to grill and smoke fish or poking around ceaselessly inside his cavernous boat.
	Pinnace	Nasceu quase dentro do saveiro em que viajavam para a Encarnação e ninguém contava com isso pois pelas contas ela era para nascer em março.	She was born practically on the pinnace that was taking them to Incarnation Village, and no one was expecting that because by all reckonings she was supposed to be born in March.
Tolda do saveiro	Cabin	Já do alto do molhe, Budião podia ver a pele de carneiro de Júlio Dandão movendo-se na escuridão da tolda do saveiro , como um fantasma numa gruta.	From high up on the wharf, Budião could see Júlio Dandão's sheepskin moving within the cabin's darkness like a ghost in a cave.